PÁG. 3: MARCEL NIEDERGANG ESCREVE SOBRE OS E. U. A. E A AMÉRICA LATINA

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 1969 N.º 16 765 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

POSTO EM CAUSA O DESTINO DE JERUSALÉM

BEIRUTE, 22 — (R.) — Os Estados árabes cuja confusão política os tem gravemente enfraquecido na sua confrontação com Israel, mostravam-se hoje unidos, ultrajados pelo incêndio da mesquita de Al-Aksa, em Jerusalém, um dos santuários mais sagrados do Islão. Quer o fogo tenha sido causado pelos israelitas, como os árabes alegam, ou tenha sido ocidental, como afirma Israel, o incêndiio, que se registou ontem, inflamou os sentimentos religiosos do mundo muçulmano.

Ulemas (chefes religiosos) da Jordania pediram uma «jihad» (guerra santa) pelas forças armadas do país, a fim de recuperar a mesquita incendiada.

O rei Hussein e Haj Amin Al-Husseini, antigo «mufti» de Jerusalém, pediram a realização imediata de uma conferência de alto nível muçulmana para considerar o incêndio da mesquita e o destino de Jerusalém, que é sagrada tanto para

(Continua na 9.ª página)

No suplemento **MESA REDONDA**

A SITUAÇÃO DO TEATRO PROFISSIONAL

Tema do debate em que participaram CARLOS PORTO, COSTA FERREIRA, JOSÉ VIANA, MÁRIO JACQUES, VARELA SILVA, VASCO MORGADO e JOAQUIM BENITE (moderador)

O FURACÃO «CAMILLE» deixou atrás de si um rasto de destruição que abrangeu uma vasta área, no Sul dos Estados Unidos. Na gravura podem ver-se habitações de Gulfpor (Mississipi) completamente desmanteladas. Um elemento da Guarda Nacional patrulha a rua a fim de evitar a pilhagem

Inundações provocadas pelo furacão «Camille»

RICHMOND (Virginia), 22 — (R.) — Soldados da Guarda Nacional, ajudados por 500 voluntários, estão a juntar altas pilas de sacos de areia e a construirem diques para poderem controlar as inundações que já mataram cerca de 40 pessoas no Estado de Virgínia.

Tem estado a ser exercida grande vigilância sobre as águas do rio James, que esta madrugada se anunciou continuarem a subir devido ás chuvas diluvianas caídas ontem nas áreas de montanha e provocadas pelo furacão «Camille». As águas descem perigosamente para as áreas mais baixas.

A RETIRADA AMERICANA DA TAILÂNDIA VAI SER NEGOCIADA

BANGKOK, 22 — (R.) — Dentro de poucos dias a Tailândia iniciará negociações com os Estados Unidos para a retirada de 48 000 soldados norte-americanos estacionados no país — afirmou hoje o ministro dos Negócios Estrangeiros, Thanat Khoman.

O ministro Thanat disse aos jornalistas que a retirada tinha como efeito a certeza de que os soldados dos Estados Unidos não se envolveriam nas operações cntra guerrilhas comunistas.

O ministro disse que «leaders» americanos, como o senador William Fulbrigt e outros, pareciam aparentemente não acreditar nas declarações repetidamente feitas pelos «leaders» tailandeses de que os militares americanos, principalmente os aviadores, não estavam na Tailândia para ajudar o Governo do país a lutar contra os comunistas.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

(Ler na pág. 2)

HOJE 32 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

Edição da noite

Ver a Continuação na Última

FERNANDO MENDES (BENFICA) GANHOU NAS CALDAS DA RAINHA E É «CAMISOLA AMARELA»

(LER NA ÚLTIMA PÁGINA)

Uma «gracinha» de Joaquim Agostinho: na teleobjectiva foca o sorriso galato do seu colega de equipa Leonel Miranda, enquanto o portista Mário Silva assiste divertido

Os estudantes estagiários da Ford desenham o «carro de cidade»

Um modelo revolucionário do carro de cidade, o qual pode voltar no espaço ocupado pelo seu próprio tamanho, foi planeado por um estudante de 23 anos, num curso sobre desenhos de automóveis levado a efeito pela Ford Britânica.

Dawson Sellar, um dos dois estudantes que acabam de terminar o seu curso no «Royal Colleg of Arts», de Londres, foi recentemente convidado pela direcção da Ford para demonstrar o seu veículo protótipo.

O carro que tem apenas 1,65 m de comprimento por 1 28 m de largura dispõe de três rodas, duas colocadas num dos lados do carro e a outra no lado oposto.

A direcção actua sobre as duas rodas do lado esquerdo e pode virar sobre o seu próprio eixo. Pode também atingir velocidades de 64/72 km por hora e dispõe de um motor de 6 H. P. de 150 cc. Não se torna necessária a marcha atrás.

«Desejei produzir algo que oferecesse reais vantagens», declarou Dawson. «Julgo que um carro de cidade é a resposta exacta aos problemas de congestionamento de tráfego.»

O carro de cidade inventado por Dawson pode transportar duas pessoas adultas e também parquear num espaço de 25 cm maior do que o seu próprio tamanho.

O sr. Fred Ray, director de Engenharia da Ford, declarou: «O sr. Sellar soube combinar perfeitamente a velocidade com a facilidade de manobra, e fiquei impressionado com a maneira como foi produzido um veículo tão funcional.

«Embora não seja intenção da Ford adoptar este modelo para fins comerciais, estou certo que virá a ter uma enorme aceitação, não como carro de cidade, mas para utilizar em grandes fábricas, aeroportos e outros fins semelhantes.»

Necrologia

FALECIMENTOS

Alfredo da Silva Leitão

SANTARÉM, 22 — Faleceu, ontem, e vai amanhã a enterrar o conhecido comerciante desta cidade, benemérito de várias instituições e associativista persistente que era o sr. Alfredo da Silva Leitão, de 74 anos, daqui natural, e que há meses se encontrava doente.

Alfredo da Silva Leitão

Alfredo da Silva Leitão foi um escalabitano que pela sua cidade se bateu com inteligência, com coragem, com persistência, e muitos melhoramentos se ficam a dever a esse homem que ora desapareceu, legando aos seus um nome de todos respeitado.

Nascera em 1 de Agosto de 1895, e há muitos anos fundara a firma Alfredo da Silva Leitão & Filhos, das mais acreditadas de Santarém.

A par da sua actividade comercial, Alfredo Leitão consagrou-se a instituições e iniciativas que muito valorizaram Santarém. Entre outras instituições, a Santa Casa da Misericórdia, o Asilo de Santarém, os bombeiros e «Os Leões» de Santarém, de que era o sócio n.º 5, muito lhe devem.

Fez, também, parte da comissão que, em 1936, lançou a Feira Distrital do Ribatejo, que é hoje a Feira Nacional de Agricultura.

Deixamos para o fim a actividade em que Alfredo da Silva Leitão se destacou, igualmente, e que ele sentia como poucos. Referimo-nos ao jornalismo. Dedicado correspondente da Imprensa, Alfredo da Silva Leitão era um modelo de noticiarista da província, útil aos jornais para onde trabalhava e á terra em que actuam. No «Diário de Lisboa», de que foi correspondente durante muitos anos, até agora, ficou bem patente o seu sentido da notícia, o seu espírito de dedicação.

Alfredo da Silva Leitão era viúvo e pai dos srs. Tomás Alfredo Neto Leitão e Francisco José Neto Leitão, sogro das sr.as D. Constança Ramalho Leitão e D. Lídia Varela Espírito Santo Leitão, e avô dos srs. Rui Alfredo Leitão estudante universitário; José António Espírito Santo Leitão, estudante liceal, e do menino Francisco José Espírito Santo Leitão, aluno liceal.

O funeral realiza-se amanhã, ás 13 e 30, da capela do hospital da Misericórdia para jazigo no cemitério dos Capuchos, em Santarém.

À família enlutada apresenta o «Diário de Lisboa» sentidos pêsames.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

COZINHA VELHA
QUELUZ — Telefone 950232

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado, dia 23, as nossas «SALAS» e «Terraço», se encontram totalmente reservadas para um «Lanche de Casamento», não sendo possível servir neste dia os habituais almoços, chás e jantares.

A DIRECÇÃO

Agradecemos que as reservas de mesas para os jantares sejam feitas até às 19 h.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Não foi ainda dominado o incêndio no poço da Petrangrol

LUANDA, 22 — (L.) — O incêndio que ás 4 horas de anteontem deflagrou no poço QN-14, no campo de Quenguela Norte, na bacia do Quanza, encontra-se limitada á zona do poço mas ainda não foi dominado. Entretanto foram tomadas todas as providências necessárias, aguardando-se ainda hoje a chegada de dois técnicos da firma Red Adair, especializada no combate contra incêndios desta natureza — revela um comunicado aqui distribuído pela Companhia de Petróleos de Angola.

Segundo o mesmo comunicado, o incêndio teve origem num acidente ocorrido naquele poço e que destruiu uma sonda Failling, propriedade da Petrangol, que ali estava em serviço para instalação de um equipamento de produção.

O acidente foi ocasionado pela explosão de um dos motores da sonda, motivado pela acumulação de gás proveniente de uma erupção, através do tubo que estava a ser descido no poço, resultando daí o incêndio que rápidamente se propagou á instalação.

Os restantes poços do campo de Quenguela Norte número 23 assim como as demais instalações do campo — como revela o comunicado — não foram afectados pelo acidente, mantendo-se, portanto, o ritmo de produção anterior ao acidente, visto que o poço QN — 14 já se encontrava fechado há cerca de um mês. Felizmente não há a lamentar desastres pessoais.

O TUFÃO «CORA» ATINGIU O JAPÃO

TÓQUIO (Agosto), 22 — (R.) — O tufão «Cora», com rajadas de 160 quilómetros por hora, atingiu hoje o sul do Japão, causando um morto e 87 feridos e deixando no seu rasto centenas de casas destruídas.

Depois de ter atingido a ilha de Kyushu, no extremo sul do Japão, o tufão flagelou em seguida a ilha de Shikoku, onde imobilizou completamente os transportes.

Os serviços meteorológicos de Tóquio dizem não haver indícios de que o tufão «Cora» esteja a perder força pelo que deverá atingir amanhã a principal ilha do arquipélago japonês, Honshu.

Incidente em Jerusalém onde jovens árabes tentaram manifestar-se

JERUSALÉM, 22 — (R.) — Soldados israelitas dispararam tiros com pontaria alta para afugentar centenas de jovens árabes que tentaram manifestar-se perto da mesquita de Al Aksa, que ontem foi danificada por um incêndio.

O incidente registou-se pouco depois das orações do meio-dia na mesquita, que é um dos templos mais sagrados do Islão.

Grupos de manifestantes avançaram para um dos portões de acesso ao vasto recinto que rodeia o templo e nessa altura, os soldados israelitas de guarda aos acessos dispararam as suas armas automáticas em rajadas por cima das cabeças dos manifestantes.

A Polícia Militar israelita tinha sido colocada de guarda em volta da mesquita para evitar quaisquer incidentes provocados por árabes indignados com o incêndio.

As acusações árabes de que o fogo foi deliberado foram rejeitadas já pelo Governo israelita como difamatórias.

Esta manhã reinava um silêncio carregado de tensão no interior da Cidade Velha, quando centenas de fieis muçulmanos penetraram no pátio da mesquita, para as orações do meio-dia.

Os jovens manifestantes avançaram para a mesquita gritando «Nasser, Nasser», e agitando bandeiras dos movimentos nacionalistas árabes.

Quando os soldados israelitas dispararam, os manifestantes atiraram pedras obrigando os soldados a protegerem-se no interior do pátio e encostados ás paredes. Aparentemente não se registaram baixas.

CONTINUA POR IDENTIFICAR O CADÁVER DESCOBERTO NA CRUZ QUEBRADA

Continua por identificar o cadáver encontrado na praia da Cruz Quebrada no dia 26 de Junho.

O cadáver foi primeiro conduzido ao Instituto de Medicina Legal como sendo o do sr. Jerónimo da Conceição Caetano. Mas, apesar de até se ter procedido ao funeral, descobriu-se que o sr. Caetano estava bem vivo em sua casa em Almada.

Alguns dias mais tarde, apurou-se que o cadáver pertencia a um jovem de nome João Marques.

Até agora ainda não foi possível apurar-se nada mais do que isso, estando a fazer-se diligências, por parte da Polícia Marítima, junto da Procuradoria da República de Gouveia, onde aquela Polícia pensa poder apurar algo de novo.

MASSACRE DE CAÇA EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 22 — (L.) — Um grupo de caçadores e os seus ajudantes, ao que parece todos de nacionalidade sul-africana, a avaliar pelas marcas das latas de cerveja e pontas de cigarro que deixaram nos locais por onde passaram, abateram indiscriminadamente, no Sul do Save, entre o Massingir e Mapulanguene, exemplares de fauna bravia, de grande e pequeno porte, em número impossível de determinar mas num total que desde já se sabe muito elevado, pois forneceu muitas centenas de quilos de carne, para comercializar, revela o «Diário», desta cidade.

Segundo uma testemunha citada pelo jornal, que classifica a ocorrência de «massacre de caça» e de «autêntico escândalo cinegético», toda a caça desapareceu da área referida.

SALOMÉ EM LISBOA

• A vedeta vai casar-se mas não deixa de cantar

Salomé, a popular artista espanhola, co-vencedora do «Prémio Eurovisão-69», chegou hoje a Lisboa, vinda de Barcelona, para cantar na Figueira da Foz e Póvoa de Varzim. Gravará ainda um programa de oito ou nove canções para a R. T. P.

A sua chegada [illegible] dida de uma [illegible] rá repercussão diferente nos seus admiradores: Salomé vai casar-se! A notícia vem coroar a recente afirmação da cançonetista espanhola:

— Embora as minhas paixões não tenham sido correspondidas, isso não me impede de voltar a apaixonar-me.

O nome do noivo de Salomé não é ainda conhecido. É natural, contudo, que corresponda ao seu ideal que, segundo Salomé o definiu um dia, deve reunir «extraordinária sensibilidade, autêntico sentido artístico ou inteligência notável».

Maria Rosa Marco, conhecida internacionalmente como Salomé, nasceu para a canção depois de ter tentado outra actividade artística: o «ballet». Dançou na Companhia do Marquês de Cuevas, agrupamento artístico cuja fama deu volta ao mundo, durante dois anos, até que a morte do seu titular provocou o desmembramento do conjunto.

Salomé começou a sua actividade de cançonetista através da Rádio Barcelona num «show» de Soler Serrano. Estreia auspiciosa, com aplausos da crítica, um disco e afluência de admiradores, nos espectáculos públicos em que se apresentou a seguir.

Vieram depois as participações em festivais espanhóis e estrangeiros e os prémios começaram a amontoar-se. Um escalada triunfal, que atingiu ponto alto no Festival da Eurovisão-69.

Algumas das canções que interpreta têm letra de sua autoria — letra que Salomé considera produto de uma maternidade, muito de si do seu íntimo.

A notícia do seu casamento foi acompanhada de outra que tranquilizará, por certo, os seus admiradores. Salomé não deixará de cantar!

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo Domingo e nos Sectores e Zonas abaixo indicados, teremos de interromper a corrente eléctrica para efectuar trabalhos de ampliação e reparação das nossas redes, considerados indispensáveis.

O corte de corrente durará apenas algumas horas, a partir do começo da manhã, de modo a causar o menor transtorno possível aos nossos consumidores.

Os Sectores e Zonas atingidos são:

4.º Sector — **Concelho de Lisboa** — Estrada da Luz (parte), Rua Particular á Estrada da Luz, Rua das Laranjeiras e imediações. (Das 8 ás 12 horas.

6.º Sector — Travessa dos Remolares de 24 a 34 (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector—Praça D. Pedro IV de 96 a 120. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Bairro da Encarnação — Ruas: 19, 21, 23, 7, 27, 29, 25, do Poço Coberto dos Eucaliptos, das Escolas e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Rua da Centieira, Travessa do Poço e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

1.º Zona — **Concelho de Cascais:** TORRE e CASCAIS—Rua Visconde da Cruz e Largo Luís de Camões. (Das 8 ás 15 horas).

2.º Zona—**Concelho de Oeiras: AMADORA** — Avenida Cardoso Lopes, Avenida Marechal Carmona, Avenida Marquês de Pombal, Rua Cândido dos Reis, Rua Dr. Manuel de Arriaga, Rua de Olivença, Rua Major Cândido Pinheiro, Rua 9 de Abril e Rua Luís Gomes. (Das 8 ás 15 horas).

3.º Zona — **Concelho de Sintra:** FONTANELAS. (Das 8 ás 15 horas).

4.º Zona — **Concelho de Alenquer** — POCARIÇA; ALDEIA GALEGA; ALDEIA GAVINHA, MERCEANA, ARNEIRO, VALE BENFEITO, PAIOL, CORTEGANA, ATALAIA, PENUZINHOS, LABRUGEIRA, OLHALVO, MONTEGIL e linhas de A. T. entre S. Sebastião e Labrugeira.

5.º Zona — **Concelho de Sobral de Monte Agraço:** FOLGADOS, SANTO QUINTINO, ZIBREIRA DA FÉ, SAPATARIA e linhas de A. T. entre Sobral/Sapataria e Sobral/Folgados.

6.º Zona — **Concelho do Cartaxo:** CRUZ DO CAMPO, CARTAXO e linha de A. T. entre Cruz do Campo e Cartaxo. (Das 7 ás 14 horas), as zonas 4.º, 5.º e 6.º.

OS E. U. A. E A AMÉRICA LATINA

I—O MAL-ENTENDIDO

«O facto é que a minha viagem foi um êxito tantástico...». A avaliarmos pelas manifestações tantas vezes espectaculares que acompanharam a viagem de Nelson Rockfeller á América Latina, seremos tentados a pensar que o governador de Nova Iorque peca por excesso de optimismo. Em Maio de 1958 o vice-presidente Richard Nixon escapou por pouco a um linchamento, quando efectuava uma tournée análoga á que foi este ano confiada a Rockefeller. Insultado por 2000 estudantes em cólera, na cidade de Lima, a 8 de Maio, foi com dificuldade que escapou á multidão em furia, na cidade de Caracas, a 13 do mesmo mes. O presidente da Junta Provisória da Venezuela, almirante Wolfgang Larragabal, declarou mais tarde: «Se eu fosse estudante, era eu que tinha vindo á rua para dizer a Nixon aquilo que pensava da politica norte-americana na América Latina».

Por MARCEL NIEDERGANG

Em Maio e Junho de 1969, o enviado especial de Nixon á América Latina não foi pessoalmente molestado. É certo que os dirigentes dos países visitados montaram um serviço de defesa verdadeiramente excepcional. Na Bolivia, a 31 de Maio, Rockfeller nem saiu do aeroporto da capital guardado pela tropa. Vários milhares de manifestantes «estavam á espera dele», nas ruas do centro de La Paz. A 16 de Junho, em Brasilia, de 5 em 5 metros, havia militares e policias postados ao longo das avenidas sem passeios da nova capital do Brasil. No dia seguinte, no Rio de Janeiro, Rockefeller passou directamente, de helicóptero do aeroporto internacional do Galeão para o de Santos-Dumont, no intuito de evitar as Avenidas Rio Branco e Vargas, onde os «cariocas» reservam habitualmente um acolhimento digno da Broadway aos seus visitantes estrangeiros.

No Uruguai, a 21 de Junho, encontrou-se com o presidente Pacheco, em Punta-del-Este, a célebre estação balnear «cercada», nesta ocasião, por três mil soldados, e viu-se obrigado a evitar Montevidéu, onde a policia defrontava os estudantes. Em Buenos Aires, a 30 de Junho, o governador do Estado de Nova Iorque efectuou sob a protecção de dois carros de assalto, o trajecto do Hotel Plaza á Casa Rosada, onde o general Ongania o esperava. No México, América Central, Colômbia, Equador, S. Domingos, os serviços de segurança e os policias foram maciçamente mobilizados para a estadia do representante do governo de Washington.

Os militares peruanos, ameaçados de represálias pelos E. U. A., pediram a Rockfeller que renunciasse á visita. Foram imitados pelos dirigentes venezuelanos e chilenos, que têm boas razões para suspeitarem das manifestações de rua e dos cortejos de estudantes, que acabam mal.

O ACOLHIMENTO DE «PAPÁ DOC»

Ironia ou decisão, as duas unicas escalas realmente tranquilas desta viagem em quatro etapas prevista para cerca de dois meses, foram as do Paraguai, on de o gen. Stroessuer tem o titulo pouco invejável de «*ultimo ditador da América do Sul*», e de Port-au-Prince, onde o impiedoso «*presidente vitalicio*», François Duvalier, reuniu todos os seus «toutons macontes» para organizarem uma recepção particularmente «calorosa». Os outros países visitados assitiram a tumultos que se saldaram por vários manifestantes mortos ou feridos. Contaram-se centenas de detenções preventivas e numerosos atentados foram perpetrados contra sociedades norte-americanas ou empresas directamente ligadas ao «império» Rockfeller.

Em Buenos Aires, ao saber que tinham sido incendiados vários supermercados da cadeia Minimax, onde a familia Rockefeller tem interesses, o governador do Estado de Nova Iorque exclamou: «*Que penal Lá têm os clientes que comprar mais caro noutras lojas*». Rockfeller não é, certamente, cínico. Diplomata sorridente, sexagenário sedutor, amador de arte esclarecido e mecenas, diz-se senhor de longa experiência sobre a América Latina — «*Há trinta anos que amo estes povos*». Fala perfeitamente a língua espanhola e possui agradáveis «residências secundárias» na Venezuela e no Equador. Conta numerosos amigos nos meios governativos da América Latina.

Republicano de tendência liberal, interveio várias vezes nos E. U. A. a favor da minoria porto-riquenha e dos direitos cívicos dos negros. Comissionário de F.-D. Roosevelt, que inaugurou a política dita de «boa vizinhança» com a América Latina, e ex-subsecretário de Estado para os Negócios interamericanos, Nelson Rockfeller tem um calor comunicativo e um desejo de compreender que o colocam nos antipodas do frio e calculista Thomas Mann, antigo embaixador no México e responsável pela política latino-americana de Washington, nos primeiros anos da presidência de Lyndon Johson.

Tendo aceitado uma missão que sabia dificil, o governador do Estado de Nova Iorque cumpriu-a, apesar dos primeiros incidentes, que teriam intimidado outros diplomatas. Acompanhado por uma centena de pessoas, onde se contavam uns trinta peritos militares e civis, repetiu a todos os seus interlocutores: «*Não trago remédios fáceis programas ou «slogans». Vim para escutar, a fim de ajudar a definir uma nova politica latino-americana. Falemos francamente do que está bem e também das realidades desagradáveis.*»

Em Bogotá, julgou poder explicar as manifestações por «*acção de um estudante comprometido nos acontecimentos de Paris, em Maio de 1968*», e evocou muito frequentemente as «*forças que tentam separar os E. U. A. da América Latina, para fazerem malograr os esforços comuns.*» Mas reconheceu igualmente «*a amplitude das manifestações*», aprovou a reforma agrária do Peru, — «*uma boa coisa*» — e, no fim da viagem, provou que tinha aprendido muito. «*Os problemas maiores na América Latina*», declarou, — *decorrem do desequilibrio da balança comercial entre esses países e os E. U. A. e da diminuição das suas reservas em dólares o que se deve, por um lado, ao pagamento das dividas contraidas para com os E. U. A. e, por outro, á politica proteccionista americana. (...) As condições impostas pelos E. U. A., para concederem o seu auxilio financeiro, atingem tais proporções que a assistência americana já não cumpre a sua finalidade, que é a de auxiliar o desenvolvimento do subcontinente americano...*»

A «DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA» DE VINA-DEL-MAR

Rockfeller, manifestou por vezes, a sua irritação, ao verificar a amplitude dos créditos solicitados por certos governos (1). Reconheceu o malogro da Aliança para o Progresso, lançada pelo presidente Kennedy, em 1961, entendendo que os seus *objectivos deviam ser mantidos*». Os «*planos com datas marcados adiantadamenté*», apresentados pelos dirigentes chilenos ou colombianos desde o inicio do ano, fizeram-no irritar, segundo dizem os seus conselheiros. A verdadeira «*declaração de independência*» de Vina-del-Mar, expressão utilizada a 19 de Junho, em Port-of-Spain, por uma personalidade americana, que assim qualificou o documento da CECLA (2), opôs ele o termo de «*interdependência*» entre os E. U. A. e a América Latina, a unica fórmula que ele descobre para «*colaborar num trabalho dedicado á dignidade humana, á justiça e á liberdade*».

Para justificar talvez, o seu optimismo e também, sem duvida, para apoiar a afirmação de que «*a viagem tinha cumprido fielmente os fins propostos*», declarou, no seu regresso a Nova Iorque: «*É evidente que nem tudo corre bem. O meu périplo teve a vantagem de pôr em relevo os problemas existentes entre os E. U. A. e a América Latina. Conseguimos, pelo menos, fazer voltar o subcontinente á primeira página dos jornais, á rádio e á televisão...*»

François Duvalier — «presidente vitalicio»

De facto, a América Latina não figurava, decerto, no primeiro plano das preocupações do governo de Washington, desde a chegada de Richard Nixon á Casa Branca. Candidato do Partido Republicano á presidência. Nixon contentara-se em afirmar, vagamente, que «*a América Latina era um continente de baixa densidade demográfica*», e que poderia ser util «*consagrar 500 milhões de dólares a um programa de auxilio, destinado á construção de estradas de acesso ás grandes extensões virgens do interior.*»

Ia-se ao encontro das ideias defendidas pelo antigo presidente do Peru, Fernando Belaunde Terry, e pelos técnicos do Hudson Institute, que desejam «vender» um plano gigantesco, prevendo a criação artificial de «grandes lagos» sul-americanos. Quanto ao resto, Nixon criticava os magros resultados da Aliança para o Progresso, e não escondia as suas preferências por um acréscimo dos investimentos privados. Nelson Rockfeller preconizava, do mesmo modo, a «*formação de uma pequena força de paz sob o «contrôle» da Organização dos Estados Americanos, para regular as disputas entre os Estados membros*», e fazia votos «*pela entrada do Canadá na O. E. A.*» É verdade que o senador Barry Goldwater, ainda menos preocupado com *nuances*, afirmava, pela mesma época, aquando

(Continua na página seguinte)

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

RECTÂNGULOS DA VIDA

A HORA CERTA

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

LI algures, creio que num magazine brasileiro e creio que de Henrique Pongetti, que a felicidade tem hora certa, mas que essa hora chega a maior parte das vezes atrasada. Parece-me que era mais ou menos isto Exemplos? É o que mais há. No referido texto tratava-se de um diplomata que escolhera a carreira, sonhando com Paris, com Londres, com Roma, e que fora sucessivamente enviado já não sei para onde mas em todo o caso tratava-se de países subdesenvolvidos sem o menor interesse, antes pelo contrário, e só muito tarde, quando lhe passara já todo o entusiasmo, mas então todo, e se sentia cansado de viajar e de entrar em contacto com o país A e o país B e o país C, teve oportunidade, passageira de viver numa dessas cidades dos seus velhos sonhos mortos. Passageira porque se aproximava a idade da reforma. Acho que era mais ou menos isto.

«Finalmente posso fazer o que quero» diz o Fulano que trabalhou a vida inteira como um forçado, e conseguiu pôr de lado um dinheirinho. Mas quando é que ele pode fazer o que quer, isto é, comprar uma casinha e tratar do seu jardim, a felicidade que sempre sonhou? Pois bem, quando o enfarte começa a ameaçá-lo. A mulher também pode realizar o seu ideal, que era ter um casaco de astracã. Simplesmente, se ela olhar com atenção, se quiser olhar com atenção para o espelho, verá que na sua idade casaco de astracã ou de qualquer outra coisa... Em nova teria feito sucesso na cidade (é uma cidade pequena), mas em nova também trabalhou como uma moura. Então... Ei-la em todo o caso saindo o portão, melancòlicamente exibindo o seu troféu, enquanto o marido, que apara uma roseira, lhe acena com a mão, compreensivo.

O escritor em potência Cicrano, sonhou desde a juventude com um grande romance. Seria uma espécie de história de uma época. Um romance ou até uma série, como os Rougon-Macquart? A verdade, porém, é que para escrever um só romance que seja, é preciso tempo e disponibilidade, e essas foram coisas que o Cicrano nunca teve. Está empregado, faz traduções à noite, dá explicações aos filhos ou começa a ler o jornal e adormece porque está cansado. Talvez um dia, quando se reformar... Um dia! Sonhos do Cicrano, coitado! Agora ou nunca. Nunca, portanto. Estou a imaginá-lo, velhinho, sentado á secretária, diante de um bloco e já sem nada para dizer. Amargurado, claro.

E por aí fora. Porque a felicidade tem hora certa, mas chega quase sempre atrasada e, ainda por cima, como é normal, azeda.

OS E. U. A. E A AMÉRICA LATINA

(Continuação da pág. anterior)

de uma visita a Buenos Aires, que «*a unica solução para os paises latino-americanos consistia em alinharem pela politica dos E. U. A.*»

UM DESAFIO QUE FOI ACEITE

No seu discurso inaugural de Janeiro, o sucessor de Lyndon Johnson não fez uma alusão á América Latina. Só a 12 de Março de 1969 que Charles Meyer (homem de negócios, de 51 anos de idade, e vice-presidente de uma cadeia de grandes armazens com interesses no Rio Grande) foi nomeado secretário de Estado adjunto para os Negócios Inter-Americanos. A 14 de Abril, por altura da comemoração da União Pan-Americana, Richard Nixon confirmou a sua hostilidade para com a Aliança para o Progresso, e anunciou que convinha «*revê-la com um espírito nôvo e aberto.*» Embora tenha prometido, em exórdio desta mesma comunicação, «*considerar os problemas do hemisfério com absoluta prioridade*», parece duvidoso que o novo presidente dos E. U. A. tenha tido a intenção de estudar sèriamente o *dossier* inter-americano, antes do início de 1970. Outras «prioridades» no Vietnam, no Médio Oriente, na Europa e mesmo nos E. U. A. eram, sem duvida nenhuma, não menos «urgentes».

Este imobilismo de Washington inquietava os dirigentes latino-americanos, cujos representantes se mantinham em estado de alerta perante a O.E.A. Galo Plaza, novo secretário-geral deste organismo regional, dirigia, por seu lado, várias advertências aos dirigentes americanos. Foi neste clima que uma *boutade*, lançada pela representante do Governo de Washington, nos corredores da O.E.A., iria provocar uma reacção latino-americana, que marcou o começo de uma tomada de consciência colectiva

«E DEPOIS VEREMOS...»

Quando os brasileiros reclamavam, com insistência uma *clara definição da nova politica latino-americana da administração*», um representante do Governo de Washington replicou, com vivacidade e talvez com imprudência, nestes termos: «*Vocês, os latino-americanos, estão sempre a queixar-se. Cheguem a um acordo entre vocês próprios, apresentem as reivindicações que têm a apresentar, mas sem ambiguidade. E depois veremos...*» Este desafio, imediatamente aceite pelos diplomatas brasileiros, iria dar o sinal para a preparação activa da conferência de Vina-del-Mar, a primeira reunião inter-americana importante, na qual os E. U. A. não iriam participar. Objectivo: tentar formar uma «frente» latino-americana comum, face á administração Nixon; colocar-se em condições de negociar em grupo e não dispersamente.

Foi, portanto, para ganhar tempo (perante a vaga ascendente do nacionalismo latino-americano, ilustrado pelo caso «peruano») e para impor o velho método das «negociações bilaterais» (contra o desejo afirmado pelos dirigentes latinos de adoptarem uma táctica «colectiva») que Nixon decidiu, sob pressão de Galo Plaza novo secretário-geral da O.E.A., o envio de Nelson Rockfeller a Sul do Rio Grande. O escalonamento das etapas da viagem do enviado especial de Nixon, desde meados de Maio a princípios de Julho, podia, é certo, justificar-se pelos compromissos particulares do governador do Estado de Nova York. Mas esta «longa marcha», este «Rocky way» (3) deveria igualmente, permitir que o estudo do «*dossier* América Latina» ficasse adiado, pelo menos, até fins de Setembro.

Nelson Rockfeller anunciou que o seu relatório não seria entregue a Nixon antes do corrente mês de Agosto. Mas 6 de Agosto era o dia em que os E.U.A. deveriam, normalmente, aplicar a emenda Hickenlooper ao Peru, se este país não tivesse indemnizado a *International Petroleum Company*, expropriada em Outubro ultimo. Os E.U.A. adiaram a aplicação da emenda Hickenlooper ao Peru, para não correrem o risco de agravar o clima de revolta que grassava nas reuniões interamericanas desde o começo do ano, primeiro em Abril, na cidade de Lima, por altura de uma conferência da C. E.P.A.L. (Comissão Económica das Nações Unidas para a América Latina), depois em Vina-del-Mar, no Chile, em Maio, durante os trabalhos á porta fechada da CECLA. Será no entanto, difícil ao Governo de Washington não se pronunciar, antes do fim do ano, sobre a «dilacerante revisão» reclamada pelos dirigentes latino-americanos.

«*Há pouca aliança, mas não muito progresso*» — dizia-nos em Lima, já em 1964, o presidente peruano, Belaunde Terry. Vina-del-Mar, a 17 de Maio ultimo, os ministros dos Negócios Estrangeiros e das Finanças dos países latino-americanos subiram mais um degrau nesta escada do mal-entendido. «*Por cada dólar investido, nestes ultimos cinco anos, na América Latina, os E.U.A. têm recuperado cinco*», disse um ministro, empregando uma fórmula que foi um êxito. Um outro ministro, que ninguém suspeitava tão contestatório, afirmou: «*A aliança com os E. U. A. é, na realidade, uma aliança contra o progresso dos nossos povos.*»

---

1) Os dirigentes do Paraguai teriam avaliado em 1 bilião de dólares o auxílio esperado dos E.U.A. Outros governos, nomeadamente da América Central, teriam exprimido ambições não menos exorbitantes.

2) CECLA: Comissão Especial de Coordenação para a América Latina.

3) *Rocky way:* jogo de palavras com o nome de Rockfeller, para designar um caminho (*way*) muito acidentado (*rocky*).

Próximo artigo:

A DEPENDÊNCIA

Vai construir-se a ponte rodoviária de Vila do Conde

VILA DO CONDE, 22. — A Camara Municipal foi, oficialmente, avisada, de que o sr. ministro das Obras Públicas interessado em resolver definitivamente e o mais breve possível, o grave problema que representa a ponte rodoviária sobre o rio Ave, no centro da vila, a qual se integra na estrada Porto-Viana do Castelo, resolveu que o traçado da nova ponte para a solução do problema seja o que fora estudado pelo seu antecessor, sr. eng. Arantes e Oliveira.

Assim, circundando o Monte de Santa Ana e projectando-se até o Monte do Mosteiro, a ponte terá acesso áquela imporante estrada, pela Rua da Lapa, independentemente dos acessos que serão prolongados.

Para assinalar a cerimónia inaugural da estação de cabos submarinos em Sesimbra, a Rádio Marconi mandou cunhar uma artística medalha, cujos verso e anverso reproduzimos nas gravuras acima

ora diga-nos...

— Sabe tirar fotografias?

Atenção, vou disparar... Já está. (Daqui a dez, vinte, trinta, cinquenta anos, não haverá mais que um sorriso amarelo para aquela fotografia que o tempo amareleceu).

● *Mário João Ferreira Carvalho, aluno da Escola Industrial Marquês de Pombal, agora a trabalhar, para ganhar alguma coisa durante as férias, não sabe tirar fotografias:*

— Nunca experimentei... Porquê? Não tenho máquina fotográfica e nunca calhou.

— E não gostava?

— Lá isso gostava... Para trazer recordações dos passeios...

— Costuma passear.

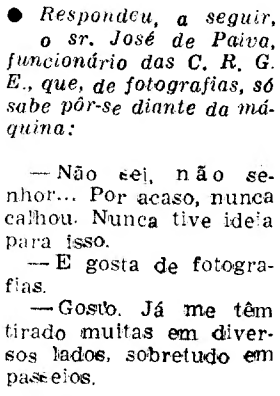
— Não. Sou de Paço de Arcos e nunca fui a lado nenhum.

● *Respondeu, a seguir, o sr. José de Paiva, funcionário das C. R. G. E., que, de fotografias, só sabe pôr-se diante da máquina:*

— Não sei, não senhor... Por acaso, nunca calhou. Nunca tive ideia para isso.

— E gosta de fotografias.

— Gosto. Já me têm tirado muitas em diversos lados, sobretudo em passeios.



● *Por ultimo, o sr. Francismo Marque, encarregado de obras, que sabe, sim senhor, mas...*

— Sei... Bem, tenho um «Kodak» em casa...

— Como é o «Kodak», ser Marques?

— É aquilo a que chamam caixote...

— E gosta de fotografias?

— Por acaso, gosto. Nos passeios que dou, gosto de tirar fotografias aos monumentos e coisas que mais me impressionam.

EXTINTO O INCÊNDIO NA SERRA DO CARAMULO

ÁGUEDA, 22 — Os bombeiros deram por extinto o incêndio que durante alguns dias lavrou na serra do Caramulo.

— Às 10 e 30 — **disseram-nos da corporação daquela vila** — os últimos focos estavam dominados.

Amanhã, ou depois, prevê-se que comece a retirada dos milhares de troncos calcinados.

MÃE E FILHA QUEIMADAS

CELORICO DE BASTO, 22 — Devido á explosão de uma botija de gás, foi totalmente destruido, no lugar do Calvário, um prédio em que habitavam o sr. Mota Pereira, sua filha, Emília da Conceição, e o marido desta, Adriano Gonçalves, bem como dois filhos deste casal.

As chamas provocaram queimaduras na Emília da Conceição e em sua filha Amélia.

Conduzidas ambas ao hospital do concelho, ali ficaram intenadas em estado melindroso.

Ardeu uma fábrica de tecidos em Santo Tirso

SANTO TIRSO, 22 — O fogo destruiu uma fábrica de tecidos na freguesia de S. Martinho do Campo. Unicamente escapou o escritório da empresa. Os prejuizos, cobertos pelo seguro, orçam por três mil contos.

Fábrica de cerâmica parcialmente destruída

VIANA DO CASTELO, 22 — Originado, provàvelmente, por um curto-circuito, deflagrou violento incêndio numa fábrica de cerâmica da freguesia de Alvarãs, deste concelho, da qual ficaram destruidos os dois corpos centrais, elevando-se os prejuizos — aliás cobertos pelo seguro — a cerca de cinco mil contos. Parece estar assegurado, no entanto, o trabalho dos 300 operários ali empregados.

DUAS HERDADES ATINGIDAS PELO FOGO

BEJA, 22 — Duas herdades da freguesia de Vila de Frades foram sèriamente atingidas por um incêndio que lavrou entre o fim da tarde de ontem e as primeiras horas da madrugada.

O incêndio, cujas causas não foram ainda determinadas, manifestou-se na Herdade do Vale de Rocim, e galgando a estrada desta localidade para a Vidigueira, atingiu a Herdade Grande, chegando, pelas proporções tomadas pelas chamas, a causar pânico entre a população de Vila de Frades, receosa de que o fogo chegasse ás casas da freguesia.

Os prejuízos, muito avultados, não estão cobertos pelo seguro. Na Herdade de Vale Rocim, pertencente á Sociedade Fabril, com sede em Setúbal, arderam 20 hectares de restolo e cerca de mil sobreiros. Por seu turno, na Herdade Grande, propriedade do sr. José Francisco Rato, residente no Monte das Raças, as chamas destruiram 50 hectares de restolho e atingiram 2500 árvores, nomeadamente sobreiros, azinheiras e oliveiras.

UMA LOJA PASTO DAS CHAMAS

TORRES VEDRAS, 22 — Na povoação da Boavista, deste concelho, as chamas destruiram uma loja pertencente ao sr. António da Silva, causando um prejuizo de centenas de contos.

Cortina
J. Mendes Coelho, Lda.
Concessionários Ford
Rua Alexandre Herculano, 6-A
Escort

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *Regressa hoje de Barcelona o actor Francisco Ribeiro (Ribeirinho).*
- *A actriz Eunice Muñoz reaparece no próximo mês, numa peça a apresentar pelo Teatro Gil Vicente (de Cascais).*
- *Continua a registar melhoras o actor Álvaro Pereira.*
- *Vai voltar á actividade o «Grupo dos quatro» formado por Irene Cruz, João Lourenço, Morais e Castro e Rui Mendes.*
- *A actriz Florbela Queirós ainda não confirmou a sua participação na próxima revista destinada ao Teatro Monumental.*

QUATRO ARTISTAS CHINESAS (FAMOSO CONJUNTO VOCAL-INSTRUMENTAL) ACTUAM NO CASINO ESTORIL

Parece ser esta a primeira vez que se apresenta no nosso País um conjunto «pop» formado por artistas chinesas. Esse simples facto bastaria, pelo ineditismo, para suscitar curiosidade em torno da actuação das «Tsai Sisters» no Casino Estoril. Mas depois da estreia, vendo a sua actuação, fica-se com a certeza de elas merecerem, mais do que curiosidade verdadeira admiração. Figurinhas gentis, rostos perfeitamente ovais e olhos maravilhosamente amendoados, as irmãs Tsai deitaram para trás das costas a preocupação de representarem uma civilização milenária, ocidentalizaram-se e constituem um refrescante sopro de juventude nas noites calmosas da nossa Costa do Sol. A música «ié-ié» está-lhes na alma e nos corpos franzinos, sai-lhes da garganta como gritos de alegria estuante. E o certo é que o seu entusiasmo se comunica ao público, mesmo o menos jovem, transformando cada número que apresentam na justificação cabal de uma catadupa de aplausos.

A completar o novo *show* do Casino Estoril, que continua a ser enquadrado pela beleza plástica das Bluebell Girls, apresentam-se ali todas as noites os famosos Frediani Brothers e o fadista Norberto Martinho.

A primeira destas atracções é constituída por quatro possantes e ágeis acrobatas, da família Frediani — nome que está gravado a letras de oiro na história do mundo do espectáculo.

Os frequentadores do Casino têm ainda outro atractivo: a actuação, todas as noites, da orquestra de Ferrer Trindade, do Jirinás Combo e do conjunto de Shegundo Galarza. E os que forem ao «Wonder Bar» podem admirar a plástica maravilhosa de Stormy Summers.

IMAGEM DO DIA

PAUL NEWMAN, o grande actor que é admirado pelos homens e amado pelas mulheres, reaparece esta noite, no TIVOLI, num filme vigoroso que, quando da sua estreia em Lisboa, tanto entusiasmo suscitou: «A VIDA É UM JOGO» («The Hustler»). Realizado por Robert Rossen, «A VIDA É UM JOGO» é uma película notabilíssima, admirávelmente interpretada por um elenco de artistas em que se destacam, além de PAUL NEWMAN os seguintes actores de renome: Piper Laurie, George Scott e Jackie Glasson.

Recintos de diversões

- A fadista Isabel de Oliveira deixou de fazer parte do elenco artístico do «Forcado».
- Encontra-se a passar férias no Algarve a cançonetista Maria da Fé.
- A intérprete fadista Natércia da Conceição, a atravessar um bom momento da sua carreira artística, deve deslocar-se ao Brasil em princípios de Setembro.
- Encontra-se a actuar na «Taverna do Embuçado» o fadista António Rocha.
- O fadista Filipe Duarte reaparece dentro de dias aos microfones da E. N.

Cena Aberta representa «O assassino de Macário»

Cena Aberta, grupo de teatro, que, este ano, colabora, mais uma vez, na iniciativa municipal de proporcionar espectáculos gratuitos de teatro aos moradores dos bairros populares e da periferia da cidade, apresenta, na noite de amanhã, no Grupo Excursionista «Os Económicos», a peça em 2 actos «A assassino de Macário», de Camilo Castelo Branco. No desempenho entram Carmen Judite, directora do conjunto, Mário Neves, Carlos Costa e Magda Viterbo.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

GRANDIOSA CORRIDA

M/ 6 ANOS SÁBADO, 23 Às 21.45 horas

CAVALEIROS
MANUEL CONDE
DAVID R. TELLES

ESPADAS
VÍTOR M. MARTIN
RICARDO CHIBANGA

FORCADOS
sAMADORES DO COLÉGIO NUN'ÁLVARES DE TOMAR

7 PUROS TOIROS DO EX.mo SR. CONDE DE MURÇA

OS PEQUENOS ANÚNCIOS SERVEM OS GRANDES ESPECTÁCULOS

A revista dos PARODIANTES DE LISBOA — um espectáculo de VASCO MORGADO em segundo mês de lotações esgotadas na sala fresquinha do

MONUMENTAL

em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)

Decorrem os dias e a alegria continua NA

FEIRA POPULAR de LISBOA

Organizada a favor da COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
RECINTO DE DIVERSÕES QUE O PÚBLICO ELEGEU SEU FAVORITO
Espectáculo para todas as idades e para todas as bolsas
1$50
Do bilhete de entrada dão-lhe direito a divertir-se e possibilidades de receber bons prémios. Por exemplo: No PASSATEMPO DESPORTIVO
A Volta Vista da Feira
votando na etapa Caldas da Rainha-Lisboa e sendo certo o seu palpite poderá receber um saboroso prémio
5 caixas com 3 garrafas do famoso VINHO VERDE MONTANHEZ
e a MOTORIZADA CASAL oferta mensal da METALURGIA CASAL, de Aveiro, também a sorte lhe poderá oferecer
Hoje — NOITE CROLLS com um sorteio valioso
3 CONVECTORES CROLLS — Agradáveis no Verão, óptimos no Inverno
A FEIRA ESPERA POR SI

C. M. L. ESTUFA FRIA
Hoje às 21.30 horas
Espectáculo gratuito
SOL NA FLORESTA — de Romeu Correia — com Madalena Sotto; Ivone de Moura; Fernanda Figueiredo; Andrade e Silva; Henrique Viana; Adelina Campos; Hermínia Tojal; Graça Vitória; António Machado e Augusto de Figueiredo.
Pela Companhia de Teatro Popular
Dirigida pelo Actor Augusto de Figueiredo
Distribuição de Bilhetes:
Restauradores, das 18 às 20 horas
Estufa Fria, às 21 horas M/17 anos

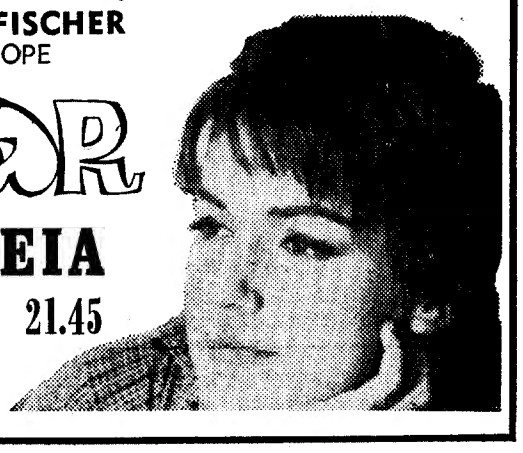
estudio 444
Todos os dias ás 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 45
Continua o êxito do encantador filme de
CLAUDE BERRI
O CASAMENTO
Um poema de imagens numa história cheia de verdade!
6.ª SEMANA TRIUNFAL
Exclusivo
TALMA FILMES
EASTMANCOLOR
— ADULTOS —
— * —
AR CONDICIONADO

TIVOLI
APARIÇÃO DE UM GRANDE ÊXITO
HOJE
Um filme que revela todo o tema de amor que existe em todos os seres humanos!

PAUL NEWMAN
A VIDA É UM JOGO
Com PIPER LAURIE
GEORGE C. SCOTT
JACKIE GLEASON
The Hustler
20th CENTURY FOX
Produção e Direcção de ROBERT ROSSEN
CINEMASCOPE
MAIORES DE 17 ANOS

5.ª SEMANA
HELGA
O SEGREDO DA MATERNIDADE
no Cinema VOX
maiores de 21 anos

CATHERINE SPAAK SONHAVA COM O AMOR!
TINHA DE AMAR... PRECISAVA DE AMAR... VIVIA PARA AMAR...
ATÉ QUE UM DIA AMOU!!!
PHILIPPE LEROY - O. W. FISCHER
TECHNICOLOR-TECHNISCOPE
NASCI para AMAR



ESTREIA
HOJE, ÀS 21.45
ADULTOS
TALMA FILMES
ROMA

Um filme fundamental que já se tornou um clássico do cinema!

A OBRA-PRIMA DE JOHN FORD

JAMES STEWART · JOHN WAYNE · LEE MARVIN

NA PROD. DE JOHN FORD

O homem que matou Liberty Valance (THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE)

-ADULTOS-

com VERA MILES · EDMOND O'BRIEN · ANDY DEVINE · KEN MURRAY

Realiz. JOHN FORD · Prod. WILLIS GOLDBECK · Argum. JAMES WARNER BELLAH e WILLIS GOLDBECK · Um filme PARAMOUNT

HOJE a reposição que se impunha no EDEN

TERÁ A SOCIEDADE O DIREITO DE PUNIR UMA JOVEM MÃE SOLTEIRA PRIVANDO-A DO CARINHO DE SEU FILHO?

TROY DONAHUE

CONNIE STEVENS

DOROTHY McGUIRE

LLOYD NOLAN

CARNE DA MINHA CARNE

Susan Slade

com BRIAN AHERNE · GRANT WILLIAMS e NATALIE SCHAFER · KENT SMITH

PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO DE DELMER DAVES

MÚSICA DE MAX STEINER

Excl. ABTÓRIA FILMES

M/ 17 ANOS

TECHNICOLOR® WARNER BROS.-SEVEN ARTS

U TO QUE REGRESSA

HOJE no ALVALADE

FIGUEIRA DA FOZ

DOMINGO, 24 DE AGOSTO DE 1969

ÀS 17,30 HORAS M/ 6 ANOS

FREDERICO CUNHA

EDITH EVANS

JOSÉ SIMÕES

VICTOR M. MARTIN

AMADORES DA TERTÚLIA TAUROMÁQUICA DO MONTIJO

8-Bonitos Toiros-8

DA AFAMADA GANADARIA DO EX.mo SR. CONDE DE MURÇA

ESTREIAS DE HOJE

No Roma

Título em português — «Nasci para amar».
Produção — Italiana.
Realização — Franco Rossi.
Intérpretes — Catherine Spaak, Philipe Leroy e O. W. Fischer.
Género — Comédia
Distribuição — Talma Filme.
Processo — Technicolor-Techniscope
Classificação — Adultos

No Europa

Título em português — «O quarto n.º 13».
Produção — Inglesa.
Realização — Alfred Vohrer.
Intérpretes — Karin Dor, Joachim Fuchsberger e Richard Haussler.
Género — Policial.
Distribuição — Lusomundo.
Processo — Preto e branco.
Classificação — 17 anos.

de arrasar os nervos!

EMOTIVO!

VIOLENTO!

ENIGMÁTICO!

O QUARTO Nº 13

com KARIN DOR · JOACHIM FUCHSBERGER · RICHARD HAUSSLER

Exclusivo Filmes Lusomundo

HOJE ESTREIA EUROPA

M/ 17 ANOS

NAZARÉ

SÁBADO 23 ÀS 22 H.

GRANDIOSA CORRIDA NOCTURNA, À PORTUGUESA

(M. 6 anos)

Cavaleiros:

JOSÉ M. CORTES
ALFREDO CONDE
GUSTAVO ZENKL

e o amador

SOMMER DE ANDRADE

Forcados:

AMADORES DO RIBATEJO
e
AMADORES ACADÉMICOS DE VILA FRANCA

7 LINDOS TOIROS

de J. Lima Monteiro e Herdeiros de Paulino da Cunha e Silva

XIII FESTIVAL DE SINTRA

Hoje, 22 de Agosto 21.30 horas

RECITAL DE CANTO

pelo barítono JOSÉ LOPES

acompanhado ao piano por OLGA PRATTS

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA

PROGRAMA

1.ª PARTE

Romance de Dom Fernando	ARMANDO JOSÉ FERNANDES
Santa Luzia	ARTUR SANTOS
Tenho barcos, tenho remos	JORGE CRONER DE VASCONCELOS
El paño moruno	FALLA
Canción	FALLA
Polo	FALLA
Cinco melodias populares gregas	RAVEL
Os jardins de Sally	BRITTEN
Oliver Cromwell	BRITTEN

2.ª PARTE

Amores do poeta, 48 SCHUMANN

piano STEINWAY da casa VALENTIM DE CARVALHO

Os bilhetes para os espectáculos estão à venda: Agência do S. E. I. T., Praça dos Restauradores, Lisboa; Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra.

No próprio dia poderão ser adquiridos desde as 20 horas no local onde se realiza o espectáculo. Estão assegurados os transportes, de ida e volta, entre Lisboa-Sintra ou Queluz.

C. TEATRO T. 32 60 37

VARIEDADES

HOJE, ÀS 21.45 H.

5.ª SEMANA

VASCO MORGADO apresenta «UM CASO MUITO SÉRIO... TRATADO A RIR!» a comédia de ALFONSO PASO

C.ª TEATRO ALEGRE

HENRIQUE SANTANA
IRENE ISIDRO · COSTINHA
LIA GAMA
MARIA HELENA · HENRIQUE SANTOS
LUISA DURÃO
HELENA ISABEL · BENJAMIM FALCÃO

OS DIREITOS DA MULHER

Domingo à tarde às 16 h.

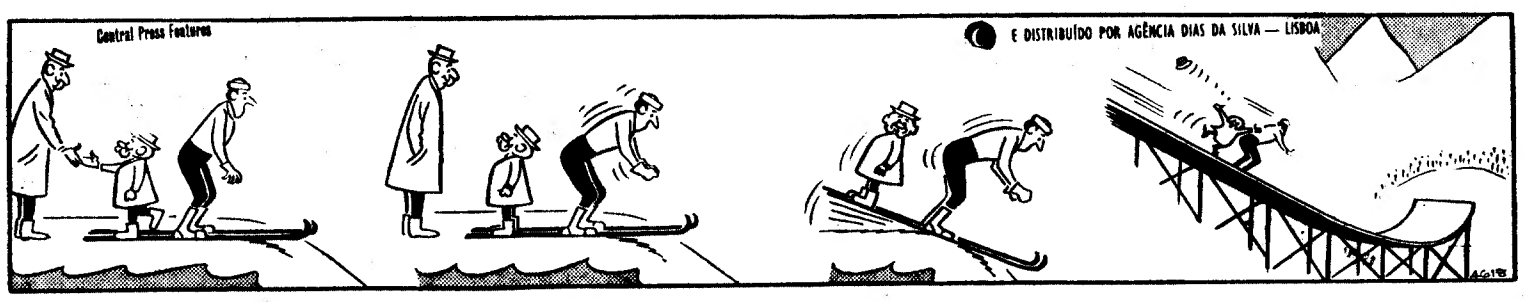
A aristocrática Cascais vai ter o previlégio de apresentar pela primeira vez em Portugal o fabuloso SATÉ

Na ERICEIRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria Fino, P. da Republica, 3.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

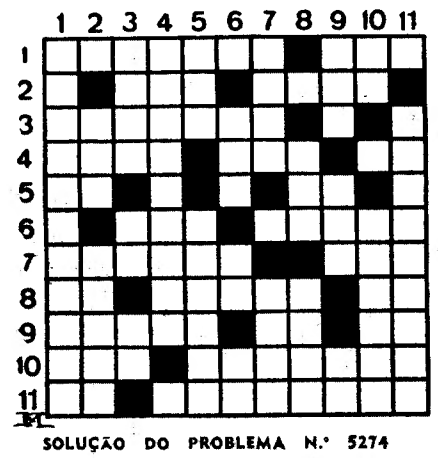
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5275

HORIZONTAIS: 1 — Quadro pintado com tela, de grandes dimensões, iluminado de modo a produzir efeitos de óptica diferentes. Antigo navio á vela. 2 — Interpretar um escrito. Plano. 3 — Químico sueco, do séc. XVIII que descobriu o cloro, o manganês, o ácido arsénico e a glicerina. 4 — Cidade da França, capital do departamento de Calvados, onde nasceu Malherbe. Qualquer. Parecença. 5 — Gemido. Dirigir-se. 6 — Reza. Desviara-se. 7 — Calçado. Preposição que indica exclusão. 8 — Atmosfera. As vossas pessoas. Aqui. 9 — Pôr a data. Estrépito de desmoronamento. Pertences. 10 — Poesia. Cobertos de neve. 11 — Apenas. Notara.

VERTICAIS: 1 — Terrenos desabitados e sem árvores. 2 — Pende. Zangado. 3 — Veja. Artigo (pl.). A ti. 4 — Voltava a entrar. 5 — Decâmetro quadrado. Embeleze. 6 — Claridade. Língua que na Idade Média se falava entre o Loire e os Pirinéus. Pretexto (inv.). 7 — Bolor. Relva. 8 — Dama de companhia. Transpirar. 9 — Recusa. Grecejas. Concede. 10 — Preposição e artigo. Temer. 11 — Composição de cal, areia e água.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5274

HORIZONTAIS: 1 — Dá. Respigar. 2 — Ina. É. Gó. 3 — MAIS. Real. 4 — Edo. Se. Egro. 5 — Rirá. Vapor. 6 — Sal. Ice. Ás. 7 — És. FAOtL. Só. 8 — Mire Iria. 9 — PENSAR. QUE. 10 — Gana. Vê. Ulo. 11 — Ror. Amai.

VERTICAIS: 1 — DIZER. Em. 2 — Ar. Dissipar. 3 — Amora. Reno. 4 — Alfenar. 5 — Edis. 6 — Seviciava. 7 — Pá. Acirrem. 8 — Repeli. 9 — Ego. Aqui. 10 — Agarras. Ul. 11 — Rolo. Sopeou.

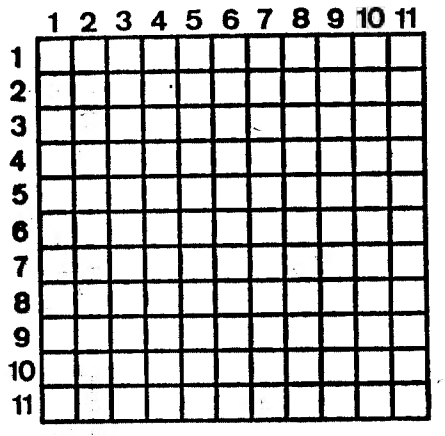
PROVÉRBIO: **É mais fácil pensar que dizer.**

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9118

HORIZONTAIS: 1 — Serra de Portugal. Grave doença contagiosa. 2 — Fileiras. Monarcas. 3 — Nascimento de um astro. Calosidade. 4 — Medida de líquidos usada na Holanda. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. 5 — Antes de Cristo. Sulco. Utensílio doméstico. 6 — Agora. Corda de reboque. Suspiros. 7 — Medo repentino. Próximo. 8 — Rio da Suíça. Mentira. 9 — Recita. Matemática (abrev.). 10 — Mau medicamento. Louco. 11 — Nesse lugar. Aldeia de Itália. Artigo indefinido.

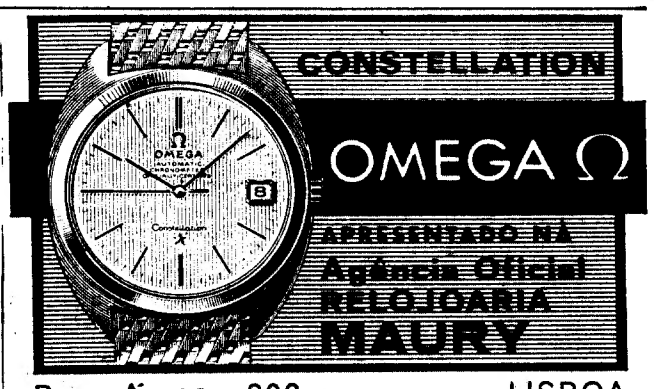
VERTICAIS: 1 — Gálio (s. q.). Reino da Federação Indochinesa. Nome de mulher. 2 — Gavinha. Cruel. Troça. 3 — Invulgar. Guarnecido de asas. 4 — Persistir. Género de gramíneas, de que se extrai a farinha para o fabrico de pão. 5 — Olvido. Interjeição que imita pancada. 6 — Isolado. 7 — Colher. Tritura. 8 — Freguesia do concelho da Covilhã. Prendera com elos. 9 — Carimbo. Apõe notas a. 10 — Irmão do pai. Frango. Pronome pessoal. 11 — Pertences. Ligue por casamento. Possui.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9117

HORIZONTAIS: 1 — Otava. Pária. 2 — Rema. Coas. 3 — Dra. Bar. Lis. 4 — Ea. Pádua. Aí. 5 — Mat. Giz. 6 — Alapa. Adaga. 7 — Ato. Aro. 8 — Ega. Lia. Amo. 9 — Só. Régua. Au. 10 — Remorso. 11 — Anosa. Airão.

VERTICAIS: 1 — Ordena. Esta. 2 — Terá. Lago. 3 — Ama. Mata. Ro. 4 — Vá. Papo. Res. 5 — Bata. Lema. 6 — Mad. Sigo. 7 — Ruga. Aura. 8 — AC. Aida. Aei. 9 — Rol. Zara. Or. 10 — Iaia. Goma. 11 — Aselna. Ouço.



MÁQUINAS DE SOMAR ELÉCTRICAS

«RICOMAC modelo 211», fabrico japonês apresentadas com as seguintes características: soma, subtrair e multiplicar —saldos negativos — capacidade 10-11 e de 0-00-000.

Máquinas de escrever «BROTHER», portáteis representante em Portugal:

A PRESTAMISTA MERCANTIL LDA

Av Almirante Reis 10-C — L I S B O A

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Agosto de 1939 publicava:

«BERNE, 22 — Sob o título: «Estaline pode esperar», o «Berner Fagblatt», publicado ontem, á tarde, prevendo a hipótese da aproximação germano-russa, escreve:

«As simpatias fundamentais de Estaline pela Alemanha inclinam-se a favor desta eventualidade. Sabe-se que na sua declaração feita a Emil Ludwig, Estaline disse: «Se há uma nação com a qual simpatizemos, essa nação é a Alemanha, muito mais ainda do que com os Estados Unidos.»

A rua foi vedada mas não há obras

O nosso leitor sr. Silva Fernandes, morador na Rua Capitão Santiago de Carvalho, enviou-nos a carta que a seguir se reproduz, pedindo a atenção e solução da Câmara Municipal de Lisboa para o seu conteúdo. Diz aquele leitor do «Diário de Lisboa»:

«Frente a piscina dos Olivais, há um troço de rua que vai ligar á Rua Capitão Santiago de Carvalho e que é o caminho mais curto para quem se dirige de carro para uma larga zona da Encarnação e dos Olivais-Norte. Pois há cerca de 2 meses, foi ali posto um sinal de trânsito proibido e desde então não se viu fazer qualquer obra no solo ou subsolo. Ninguém descortina a razão pela qual o trânsito foi cortado e por isso ninguém sabe quando deixará de estar a rua vedada. No meu caso pessoal, em vez de andar 50 metros desde esta bifurcação até minha casa tenho de percorrer 500 desnecessáriamente.

Eis a razão pela qual peço a V. para chamar a atenção dos serviços camarários competentes para ou retirarem os sinais postos na rua ou explicarem as razões pelas quais ela está vedada.

Rotary Clube de Lisboa

A próxima reunião do Rotary Clube de Lisboa, a efectuar na terça-feira, pelas 12 e 45, no Hotel Tivoli, terá por tema «Companheirismo»

CAMPANHA DE SEGURANÇA NAS PRAIAS

ASSOCIAÇÃO DE NADADORES-SALVADORES VOLUNTÁRIOS

— Se é maior de 16 anos (homem ou mulher);

— Se sabe nadar bem;

— Se vive próximo do mar ou passa as férias grandes em alguma praia...

... Concorra à Associação de NADADORES-SALVADORES enviando um postal com o seu nome, idade, morada e profissão para a

CAMPANHA DE SEGURANÇA NAS PRAIAS

MINISTÉRIO DA MARINHA

Praça do Comércio ● LISBOA

OFENSIVA REPUBLICANA NO YEMEN

ADEN, 22 — (R.) — Forças republicanas yemenistas repeliram um ataque de forças monárquicas que tentavam ocupar parte da província de Ajja, a noroeste de Sanaa, segundo revelam notícias recebidas a noite passada nesta cidade.

Travar-se-iam batalhas entre forças republicanas, comandadas pelo chefe Abdullah Al-Ahmar e tropas monárquicas á volta da localidade de Saada, ao norte de Sanaa.

Os republicanos iniciaram a sua ofensiva para reconquistar Saada, a seguir ao assassínio, no mês passado do ministro da Defesa realista, príncipe Abdullah Ben Al-Hassan, naquela localidade.

Esta ofensiva parece ter desfeito as ultimas diligências para solucionar a guerra civil no Yemen, que dura há sete anos.

A Rádio realista, captada nesta cidade, declarou ontem que numa recente conferência tribal no Q. G. monárquico em Al Jawf, tribos realistas renovaram a sua obediência ao imã deposto Mohammed Al Badr.

Contudo, Rádio Sanaa afirmou que algumas tribos do Norte se juntaram recentemente aos republicanos.

Participação do público francês na fiscalização dos preços

PARIS, 22 — (R.) — Centenas de franceses estão a vigiar atentamente os preços por ordem do Governo.

Agem segundo um padrão: Vão a estabelecimentos, verificam os preços que estão a ser pagos pelos fregueses e, se esses preços são demasiado altos, fornecem um relatório á junta de fiscalização de preços do Governo.

Em resultado dessas verificações para apoiar o congelamento temporário de preços, ordenado pelo Governo, foi intentado um procedimento judicial contra cerca de 150 lojistas, que se alegou terem aumentado ilegalmente os seus preços.

Inspectores governamentais comunicaram alguns grandes aumentos de preços, como os 15 por cento nos preços da carne no mercado de Paris, enquanto fiscalizam o congelamento que deverá terminar em 15 de Setembro.

GRANDES MULTAS

Antes de decidir sobre o congelamento em 10 de Agosto, o Governo tinha já á sua disposição uma força de inspectores para fiscalizarem os preços.

Esta força aumentou agora em 150 homens em Paris, enquanto que, nas províncias, cerca de dois mil inspectores exercem constantemente a fiscalização.

Um informador do Ministério das Finanças afirmou que o congelamento de preços tivera um grande êxito nas fases iniciais.

Os prevaricadores do congelamento estão sujeitos a grandes multas.

O congelamento bloqueia os preços dos produtos industriais, assim como as margens de lucro em todas á desvalorização.

OPTIMISMO

Assim como á Polícia oficial de fiscalização dos preços, foi pedido a elementos do publico para informarem também as autoridades locais de aumentos de preços.

Se o congelamento obtiver êxito, proporcionará aos produtos franceses manterem o seu grau de competição nos mercados estrangeiros.

No aspecto político, o Governo mostra-se ansioso de evitar conflitos com os sindicatos, que estão já a pedir aumentos substanciais nos salários e podiam ser empurrados para uma militância cada vez maior se os preços subissem.

O Governo tem até agora manifestado optimismo sobre a capacidade de conter a subida dos preços, que segue a desvalorização.

O ministro das Finanças, Valery Giscard D'Estaing, prevê um aumento de preços inferior a um por cento, até ao fim do ano.

ENCORAJAR A POUPANÇA

Contudo, muito dependerá òbviamente das medidas económicas a longo prazo que estão a ser delineadas pelo Governo e que devem entrar em vigor quando o congelamento terminar, em meados do próximo mês.

Fontes bem informadas esperam que medidas especiais sejam tomadas para encorajar a poupança, a fim de combater a inflação há muito pendente.

Na vital frente agrícola, o ministro da Agricultura, Jacques Duhamel, afirmou esta semana que a desvalorização deveria conduzir a uma nova política no âmbito europeu e previu que, em futuro próximo, o custo da produção de alimentos não devia aumentar em mais do que um por cento.

KONI

ALCATIFA AS ESTRADAS

o amortecedor mais barato por km. percorrido

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA
TEL. 56 01 56

CERCA DE 100 FOGUETÕES DISPARADOS CONTRA DA NANG

SAIGÃO, 22 — (R.) — O Vietcong disparou, ás primeiras horas de hoje, foguetões de fabrico soviético contra a grande base americana de Da Nang, horas depois de empregar as maiores granadas de morteiro do seu arsenal para bombardear a cidade costeira de Duc Pho.

O comando americano recusou-se a revelar detalhes do ataque contra Da Nang, limitando-se a anunciar que causaram poucas vitimas e estragos.

Um informador disse que cerca de 100 foguetões russos de 122 mm., carregados com ogivas com 18 quilos de potente explosivo, atingiram a base aérea do norte do país.

Os guerrilheiros usaram granadas de morteiro de 120 mm. no ataque contra Duc Pho, a cerca de 160 quilómetros a sueste de Da Nang. Morreram dez civis vietnamianos e 62 outros ficaram feridos devido ao bombardeamento.

Os ataques encontravam-se entre cerca de 20 realizados durante a noite contra instalações militares e cidades em todo o Vietnam do Sul. Um informador americano declarou que 10 deles foram inofensivos.

Tropas norte-vietnamianas apanharam ontem numa emboscada um comboio blindado americano na província de Binh Long, a 111 quilómetros ao norte de Saigão.

Helicópteros sobrevoaram o comboio para atacar os norte-vietnamianos. Não foram mortos soldados americanos, mas o informador disse que 11 norte-vietnamianos mortos foram contados após o combate de 70 minutos.

Entretanto, bombardeiros americanos B-52 prosseguem com os seus ataques contra uma concentração suspeita de soldados norte-vietnamianos á volta do acampamento de forças especiais de Ben Het, perto das fronteiras do Laos e do Cambodja.

Os aviões efectuaram ontem 10 missões contra alvos perto do acampamento, cercado pelos norte-vietnamianos durante os meses de Maió e Junho.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

O ANIVERSÁRIO DA INVASÃO DA CHECOSLOVÁQUIA

Três mortos em Brno

PRAGA, 22 — (R.) — Morreram três pessoas e 15 ficaram feridas em recontros entre a Polícia, soldados e manifestantes. Os recontros deram-se ontem na cidade de Brno, durante o primeiro aniversário da invasão da Checolováquia por tropas do Pacto de Varsóvia — foi hoje anunciado pelo «praesidium» do Partido Comunista.

Segundo a declaração do «praesidium», entre os feridos havia quatro elementos das milícias.

Assim, o numero de mortos em dois dias de disturbios ocorridos em Praga e noutras cidades checoslovacas sobe a cinco

A declaração do «praesidium» afirmava que era bastante tensa a situação criada por «contra-revolucionários antisoviéticos» em Brno.

Os tanques e os pesados veículos blindados começaram esta manhã a sair de Praga, com o regresso da normalidade á capital checoslovaca, depois de três dias de distúrbios no país.

Os tanques e outros veículos com tropas que tinham ocupado o centro de Praga, para ajudar a Polícia e a milícia popular começaram a regressar aos seus estacionamentos para além do rio Vltava, ás 7 e 30, hora local.

Grande número de forças de Polícia, apoiadas por unidades do Exército, continuam a patrulhar as ruas como prevenção No entanto o povo da capital checoslovaca começou esta manhã a regressar pacíficamente ás suas ocupações

COMO EM 1956

O «Rude Pravo», órgão do Partido Comunista checoslovaco dizia esta manhã, numa longa notícia sobre os passados três dias de violência, que tinham sido 600 as prisões até agora feitas, e na primeira página inseria fotografias mostrando veículos e estabelecimentos danificados pelos díscolos.

O jornal acusava os «criminosos fascistas contra-revolucionários» pelas perturbações, que considera semelhantes aquelas que tentaram derrubar o Governo húngaro em 1956.

A notícia dizia também que os manifestantes se tinham utilizado de espingardas automáticas contra cidadãos desarmados

O TOM DE «L'UNITÁ»

ROMA 22 — (F. P.) — «L'Unita», órgão do Partido Comunista italiano, intitula a cinco colunas «Protesto e incidentes no centro de Praga» a longa narrativa dos incidentes, assinada pelo correspondente do jornal em Praga.

A reportagem começa por estas palavras: «Os dias de quarta e quinta-feira, aniversário da intervenção na Checoslováquia dos países do Pacto de Varsóvia, foram marcados infelizmente por uma série de dolorosos incidentes. Dois mortos, um número ainda não determinado de feridos e 20 prisões constituem o pesado balanço dos incidentes».

Um curto editorial assinado por M. F. (iniciais de Maurizio Ferrara) refere-se primeiro á Irlanda, para acrescentar logo a seguir: «Acerca da Checoslováquia, também já escrevemos há um ano e vollamos hoje a fazê-lo, o que convinha escrever (...) Fizemo-lo com a consciência crítica e com a angústia de quem vive, na sua qualidade de comunista um episódio amargo e trágico que lhe diz respeito, em virtude de uma escolha internacionalista de sempre»

NUMA RUA DE BELFAST, este soldado britânico deu atenção ao menino que naturalmente lhe perguntou: «Deixas-me pôr o teu capacete?» O militar acedeu. Pormenor pitoresco no meio da tensão que lavra no Ulster.

O caso Rosenberg no cinema

HOLLYWOOD, 22 — (A. N. I.) — A história de Julius e de Ethel Rosenberg, os dois espiões norte-americanos condenados á morte em 1953 por terem comunicado á U. R. S. S. informações secretas sobre a bomba atómica, serve a Otto Preminger de tema para o seu próximo filme. O argumento baseia-se não só em trechos do processo, como nas numerosas obras publicadas sobre este caso

NOTA INTERNACIONAL

UM NOVO REICHSTAG?

O incêndio da mesquita de Al Aksa em Jerusalém e as circunstancias que rodeiam o caso fazem lembrar um outro incêndio de vastas consequências — o do Reichstag, em 1933. A destruição do edifício do Parlamento alemão teria sido provocada pelo regime nazi, o qual procurou imputá-la aos comunistas, a fim de ter um pretexto para intensificar a repressão e consolidar o seu monopólio de poder.

O incêndio da mesquita é um novo Reichstag, em que os comunistas são substituídos pelos israelitas?

O que aconteceu em Jerusalém está a provocar violenta reacção árabe e a acusação de que se trata de um perverso acto dos israelitas.

No entanto, na questão sobressaem três aspectos evidentes:

1 — O incêndio de Al Aksa não corresponde, de forma alguma, á maneira de proceder dos israelitas, desejosos de evitar qualquer iniciativa gratuita, que vá acirrar ainda mais os árabes.

2 — O incidente serve ás mil maravilhas os fins da propaganda árabe, que procura galvanizar as massas dos países á volta de Israel, para o assalto final ao Estado judaico. Que o incêndio tenha sido provocado ou acidental pouco interessa. São mais importantes os objectivos em vista. Antes mesmo de se saber se há efectivamente réus, os israelitas são julgados e condenados

3 — O acontecimento, além de fazer lembrar o caso do Reichstag, verifica-se logo a seguir ao agravamento da crise na Irlanda do Norte, em que o aspecto religioso tem constituído também uma cortina, sob a qual se encondem outros factores fundamentais para se compreender a situação explosiva que se criou. Por outro lado, é conhecido o carácter emotivo e altamente sugestionável das populações árabes. O «impasse» militar no Médio Oriente exigia um golpe desse tipo para acelerar um processo de mobilização moral e o incêndio em Jerusalém salienta na Palestina um ambiente idêntico ao do Ulster.

Na Irlanda, digladiam-se católicos e protestantes. No Médio Oriente, trava-se entre muçulmanos e judeus a luta cuja escalada poderá conduzir á «guerra santa», tantas vezes pedida no mundo árabe contra os israelitas.

NUNO VIEIRA

Estão a ser julgados os dois irmãos suspeitos de terem morto o actor Ramon Novarro

LOS ANGELES, 22. — (R.) — Ramon Novarro, o ídolo do cinema mudo, provocara indecorosamente um dos dois irmãos que se alega terem-no espancado até á morte no quarto de dormir na sua residência em Hollywood, segundo foi afirmado num tribunal desta cidade.

Paul Ferguson, de 23 anos, e seu irmão Thomas, de 18, estão a ser julgados pela acusação do assassínio do actor, de 63 anos — um dos grandes amorosos do cinema mudo — que foi encontrado morto á cacetada em 30 de Outubro ultimo.

Victor Nichols, um negociante de compra e venda de propriedades de Los Angeles e amigo dos Ferguson, disse ontem ao tribunal que os dois irmãos apareceram na sua residência e lhe contaram que Ramon Novarro estava morto.

Nichols citou Paul Ferguson como lhe dizendo que Ramon Novarro fizera tentativas «impróprias e sugestivas» a seu irmão mais novi. Paul acrescentou: «Tom atingiu Ramon... Ramon está morto». O irmão mais novo declarara, por seu turno: «Agredi-o várias vezes. Está morto».

Contudo, a acusação alegou no início do julgamento, que fora Paul Ferguson que fizera o espancamento fatal, enquanto seu irmão mais jovem se sentava na escada da residência, fumando, bebendo e descrevendo o que estava a acontecer durante uma conversa telefónica de 48 minutos que teve com a sua namorada em Chicago.

Foi o telefonema, descoberto durante uma verificação rotineira pela Polícia das contas do astro, que conduziu á prisão dos Ferguson.

A acusação alegou que Ramon Novarro fora espancado até á morte com a sua própria bengala — uma recordação de um dos seus primeiros filmes — numa tentativa para fazer com que ele revelasse onde tinha escondido 5000 dólares.

Ramon Novarro, o «Ben Hur» dos dias do cinema mudo, desmaiou repetidas vezes devido ao espancamento. Era, depois, reanimado debaixo de um chuveiro para ser espancado de novo e interrogado — prosseguiu a acusação. Finalmente, morreu sufocado no seu próprio sangue, quando se encontrava deitado no seu leito, com os pulsos amarrados atrás das costas por um fio eléctrico.

Numa audiência anterior, o secretário do actor, Edward Weber, revelou que visitara a casa na noite do assassínio, mas não lhe fora permitida a entrada.

Ramon Novarro encontrava-se bem disposto, com a barba e o bigode aparados e cheirava como se tivesse posto alguma loção. «Tive a impressão de que tinha alguns convidados» — acrescentou Weber.

JORNAIS OCIDENTAIS CRITICADOS PELA TASS

MOSCOVO, 22. — (F. P.) — Uma parte «reaccionária» da Imprensa americana, francesa e britanica, tem-se feito eco das «intenções anti-soviéticas» dos maoistas, declarou ontem a agência Tass num artigo sobre a campanha anti-soviética sem precedentes desencadeada na China, após o incidente fronteiriço de 13 de Agosto passado.

A agência acrescenta que «esses jornais copiam títulos e expressões empregadas pela Imprensa chinesa, tais como «Ameaça russa», «Invasão de carros de assalto russos no Sinkiang» e «Imperialismo soviético».

Como resposta a estes aplausos, diz a Tass, a máquina de propaganda maoista repete agora as invenções mal intencionadas da Imprensa ocidental sobre a Checoslováquia, assim como as mais vis calunias sobre os dirigentes do Partido Comunista e do Governo da Checoslováquia.

«CONJURA BONN-PEQUIM»

Entretanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, recebeu ontem os parlamentares alemães-oeste que visitam a U. R. S. S.: Helmut Schmidt, presidente do grupo parlamentar social-democrático e seus adjuntos Alex Moeller e Egon Franke.

Actualmente na U. R. S. S. a Imprensa, Rádio e Televisão denunciam a existência «de uma conjura Bonn-Pequim dirigida contra a U. R. S. S., sendo criticado Willy Brand, ministro dos Estrangeiros da Alemanha Federal e presidente do Partido Social-Democrata por ter tomado a iniciativa da «normalização das relações com a China» ao mesmo tempo que a Alemanha Federal fornecia á China «peças para os seus foguetões».

Português condenado na Zâmbia

LUSAKA, 22 — F. P.) — Um imigrante português, Avelino dos Santos, foi condenado ontem em cerca de 270 Kwachas (10 500 escudos) de multa por um tribunal desta cidade, devido a posse ilegal de munições

Ao anunciar a sentença o juiz declarou que a condenação nada tinha a ver com as más relações políticas existentes entre a Zâmbia e Portugal.

Avelino dos Santos de 50 anos vive na Zâmbia há 16 anos.

Pedida a «guerra santa» contra Israel

(Continuação da 1.ª página)

muçulmanos, como para judeus e cristãos.

Nas Nações Unidas, em Nova York, diplomatas árabes manifestaram privadamente a opinião de que o Conselho de Segurança poderia ser convocado na próxima semana, a fim de discutir o incêndio.

Chefes de Governo, organizações de guerrilheiros e de exilados palestinianos árabes esqueceram as suas diferenças e uniram-se para denunciar o incêndio como o ultimo e mais grave acto de agressão de Israel contra o mundo árabe.

Comunicados governamentais sublinhavam a afronta que o incêndio representava para a fé muçulmana e pediram acção conjunta para a defrontar.

A Confederação Internacional dos Sindicatos Árabes pediu á classe trabalhadora de todo o mundo árabe para efectuar, na próxima quinta-feira, uma greve de uma hora, como protesto contra o incêndio.

Conta Infantil.
BANCO DO ALENTEJO

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

TSAI SISTERS
Vedetas chinesas do "music-hall" internacional

FREDIANI BROTHERS
originais acrobatas e fantasistas

NORBERTO MARTINHO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21 anos

STORMY SUMMERS
só no wonder bar

NO CINEMA, ás 17 e 21.30 h.
O CASO STRANGE
(M. 17 anos)

NÃO BASTA DIZER TURISMO É PRECISO PROMOVÊ-LO...

NÃO é lá por um cidadão (individual ou colectivo) colocar, à berma da estrada um cartaz com WELCOME TO isto ou TO aquilo que se faz TURISMO. E, meu São Gonçalo de Lagos, o ALGARVE é um **welcome** pegado!

Quem chega às terras algarvias, venha por que lado vier, venha lá donde vier, venha aí como vier, recebe logo, por palavras, as mais cordiais BOAS-VINDAS. Para começar, não há nada mais agradável, MAS...

O MEU CORAÇÃO VIVE (SEM ÁGUA) NAS TERRAS ALTAS DE LAGOS

POR menos que se queira, o Algarve não é Algarve sem as suas praias. Sem aquela areia macia, que atapeta o fundo das arribas. Sem aquela água mansa, que parece boiar em si mesmo. Sem aquelas rochas moles, que, de vez em quando, se afurnam. Sem aquela submissão do Sol, que aquece e cresta, mas não queima.

O Algarve é Verão. Para quem vem de fora, Verão de todo o ano. Por essa e por outras razões é que, lá, TURISMO não pode apenas ser uma palavra privada ou particular. Tem que ser uma expressão oficial. Mas não é.

Se é preciso explicar, eu explico. Entrei no Algarve pela porta de Lagos. É normal, para quem «desce» de cá para lá, não se querendo assar na fornalha alentejana. Dá-lhe a ideia que, indo junto à costa, leva ao seu lado um pouco da brisa marítima. É, desde a Ponte, que começa a moer quilómetros, à procura de chegar.

Fazer turismo não é partir, é estar. É instalar-se num conforto de férias. É saber que lhe vão vender a paisagem por um preço que o compensa, em quinze dias ou num mês, do ano inteiro de trabalho.

Quando o turismo é desconforto, é, ao mesmo tempo, liberdade. Por isso, muita gente parte com tendas e «roulottes»; com trouxas mesmo, onde amarra o essencial; com uma muda de lençóis e outra de roupa interior, mas certa que, assim, livre de uma gravata ao pescoço das conveniências, encontra o que lhe é indispensvel para viver como gente e no nosso tempo.

Portanto e para já, turismo não é perigo, nem abrandamento de costumes ou sacrifício de hábitos regulares, normais, inevitáveis.

REPORTAGEM POR
TAVARES DA SILVA

A PROPÓSITO

Mas, antes de falar de como «o meu coração viveu, **sem água**, nas terras altas de Lagos», vou contar uma história que tem já uns cinco-seis anos.

Fui, uma vez, com um amigo meu de Angola, à África do Sul. Queria ele (que era um destes homens com dinheiro para investir a longos prazos) montar uma instalação turística, para **safaris** fotográficos, junto a uma reserva sul-africana.

Falou com as entidades. Contou o seu plano e, lá, perguntaram-lhe, com exactidão, qual era o seu projecto. O meu amigo disse que, para começar, pensava ter dezoito **bangalôs**, quatro **esperas** e sete a dez **jeeps**, para o serviço do campo. Uma coisa aí, em princípio, para se encher com setenta e tal pessoas.

As entidades consultadas mandaram-no esperar três dias, ao fim dos quais lhe responderam que só dentro de dois anos poderia construir o campo: «*É que* — diziam — *o Estado só nesse prazo poderá criar as infra-estruturas indispensáveis a tal empreendimento*».

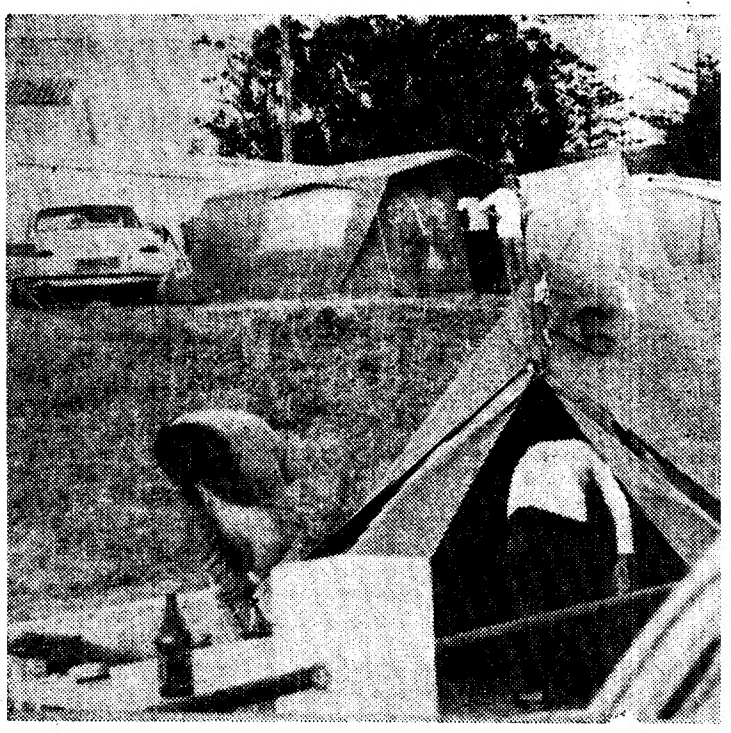
E acrescentavam: «*Primeiro, há que abrir uma rede de estradas; em seguida, há que levar água, luz e telefones ao campo; por fim, é preciso montar uma pista de aviação que o sirva*».

Como está longe desta história quem se virar para a realidade turística do nosso Algarve, onde não se meteram setenta pessoas a fazer fotografias, mas umas dezenas de milhar a fazer turismo!

BARLAVENTO

Entrei no Algarve pelo lado de barlavento. Lagos é a saída de uma estrada que martiriza de tantas curvas; que intimida de tanta estreiteza; que arrasa a atenção de quem guia, porque, a cada passo e com razão, lá está um aviso sobre o perigo das bermas, que são de areia solta. gartadas já (mas sem pavimento ainda) as curvas do Cercal. E as outr ? Aquelas que dão até ao fim da viagem? Que são um carrossel até ao Barlavento algarvio?

Turismo não é partir, mas começa entre o partir e o chegar.



Os campistas chegam onde não chega a água. Mas, a

D. Manuel I, naturalme d

L ria an nh (en da a gur «po tra C con se os par Por E lha «As tam N Mas

O a L ras tive rea Ma atu P caf era café que até O com cois

COLÉGIO MODERNO
Rua de Malpique, 19 e 22 (ao Campo Grande) — LISBOA-4
Tel. 775038 - 761239 - 775072
Fundado em 1936 pelo PROF JOÃO SOARES

Internato – Semi-Internato – Externato

Sexo masculino — Instrução Primária, Curso Liceal e Complementar dos Liceus, Admissão às Escolas Superiores.
Secção Infantil (para os dois sexos)
Curso Liceal Nocturno para Adultos

Abertas as matrículas. A Secretaria presta informações em todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 18 h.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Em ALMADA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Verissimo, Praça da Restauração, 12.

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

Couto, L.da
PORTO

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇAO
PEÇA LITERATURA

naturalmente, não podia prever a urbanização turística das terras altas de Lagos!

Lembra-me outra história que já tem os seus doze anos e se passou em Espanha. À saída talabarteira (em Talavera de La Reina) da estrada de Madrid para a fronteira do Caia, perguntei a um *carretero:* «porque estava tão mal tratada a estrada?».

O homem sorriu e, muito convencido, afirmou: «*Pois se a carretera estivesse boa, os turistas que vêm a Espanha iam todos parar a Portugal...*».

E, numa expressão castelhana e sagaz, acrescentou: «*Assim, o mais que aguentam é até Truguilho*».

Não é o caso do Algarve. Mas até parece...

SEM ÁGUA

Ora, quando eu cheguei a Lagos, após as várias horas de luta com a estrada, tive a surpresa de outra realidade. Mais dramática. Mais desesperante. Mais aturística.

Parei às portas de um café. Já era noite, mas não era ainda tarde. Pedi um café. É o mínimo para quem vem curva-abaixo até ao Algarve.

O rapaz olhou para mim, como se eu tivesse dito a coisa mais bizarra do mundo, e, na sua voz cantante, algarvia, sonora, declarou:

— *Não há café. Quer dizer: café há, mas não há água para o fazer.*

E, treinado numa explicação, quase diária, esclareceu-me:

— *Estamos sem água, desde o fim da tarde. No Verão é assim. A gente aumenta, a água falta. Percebe?*

Recusei-me, pelo menos, turisticamente, a entendê-lo.

E, dali, caminhei para as terras altas, onde o volume de construções turísticas, com hotéis, blocos de apartamentos mobilados e até um parque de campismo (tudo tão moderno, eficiente e — porque não? — luxuoso) me davam a certeza de um planejamento de tipo definitivo. No sector privado, esta expressão era certa. Real. Absoluta. Mas o resto, na verdade, vivia ao acaso de um turismo com tronco, mas sem raiz.

Ali (e não já pelos campistas que precisam mais de água do que de pão para a boca, nem pelos habitantes horizontais dos apartamentos mobilados, que, sem água, se afogam no desespero) a sede tinha um horário arrasante. Era de 18 horas por dia!

Nos dias de maior movimento, a quarentena chegava a ser de 20 horas. Naquele, por exemplo, as terras altas (ou melhor: a zona da Aquazul) tinha apenas tido água entre as 8 da manhã e o meio-dia.

Mas o mais notável (!) é que a seca é um capricho oficial...

a. Mas, até quando?

AMANHÃ

LAGOS RECEBE AINDA A ÁGUA QUE LHE DEU D. MANUEL I (!)

ENG.º CUNHA LEAL

O engenheiro Cunha Leal cujas melhoras se têm acentuado nos ultimos dias depois de grave doença, completa hoje 81 anos.

Ao antigo ministro e Presidente do Ministério da Republica, reitor da Universidade de Coimbra em emergência particularmente grave, e nosso colaborador de sempre, apresentamos cumprimentos, fazendo votos pelo seu completo restabelecimento.

JÓIAS

Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 225

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

SATÉ — O GRANDE! O FORA DE SÉRIE! BREVEMENTE EM CASCAIS.

SOL E AREIA DE ALGÉS AO GUINCHO — 5

SANTO AMARO DE OEIRAS: «O GARRAFÃO»

DESLOCA-SE CADA VEZ MAIS PARA AS PRAIAS DE OESTE

Santo Amaro de Oeiras é aquela praia da «linha» que, em cada domingo de Verão, salta aos olhos dos transeuntes da Marginal como uma grande manta de gente especada diante do rio. Nem a areia se vê, tanta é a multidão. Tirando isso, Santo Amaro é uma praia quase sem história, apesar da antiguidade. Mas é através dela que se pode verificar como o chamado «turista do garrafão» se aventura cada vez mais na conquista das praias da «linha», avançando cautelosamente para Oeste, na direcção do Estoril.

— *É mais fácil chegar á Lua do que atravessar a estrada, ao pé da praia,* — foi uma das primeiras queixas que o repórter escutou, na voz do sr. Valdemiro Costa, de 36 anos, em opinião corroborada pela assembleia que a curiosidade juntou á nossa volta.

E o sr. Valdemiro, prestável, acrescentou:

— *Outra coisa que não está certa é a situação do posto da Cruz Vermelha, quase num dos extremos da praia. Se acontece haver um desastre no outro extremo, torna-se mais difícil salvar a vítima.*

Toda a gente quis dar uma achega: faltam caixotes do lixo; os futebolistas (de praia) abusam; o tunel existente sob a Marginal fica muito longe do comboio; a mancha vermelha que frequentemente se forma á superfície das águas, o óleo que enegrece a areia, as águas e... os corpos que se aventuram ao banho em certas zonas da praia.

«Gente que é um disparate»

— *Vem para aqui gente que é um disparate* — quis dizer o sr. Joaquim Torres, de 47 anos, fotógrafo «á la minute».

— *No outro dia distrai-me um bocado e quando dei por mim tinha dois garotos a brincar com a máquina e a encher-me o balde do banho com areia.*

Foi, talvez, há uns três anos que começou a vir para aqui gente que não faz cá falta nenhuma. Agora também já é praia de «garrafão».

Frequentador antigo da praia, o sr. José de Almeida Rodrigues, de 47 anos, funcionário da Junta Nacional de Frutas, acha que «em 30 anos, a praia não melhorou».

— *A meu ver até andou para trás* — frisou.

Abordado, depois, pelo repórter, o sr. Mário Augusto, de 55 anos, proprietário, esclareceu que era a primeira vez que ia á praia de Santo Amaro.

— *Estou aqui, hoje, porque encontrei um lugar, á sombra, para o carro. Mas, habitualmente, prefiro Carcavelos: é mais praia. A dificuldade, em certos dias, é encontrar estacionamento.*

Manchas vermelhas

Sobre o que são exactamente as manchas vermelhas que poluem as águas, em certas áreas mesmo á beira do areal, ninguém soube fornecer informações exactas. Ora vem de uma fábrica, ora de outra. Mas quanto á sua toxicidade, isso é que as opiniões eram unanimes.

— *Aquilo são produtos químicos em suspensão e sendo produtos químicos não fazem bem a ninguém* — afirmou, sentenciosa, a jovem Maria Bárbara Loureiro, de 17 anos.

No extremo ocidental da praia, desagua uma ribeira que vem desde Oeiras, a serpentear até ao Tejo. Pois aí junta-se grande quantidade de nafta, que ninguém sabe, ao certo, de onde vem.

— *As águas começam a tornar-se sujas a uns 400 metros daqui, junto a uns esgotos. Daí para cima é a Gulbenkian.* — esclareceu José Manuel Santos, de 16 anos, que passa todo o Verão em Oeiras

Duas gerações, dois estilos diferentes de tomar banho

Serviços para os banhistas

Quatro estabelecimentos de banheiro («Beira-Mar», «Pereira e Mateus», «Carvalho e Franco» e «Oceano á vista», de João Mendes Jorge e filhos) e três restaurantes («Cardiga», «Clara d'Assunção» e «Saisa») servem os banhistas de Santo Amaro.

Outro «serviço» á disposição dos banhistas é o das «escolas de natação». Francisco Peralta, de 46 anos, passa em Santo Amaro os meses de Verão, ensinando a nadar e alugando barcos.

— *No Inverno volto á minha profissão de serralheiro mecanico.*

Assim vai Santo Amaro de Oeiras (praia preferida de José Viana, Fernanda Borsatti e mais gente de nome conhecido). A beira da Marginal, em cada domingo é uma toalha de gente estendida junto ao rio.

SANTO AMARO: uma toalha de gente especada diante do rio, ao sol quente de qualquer dia de Verão...

Comprovada a inocência do condutor que desaparecera com uma criança em Espanha

O pequeno Miguel Rosa Borrego que, em Espanha, desaparecera no automóvel de um português com quem seus pais travaram conhecimento na estrada, a caminho de Valladolid, chegou ontem, á noite, a casa dos tios, acompanhado do pai e do tio, que, conforme noticiámos, o foram buscar a Fuentes de Oñoro.

O caso foi, pouco depois, completamente esclarecido na sede da P. I. D. E., onde o miúdo, o pai e o, durante algum tempo, indigitado raptor, sr. Eduardo Sousa Correia, se deslocaram para últimos esclarecimentos. Ficou provado, então, que a principal vítima do caso que trouxe durante alguns dias alertada a opinião pública fora, afinal, o sr. Eduardo Sousa Correia.

O sr. Sousa Correia, a pedido do Miguel, e com o consentimento do pai, sr. António da Conceição Borrego, conduziu o pequeno no seu carro. Seguia em caravana, á frente do carro do pai do miúdo e, ainda do automóvel de um tio deste.

A ... quilometros de Valladolid, o motor do carro do sr. Sousa Correia gripou. Tendo encostado á berma da estrada, buzinou fortemente e pôs os faróis no máximo, para chamar a atenção do pai do miúdo. Aquele, porém, ultrapassou-o. Só bastante mais tarde se conseguiu que o carro fosse rebocado.

O sr. Sousa Correia, ao contrário do que ainda ontem se presumia, não foi, também, culpado de negligência. Depois de deixar o Miguel entregue aos cuidados dos donos da garagem onde entregara o carro, e a conselho destes, pois na perturbação do encargo que para ele comportava a criança, não sabia o que fazer, dirigiu-se á Policia Municipal da cidade, onde relatou o caso tendo sido informado de que deveria dirigir-se á Policia da fronteira. Pediu então, a um funcionário daquela corporação que telefonasse para a fronteira, a comunicar o caso ás autoridades, o que parece não ter sido feito. Logo que o carro ficou reparado, o sr. Sousa Correia dirigiu-se imediatamente a Fuentes de Oñoro, o que aconteceu no dia 19. Foi então que as autoridades portuguesas, e logo a seguir os pais, tomaram conhecimento do aparecimento da criança.

O pequeno Miguel é uma criança viva. Diz que foi sempre bem tratado e nunca chorou durante estes dias de separação dos pais. Finalmente, tanto a família Borrego, como o sr. Sousa Correia poderão passar as férias que vinham gozar ao pais natal a primeira, feliz por estar toda reunida, o segundo, porque a criança, que circunstâncias fortuitas fizeram ficar a seu cargo, se encontra já com os pais e ele viu reconhecida a sua completa inocência.

Dez acidentes mortais no mês de Julho nas praias do Continente

Durante o mês de Julho ultimo houve dez acidentes mortais nas praias do continente segundo comunicação da Direcção da Campanha de Segurança nas Praias, do Ministério da Marinha. Quatro verificaram-se no rio Douro e os restantes na Fuzeta, Zambujeira, Praia da Rocha, Leça da Palmeira, Carcavelos e Polvoeira.

Quanto ás causas dos acidentes dois foram motivados por congestão e um por afogamento. Os restantes devem-se a causas desconhecidas. A comunicação assinala ainda que «a circunstância de sete dos dez acidentes se terem verificado em zonas sem concessionários, aponta para a necessidade de os banhistas cumprirem rigorosamente uma das regras fundamentais de segurança propostas na presente campanha: «Não tomar banho fora da área dos concessionários». Nos três acidentes verificados em zonas com banheiros concessionários, dos ocorreram quando estava hasteado o sinal verde e o outro com o sinal amarelo

«É digno de realce o facto de na área de Lisboa — margem Sul e margem Norte — apenas se ter verificado um acidente, sendo, como se sabe, muito numerosa a população que frequenta as praias da linha de Cascais e da península de Setubal.

Em nenhum dos acidentes houve qualquer culpabilidade dos serviços de assistência, aliás só em causa nos três acidentes ocorridos em áreas concessionadas».

56 salvamentos

Durante o mesmo período realizaram-se 56 salvamentos, sendo 34 de homens e os restantes de senhoras.

A comunicação acentua, por fim, que «o numero de acidentes mortais verificados e o numero de salvamentos realizados constituem ainda um factor que muito preocupa este Ministério, renovando-se, por isso, o apelo para que todos os banhistas colaborem mais activamente nos objectivos da campanha em curso.

Elos Clube de Lisboa

O Elos Clube de Lisboa oferece, na próxima segunda-feira, ás 12 e 45, no Hotel Tivoli, um almoço em honra da misão económica do Estado de S. Paulo, da qual fazem parte elistas, designadamente o ministro Otto Cyrilo, presidente do Elos Clube de S. Paulo.

Participam também nesse almoço, como convidados, os escritores e juristas brasileiros drs. Povina Cavalcanti e Oliveira e Silva, do Elos Clube do Rio de Janeiro.

As inscrições podem fazer-se até hoje á noite, na sede do Elos Clube de Lisboa, na Rua da Emenda, 10, 1.º

VIDA POLÍTICA

Presidente da República

O Chefe do Estado recebeu uma representação de Viseu, acompanhada pelo respectivo chefe do distrito, que o foi convidar a visitar aquela cidade nos dias 13 e 14 de Setembro próximo, a fim de inaugurar diversos melhoramentos, nomeadamente o Liceu e um bairro de casas económicas.

— O sr. almirante Américo Thomaz recebeu ainda o presidente Município de Montemor-o-Novo e o governador civil de Évora que o foram convidar a visitar aquela vila no dia 8 de Setembro, por ocasião da inauguração de melhoramentos introduzidos nos Paços do Concelho.

Ministro do Ultramar

O ministro do Ultramar trabalhou com o secretário provincial de Obras Públicas de Angola.

Secretário de Estado do Comércio

O secretário de Estado do Comércio recebeu o Encarregado dos Negócios da Noruega; uma representação do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa; o industrial José Ferreira Queimado; os engs. Rui Seisal e Alves da Silva, da C. U. F.

Subsecretário das Obras Públicas

O subsecretário de Estado das Obras Públicas recebeu o governador civil de Viseu e o conde de Marnix de Santé.

Dr. Monteiro Afonso

Veio ao nosso jornal apresentar cumprimentos o dr. Monteiro Afonso, dirigente da Associação Nacional dos Portugueses em França e director do «Correio Português», que se publica em Paris Agradecemos

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 23 — (A. N. I. e L.) — Foi distribuído o comunicado das Forças Armadas em Angola, relativo ao período de 10 a 16 de Agosto. É do teor seguinte:

«Verificou-se aumento ligeiro na actividade dos terroristas em relação ao período anterior, caracterizada fundamentalmente pela implantação de engenhos explosivos em várias regiões da província, alguns dos quais foram accionados e provocaram baixas.

No Norte, o esforço dos bandoleiros manifestou-se em acções contra trabalhadores e populações civis, na tentativa de prejudicar a safra do café, e no Leste revelou-se por acções contra populações e reacção ás acções ofensivas das nossas forças.

As forças da ordem desenvolveram intensa actividade, tanto no aspecto operacional, como na beneficiação de itinerários, causaram 29 mortos aos bandoleiros e capturaram material. Referem-se as acções mais importantes:

Em Cabinda, uma viatura militar accionou um engenho explosivo que causou baixas no itinerário Chimbete Bata-Sano.

No distrito de Luanda, as nossas forças, empenhadas numa operação a sudoeste de de Canacassala, accionaram um engenho explosivo anti-pessoal que causou baixas.

No distrito do Uíge, os bandoleiros atacaram sanzalas e roças, na região de Aldeia Viçosa e Vista Alegre, não se verificando baixas, devido á intervenção das forças da ordem, que ecorreram aos locais pondo os inimigos do povo em debandada.

No Moxico, as nossas forças destruiram um local de refúgio dos terroristas, na região de Chafinda, capturaram uma espingarda automática de origem soviética, granadas e provocaram baixas.

Numa operação na região a sul de Muje, foram destruidos vários acampamentos, provocadas baixas e recuperadas populações retidas pelos opressores do povo.

A noroeste de Gago Coutinho, um grupo de bandoleiros reagiu ás nossas forças, empenhadas em reconhecimentos ofensivos, que, entretanto, capturaram uma espingarda de origem soviética, uma pistola-metralhadora, granadas de mão, diverso material e provocaram baixas.

Ainda no Moxico e na região de Sete, as nossas forças, empenhadas numa operação, accionaram um engenho explosivo antipessoal, que causou baixas.

No distrito de Cuando-Cubango, os carrascos do povo atacaram uma sanzala, na região de Monga, onde causaram baixas, mas a população repeliu a tiro os assaltantes.

No período, as nossas forças tiveram dois mortos e um ferido entre a população civil, por acções de terrorismo.»

Bolsa de Lisboa

Fundos	Taxa	Afec.	Compra	Venda
Consolidado	3 4%	—	—	525$
Consolidado	3½%	—	—	540$
Consolidado	¼%	—	—	640$
Centenário	4%	—	1.480$	1.490$
Obrigs. Tesouro	5%	—	—	—
Externo	1.ª série	—	—	770$
Externo	2.ª série	—	—	—
Externo	3.ª série	—	—	—
Externo	4.ª série	—	—	900$
[illegible]	série	—	175$	190$

Obrigações	Afec.	Compra	Venda
Águas Lisboa 5%	—	—	490$
A. [illegible] 5% 56	—	920$	925$
A. [illegible] 5% 58	—	920$	925$
C. P. ¼ 55	—	900$	—
C. [illegible] ¼% 57	—	1.008$	—
[illegible] 5%	—	—	1.012$
[illegible] 5% 58	—	—	997$
Gás Elect 4½ 48	—	800$	—
Gás Elect ¾% 51	—	—	—
Gás Elect 5% 54	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	926$	—
Gás Elect 5% 63	—	920$	926$
Gás Elect 5% 65	—	—	920$
Gás Elect 5% 67	—	1.020$	—
H. E. Alentejo 5%	820$	815$	820$
H. E. Cávado 5%	—	820$	—
H. E. Cávado 6%	1.003$	1.002$	—
H. E. Douro 5%	820$	815$	820$
H. E. Douro 6%	—	—	999$
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	997$	999$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	860$
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	860$
Lisnave 6%	—	—	1.002$
Metropolitano 4%	—	—	900$
Metropolitano 5 3/4%	1.010$	1.000$	1.015$
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac. Electr 5%	—	850$	860$
Nitratos 5%	—	815$	820$
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	890$
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	925$	—
Sacor 5% 60	870$	860$	870$
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	830$
Sonefe 5%	—	—	870$
I. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	810$	820$
U. E. P. 3 3/4%	—	83$	—
U. E. P. 4%	—	83$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	83$	82$	84$
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	870$

ACÇÕES

Bancos	Afec.	Compra	Venda
Agricultura	1.550$	1.540$	1.560$
Alentejo	996$	995$	997$
Angola	3.200$	3.200$	3.300$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3.550$	3.530$	3.550$
E. Santo	—	17.000$	20.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. a.	—	—	—
L. & Açores p.	6.900$	6.800$	6.950$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.500$	6.450$	6.550$
Portugal n.	—	3.000$	3.100$
Portugal p.	3.450$	3.400$	3.800$
Totta Aliança	—	6.000$	6.200$
Ultramarino n.	3.000$	2.990$	3.020$
Ultramarino p.	3.250$	3.230$	3.300$

Seguros	Afec.	Compra	Venda
Alentejo	76$	76$	—
Douro	—	10.000$	13.000$
Mundial	540$	535$	550$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	45.000$	—
Ultramarino	—	15.000$	30.000$

Ultramarinas	Afec.	Compra	Venda
Açúcar de Angola	—	750$	—
Ag. Cassequel	725$	720$	730$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	—	77$	78$5
Cabinda	—	210$	220$
Diamantes Angola	1.918$	1.915$	1.920$
H. E. Revué	—	590$	610$
Ilha do Príncipe	—	—	650$
Moçambique	122$	121$	123$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	380$	375$	385$
Zambézia	—	—	—
Angolana	—	—	—

Diversas	Afec.	Compra	Venda
Cidla	7.500$	7.450$	7.550$
Cim. Leiria	—	—	4.350$
Cim. Tejo	—	—	1.620$
Col. Navegação	—	—	—
C. U. F.	—	1.550$	1.600$
Fina Aliança	560$	560$	600$
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	2.300$	2.300$	2.320$
Port. e Colónias	—	550$	1.600$
Port. Celulose	4.600$	4.550$	4.600$
Port. Pesca	—	1.150$	1.200$
Port. Tabacos	—	—	—
Sacor	—	4.700$	4.800$
Siderurgia Nac.	—	1.780$	1.800$
Socel	3.000$	2.980$	3.000$
Tabacos de Portugal	—	1.200$	1.400$
Tabaqueira	—	8.000$	9.000$
U. F. Azoto	890$	885$	892$

Águas Electr. e Gás	Afec.	Compra	Venda
Águas Lisboa p.	—	405$	—
Águas Lisboa 34	—	410$	—
Águas Lisboa 36	—	—	—
Eléct. Beiras	1.690$	1.680$	1.700$
Gás Electr.	424$	423$	424$
H. E. Alto Alentejo	158$	157$5	158$
H. E. Cávado	—	1.300$	1.305$
H. E. Douro	1.285$	1.285$	1.288$
H. E. Norte Portugal	—	300$	310$
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.300$	1.290$	1.300$
Nac. Electricidade	1.315$	1.310$	1.320$
Termoeléctr. Port.	—	1.290$	1.310$
U. E. P.	197$	197$	199$

Fundos Investimento	Afec.	Compra	Venda
Atlântico	—	191$5	197$2
[illegible]	—	120$2	123$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	14/8/69	21/8/69	22/8/69
GERAL	140,7	142,4	142,6
METROPOL.	137,0	139,0	139,2
ULTRAM.	168,0	167,6	167,4

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul:		
— Rands de 1 e 2	34$00	36$50
— Rands de 5 a 20	35$00	37$50
América		
— Dollars de 1 e 2	28$15	28$55
— Dollars de 5 a 1000	28$35	28$75
Canadá — Dollar	26$[illegible]0	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$4[illegible]5
Holanda — Florim	7$7[illegible]	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,4[illegible]	$04,62
Marrocos — Dirham	$50	$54
Bélgica — Franco	4$50	5$10
França — Franco	4$80	5$30
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	3[illegible]5$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$80	39$30

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

O embaixador da Colômbia visitará em Setembro Angola e Moçambique

O embaixador da Colômbia foi convidado pelo Governo português a visitar as províncias de Angola e Moçambique, para onde partirá no dia 10 de Setembro.

PROPAGANDA E CONSUMO DO SUMO DE UVA

Uma vez mais a Sociedade Comercial de Bares António dos Anjos Fernandes (Herd.) Lda., promoveu uma campanha para divulgação do consumo e propaganda da uva, visando, especialmente, colocar ao alcance do público as extraordinárias propriedades do sumo da uva. Para o efeito, mantém abertos «stands» distribuidores na Praça Luís de Camões e Largo Martim Moniz.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

DIANE RIGG (EX-EMMA PEEL) NÃO ESQUECE AS TOIRADAS À PORTUGUESA

Diane Rigg era pràticamente desconhecida do público mundial até ao aparecimento da série televisiva «Os Vingadores», em que passou a ser a esbelta e sedutora Emma Peel, uma das figuras mais interessantes que até hoje apareceram entre as multiplas séries de espionagem e policiais Aliás, Diane Rigg não esconde a sua gratidão á TV, afirmando que tudo se tornou maravilhoso para ela logo que trabalhou na Televisão. Terminado o seu contrato respeitante á série «Os Vingadores» acedeu aproveitar um «tentador e pesado» convite para se estrear no Cinema. Gostou e repetiu com um novo filme da série James Bond cujas filmagens decorreram no nosso país. Diane Rigg é, na película, a primeira mulher de James Bond e deve compreender bem o seu papel dada a sua irrequietude natural:

— Enquanto não terminávamos a rodagem de «Ao Serviço de Sua Majestade» aproveitei para filmar seis episódios de «Mini-Killers». Não são estes episódios nem para a TV nem para o cinema. Trata-se de uma nova modalidade de filmes a cores para serem projectados ao domicílio. Qualquer um os pode adquirir. Os seus argumentos são bastante truculentos e a imagem diz tudo porque se trata de histórias sem palavras. Acabei agora de completar seis episódios... depois se verá... A minha personagem é a de uma jornalista curiosa, quase um James Bond de saias (saias que eu detesto por isso só uso calças nem mesmo com mini-saia me sinto à vontade), que tem de descobrir o mistério de umas bonecas que matam os seus possuidores Gosto imenso do papel desta série, muito menos sofisticado que o de Emma Peel.

Quando da sua passagem por Espanha, onde filmou alguns dos episódios de «Mini-Killers», perguntaram-lhe porque não havia assistido a uma só corrida de touros. Diane sorriu e respondeu abertamente:

— Corrida de touros só em Portugal, onde não sacrificam os animais. As corridas á portuguesa oferecem os mesmos atractivos das vossas sem a escusada carnificina final, além da parte tipicamente lusitana. Por isso espero, com impaciência, o meu regresso a Lisboa, onde devo voltar para me converter na esposa de James Bond e assistir, na arena do Campo Pequeno a esse espectáculo viril que é uma tourada á portuguesa.

DIANE RIGG ex-Emma Peel, e agora parceira do novo James Bond, é intérprete de «MINI-KILLERS», série de «Suspense» como a imagem documenta

2.° PROGRAMA
DAVID COPPERFIELD E ZIP-ZIP

A emissão do 2.° Programa reduz-se esta noite á repetição de dois programas, que bastante êxito obtiveram quando da sua estreia Assim, pelas 21 e 30 e apresentado o 22.° episódio do folhetim «David Copperfield», seguindo-se a retransmissão do 8.° programa «Zip-Zip», com Raul Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz.

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Pelas 23 e 20, antecedendo o último noticiário «Marcha do Mundo», a R T.P. dedica alguns minutos à «marcha» da 32.ª Volta a Portugal em Bicicleta com apresentação e comentários de Amadeu José de Freitas.

NOITE DE CINEMA: O ÓRFÃO PERDIDO

Cerca das 22 horas é apresentada a rubrica Noite de Cinema, com a película «O Órfão Perdido», protagonizada por Dan Dailey e Diana Lynn. Dirigiu o filme Douglas Sirk. Nascido na Dinamarca, ele aprendeu a dirigir filmes nos bons tempos do cinema alemão e, trabalhando em Hollywood, foi um cultor do melodrama. do filme lacrimoso, de excessos, de personagens dignas de pena. E, apesar disso, conseguiu ser sempre um realizador de interesse, como em «Escrito no Vento» ou «Tempo para Amar, Tempo para Morrer».

O filme de hoje «O Órfão Perdido» («Meet me at the fair»), não foge á regra e só uma realização cuidada e com o sentido do espectáculo conseguiria aguentar são melodramático assunto. De facto, a história do órfão fugido que é acolhido por um médico duvidoso, poderia cair fàcilmente no melodrama barato Mas não; Sirk escolhe intérpretes simpáticos, como o sorridente Dan Deiley e a bonita Diana Lynn e vai buscar a um famoso coro infantil o pequeno Chet América de princípio do século e dando-nos a ouvir belas melodias como a «Ave Maria», de Schubert.

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS
Director: PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL
80 MINUTOS de ENSINO:
LIÇÃO EM CLASSE (50 minutos) +
ESTUDO NOS LABORATÓRIOS (30 minutos)
LICÕES INDIVIDUAIS em 6 modalidades
Todos os NIVEIS
R. Mouzinho da Silveira, 25 Tel. 538494
EXTENSÃO CULTURAL DO CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS:
«LÍNGUA PORTUGUESA»
pelo Rádio Clube Português
Hoje, às 23,15 (Miramar)
2.ª-Feira, às 19,45 (Lisboa)

AS BORBULHAS FORAM-SE
ELIMINOU-SE A CAUSA EM 3 DIAS
Logo á primeira aplicação NIXODERM começa a fazer desaparecer as Borbulhas como que magicamente. Use NIXODERM já esta noite e não tardará a ver a sua pele tornar-se macia, suave e clara. NIXODERM é uma nova descoberta que elimina os parasitas da pele que causam Borbulhas, Bolhas, Manchas Vermelhas, Eczema, Impingens e Erupcões. Não se poderá ver livre dos males da sua pele sem que extermine a causa que se esconde nos delicados poros da pele. Portanto compre NIXODERM ao seu farmaceutico hoje mesmo e acabará com Borbulhas e a sua pele ficará suave, macia e clara.
Nixoderm
Para Doenças De Pele

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: Abertura e Nos bastidores da aventura, programa para jovens; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: A criança perante a vida; 20 e 05: Cartaz TV; 20 e 35: Conheça um Portugal desconhecido; 21: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 35: Noite de cinema — «O órfão perdido»; 23 e 20: Volta a Portugal em bicicleta; 23 e 35: Marcha do Mundo Serviço informativo; 23 e 50: Meditação e fecho

II Programa — Às 21: Telejornal (Simultaneamente com o 1.° prog.); 21 e 31: Folhetim — David Copperfield (22.° episódio); 21 e 55: «Zip-Zip»; 24 e 05: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura e Juventude no Mundo; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Diálogos de Sábado; 20: Teledesporto; 20 e 30: Série Juvenil« Aventuras de Seaspray; 21: Telejornal; 21 e 35: Fados e Guitarradas por Deolinda Rodrigues; 21 e 55: TV 7; 22 e 35: O Fugitivo — com David Jansen; 23 e 35: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 50: Marcha do Mundo; 24 e 5: Fecho

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30. «Os Campeões; 22 e 20: Tmpo Internacional; 22 e 50: TV Mundo (no I Programa em 17-3-69); 23 e 40: Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Rádio

EM... — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05. Orquestra típica albicastrense, 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr Marques Pereira — Roteiro musical português; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Portugal nos trópicos, por Mário Príncipe; 18 e 40: No mundo da canção; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 45: Rádio rural — música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Diário da Volta — Melodias por orquestras; 20 e 40: 8.° Episódio do folhetim «Amor Supremo»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O homem e a sociedade, por António João Bispo; 22 e 30: Fados, por Gabino Ferreira e Manuela Silva; 22 e 50: Música ligeira; 1: Fecho.

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Folclore do mundo — Música do Vietnam e da Turquia; 16 e 15: Música de câmara; 16 e 25: Curiosidades musicais — Dois concertos colectivos de compositores chineses contemporâneos, 17 e 10. Música de câmara; 18: Música portuguesa; 18 e 53: Serenata Melancólica (Tchaikowsky) — solista, Orquestra Filarmónica de Los Angeles dirigida por Alfred Wallenstein; 19: Horizonte literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Obras de Turina, executadas pelo pianista Esteban Sanchez 20 e 30: Música de câmara; 21. Música sinfónica; 22: Teatro do século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa

A VOZ DO OCIDENTE — 397 m — 755 kc/s — Às 23: Sinal horário; 1 e 15: Fecho

MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: A ópera em dois actos «A Coroação de Poppea» (Monteverdi) — solistas, Coro do Festival de Kiyndebourne e Orquestra Filarmónica Real dirigida por John Pritchard; 0 e 40: Barcarola em Fá Sustenido menor op 60 (Chopin) — piano: Alexander Uninsjy; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde, 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-jornal — Entre as 20 e as 21: Hoje convidamos... 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em Foco... 21 e 03 O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música tradicional e palestra religiosa; 21 e 32: Impacto, 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02 A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural: 7 e 03: Talismã.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Baile; 22 e 15: Novas de Alegria; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras e canções; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso, 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios, 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora: 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16. Radiorama; 18: Tangos. 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório 23 A 23.ª hora; 2: Fecho

CARTAZ TV

Jorge Alves apresenta pelas 20 e 50 o programa de grande audiência «Cartaz TV» dando uma rápida visão dos programas seleccionados para a próxima semana, não se esquecendo de dedicar aos pequenos espectadores extractos de alguns filmes de desenhos animados.

canal da crítica

TRÊS PRESENÇAS (DE CANÇONETISTAS) E UMA AUSÊNCIA (DE QUALIDADE)

Antigamente, o «TV CLUBE» consumia apenas um cançonetista. Agora, consome três. O «Clube» alarga o palco mas a qualidade não melhora. A vantagem consiste na variedade? O telespectador divide por muitos o seu desagrado, e aqui temos o exemplo típico de uma divisão que se confunde com uma multiplicação.

Maria José Valério nada representa quando se fale em cantorias em termos de qualidade. Não há nenhum prazer em ouvi-la. Pelo contrário: doi muito.

Tem graça! Quero dizer seja o que for a respeito de Mirene Cardinalli e de Paulo Jorge, e não atino com a saída. Nenhum dos cançonetistas de ontem se identificou com pessoas vivas. Impressionantes banalidades incapazes de despertar a modorra dos telespectadores

Vinha Maria José Valério e cantava:

Dar ás coisas coração
e alindar até mais não
o conjunto que destoa,
pois Lisboa é um amor
e não é nenhum favor
gostar tanto de Lisboa...

Vinha Mirene e suspirava:

Meu amor
vem daí
vem saber
o que é ser feliz

Vinha Paulo Jorge e gritava:

Meus sonhos são
queda no espaço
um sim que é não
um nó sem laço.

Calor sem lume
boca sem beijo...

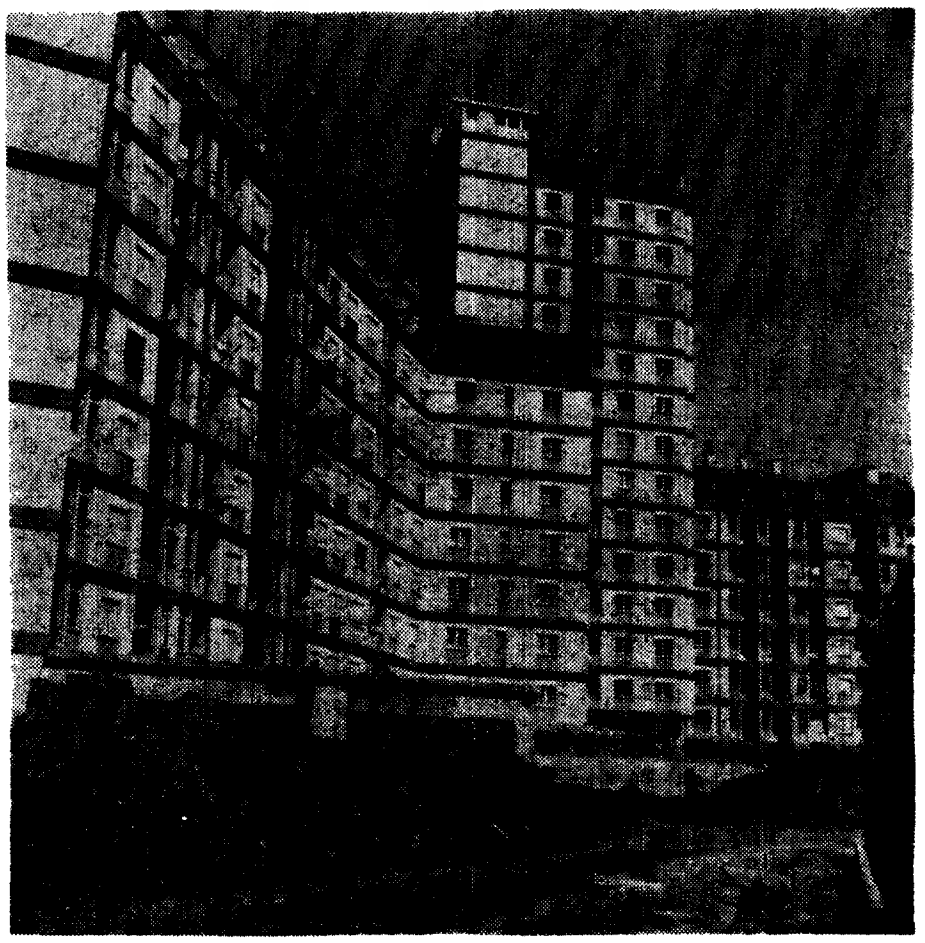
Aqui chegado, hesito em transcrever o resto da versalhada impossível.

Felizmente, para bom serviço ao sentido estético que ainda resta aos habituais telespectadores, muitos dos nossos cançonetistas possuem uma ditosa e alegre má dicção. Mirene e Jorge demonstraram-no ontem com exuberancia.

Quanto ao resto . Meus senhores, para quê a orquestra

(Continua na página seguinte)

3.ª FASE DA REBOLEIRA



Vista parcial da Reboleira

INICIADA A 3.ª FASE

J. PIMENTA, S.A.R.L.

OFERECE-LHE AS GARANTIAS DE SEMPRE, DENTRO DE UMA MELHOR E MAIOR GAMA DE APARTAMENTOS MOBILADOS

180 Contos rendem-lhe 1.125$00 Mensais
200 Contos rendem-lhe 1.250$00 Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais, Lisboa e brevemente Queluz

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq.º — Telefones 4 56 43 / 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 / 22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço permanente — Telefone 93 36 70

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

tão solene a acompanhar canções tão irremediàvelmente medíocres? E a propósito: quando é que dão um bocadinho de repouso á viola de Meneses? Meneses, eléctricamente falando, é único?

NO CAMPO PEQUENO

Tourada. A monotonia em toiros, cavaleiros e forcados. Todo um serão, para além da meia-noite, queimado em nada fazer, em nada valer...

Eu gostava de saber os porquês destas emissões. A razão profunda que obriga a uma frequência exaustiva, qual será? Criar aficião? Aproveitar aficião? Ajudar a viver a empresa do Campo Pequeno? Divulgar as características da raça? Canalizar o fluxo turístico, em Lisboa, nesta cidade de noites tão calmas?

Ignoro. Ignoro e estou fatigado de fazer perguntas. A propósito da emissão de ontem, nada, a não ser a novidade da locução, me é dado sublinhar.

Esteve ela a cargo de Carlos Cruz.

Carlos Cruz refinou na tendência relateira de Fialho. No entanto, a sua actividade conheceu várias fases de muito interesse no que respeita a inovações críticas. Alguns exemplos esclarecedores:

a) CRÍTICA PANORAMICA:

«Peralta é um dos toureiros espanhois que mais têm agradado aos aficionados portugueses, de uma maneira geral.»

b) CRÍTICA DE DUVIDA METÓDICA:

«...crava o que nos pareceu ser o melhor ferro nesta lide.»

c) CRÍTICA ATRELADA: *«Viram mais uma tentativa falhada.»*

d) CRÍTICA CONCLUSIVA:

«Este toiro não permitiria, de maneira nenhuma, uma pega de caras.»

e) CRÍTICA PROFÉTICA: *«Barreiros vai tentar mais uma vez realizar a pega.»*

f) CRÍTICA CIENTÍFICA: *«Julgamos que o conceito de facilidade ou dificuldade* (Cruz refere-se á utilização dos miniferros) *é apreciado segundo tratados de Teoria tauromáquica.»*

Não há duvida. A R. T. P. está a contribuir para o desenvolvimento da tauromaquia entre nós.

MÁRIO CASTRIM

EM TRÊS LINHAS

Foram mandados emitir e por em circulação, em todas as províncias ultramarinas, selos postais comemorativos do 5.º centenário do nascimento de Vasco da Gama.

///

Uma portaria do Ministério do Interior e das Finanças aprova o regulamento da Escola Prática da Polícia de Segurança Pública.

///

Foram louvados o eng. Armando de Sousa Magalhães e dr. José Ribeiro Pereira pela forma como exerceram, durante doze anos, os cargos respectivamente de presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Valongo.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

AUTO-MONUMENTAL DO ARSENAL, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIROPTELEF.º 727664-727665-713057

Carros e largas facilidades de pagamento, peças legítimas, estação de serviço e oficinas

TAUROMAQUIA

No reinado da cavalaria

Raras vezes os cavaleiros-tauromáquicos portugueses se apresentavam em Espanha até ao primeiro quartel deste século e quase sempre em corridas régias.

Perdera-se ali a tradição do toureio equestre e criou-se o de pé. Assim, constituia evocação solene a presença dos nossos cavaleiros, de bordada casaca e emplumado tricórnio, e o classicismo da sua arte. Foi então em que do campo andaluz, do «acosar» e dos recortes dos dois da «collera» em recoprocidade de defesa, surgiu, por graça de um capitão-equitador que antes matara a pé. Voltou a Espanha o toureio a cavalo, com a morte do touro á espada quando não a cavalo e com rojão, tradição que também era a comum. E os nossos passaram a ir ali dar batalha frequente após escaramuças que por cá levantaram polémicas patrióticas, quando apenas se trata do choque da nossa permanência com o reencontro de uma tradição perdida em Espanha. E, afinal, não pior nem melhor pela razão simples de que é diferente até nas indumentárias que lhes denunciam as origens, o toureio e o campo.

Desde então tão frequentes têm sido as corridas em que cavaleiros portugueses, amigável e lealmente, se degladiam com espanhóis, que lá, e também por cá, constituem novo reinado da cavalaria touréira.

Ontem, no Campo Pequeno, vimos dois dos nossos, com os irmãos Peralta, mais agarrados ao campo que os Domecq, pai e filho já com vistas para cá.

Os nossos estiveram representados por Manuel Conde, em ciência e potência, e pelo jovem e animoso Fernando Andrade Salgueiro, um dos que mais tem ido dar batalha em Espanha.

Os touros, de Cabral Ascensão, de agradável experiência, e de Tomás da Costa, inéditos em recente tarde dos Oliveiras.

O 1.º touro, de Tomás da Costa, foi claramente bravo, foi bem lidado a duo por Manuel Conde e Fernando Andrade Salgueiro e bem pegado por Tancredo Pedroso do Grupo de Amadores de Santarém.

Ao 2.º, de Cabral Ascensão, fê-lo Angel Peralta crescer para boas farpas, terminando com a sua sorte da rosa, e dando volta com Nuno Mégre que pegou bem.

Ao 3.º, de Tomás da Costa, conseguiu Rafael Peralta tirá-lo das tábuas para boas farpas compridas e uma curta e ainda a da rosa, entre ovações e dando volta com Teixeira de Jesus.

Após o intervalo, saiu um touro de Tomás da Costa, que Manuel Conde lidou com classicismo e precisão no cravar, sendo aplaudido e dando volta ao redondel com Lupis e Garcia da Costa, que pegaram de cernelha, após as demoras que a sorte implica e que cortam a continuidade do espectáculo.

O 5.º, de Cabral Ascensão, foi muito bem toureado por Fernando Andrade Salgueiro, que, bem desembaraçado, acusando andar muito por Espanha, cravou boas farpas compridas e uma curta muito aplaudida, dando volta á arena com Joaquim Grave, que bem pegou.

O último, desgraçadamente de uma terceira ganadaria, um manso, gordo e pachorrento com arrancadas de manso, foi, apesar de tudo, o do êxito dos irmãos Peralta, num toureio a «duo» de perfeita conjugação. Após boas farpas, mudaram de cavalos — oito apresentaram durante a noite — e, em conjunto, tudo empregaram para fazer sair das tábuas o manso, tentando alegrar o triste, para bandarilharem a duas mãos, o que fizeram já ao som da música e entusiasmando o conclave, que lhes pediu para continuarem. Havaim brindado aos seus colegas portugueses e fizeram-no, depois, ao Grupo de Amadores de Santarém, e ao público brindaram os momentos mais alegres do espectáculo, que, infelizmente, teve fraca concorrência, mas mais terá se os irmãos Peralta cá voltarem. A maneira de nunca se desligarem do touro, e sempre mantendo a emoção da colhida, intercalando apertados recortes e ágeis curvetas, foi lufada de ar fresco para o toureio a cavalo, bom ou mau ar, sem perda do patriótico e legítimo orgulho pelo nosso classicismo e perfeita equitação. Os Peralta foram despedidos com ovações e deram triunfal volta á arena com José Lebre, que pegou bem, como é próprio do Grupo dos Amadores de Santarém.

«EL T. PÉREZ»

Sidney Franklin enfermo

Consta no México estar muito doente, em Nova York, o ex-matador de touros americano Sidney Franklin. Por causa de uma embolia, estaria semiparalizado.

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

EM ODIVELAS

Com [illegible] casas [illegible] soalh., em predio de luxo prontos a fazer escritura. Rua [illegible] Av Prof Dr Augusto de Abreu Lopes. Lotes 18 - 19

TRATA

F FERNANDES & COSTA LDA

Av Alm Reis 104-2.

Tel 53611 2-3

PREDIOS ANDARES MORADIAS OU TERRENOS

Deseja comprar vender ou hipotecar nas mais vantajosas condições?

Consulte:

ORCOSI

R 1 Dezembro 45 3

Telefs 323172-367444

Contacto

PUBLICIDADE

Telef 847260

PRÉDIO

POR 980 CONTOS: Acabado de construir, bem situado, de 5 pisos, c/ Dt.º e Esq. e rende 70 000$00

A LUZA FRICA

Calçada do Carmo, 6

Tel. 36 80 80

PRÉDIO

de construção moderna em bom local de Algés revestido a Evinet, composto de 8 hab. c/ 3 casas assoalhadas a render 145 800$ P.: 2.400 000$

Trata: F Fernandes & Costa Lda Av. Almirante Reis, 104, 2. Telef 536111-2-3

PRÉDIO

POR 4100 CONTOS: — A Av E U da América, de 5 pisos hab c/ 2 e. de banho, aquecimento telefones internos e outros requisitos Rend de 288 000$00

A LUZA FRICA

Calçada do Carmo, 6

Telef 36 80 80

Dinheiro

S/ prédios

EMPRESTA-SE rápidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires. Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telfs. 325487 e 370618 (junto á P. da Figueira)

CASAS

para alugar

Procure V.as Ex.as nos n/escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos

Trata: SOC. CONSTI INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 30259-34755

CAPITAIS

Colocam-se com todas as garantias e nas melhores condições hipotecárias

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

MEDIADOR OFICIAL

Praça da Alegria, 58-2.º—Telefones: 362228 366731 - 366812

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA LDA

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF 53 61 11/2/3

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a **Papelaria Ferros** — R de S. Julião, 64-66

Capitais

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

E FICARÁ SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44 / 32 31 72

HIPOTECAS sobre PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses.
SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO
T. 560713

CONHEÇA A EUROPA UTILIZANDO O CAMINHO DE FERRO

A C P. em colaboração com a E. G. T proporciona-vos durante o corrente ano a oportunidade de efectuar viagens individuais e económicas a Madrid, Lourdes, Andorra Paris, Roma, etc.

Peça folheto descritivo e esclarecimentos nas Secções de Informações das estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Porto (S. Bento), na Empresa Geral de Transportes, Rua do Arsenal, 124, nos Despachos Centrais e nas Agências de Viagens autorizadas.

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S A R. L. — 95, Rua Nova do Almada 99 — LISBOA

CAMINHOS DE FERRO

REGUENGOS DE MONSARAZ, S. PEDRO DO CORVAL, SANTIAGO MAIOR, TELHEIRO, MOURÃO, TERENA, GRANJA, VILA VIÇOSA, PARDAIS E ALANDROAL

Comunica-nos a C. P. que desde o dia 2 do corrente todas as estações de caminho-de-ferro despacham mercadorias, incluindo pequenos volumes para Reguengos de Monsaraz, S. Pedro do Corval, Santiago Maior, Telheiro, Mourão Terena, Granja, Vila Viçosa, Pardais e Alandroal.

Por seu turno, em Reguengos de Monsaraz, Santiago Maior, Telheiro, Mourão, Granja e Alandroal, onde existem Despachos Centrais, expedem-se igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Telef. 44846.

Fiat 1500, 1967; Fiat 850 Coupé 1967; Opel Kadett, 1967; M. G. 1100 1966; Auto Union F. 102 de 4 portas, 1966; Opel Rekord 1700 de 4 portas, 1965 Simca 1000 G. L, 1965. Fac troc. e pag.

Vende: MARCELO
Av. João Crisóstomo, 47-C

GARAGEM BOA VIAGEM, LDA.
Rua Sampaio e Pina, N.º 56-60
LISBOA
Telef. 683737

VENDE: Furgonetas de caixa aberta

Peugeot 403 a gasolina de 1958; Mercedes de 1959; Opel Chassi longo de 1959; FK. 1250 de 1960; Hanomag Kurrier 3500 kg de 1962; Opel cabina avançada de 1963; Morris 850 de 1967.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B.
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av., Barbosa du Bocage, 1.
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª —Av. Republica, 26.
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169 — 539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.

Contacto

ANÚNCIOS

ESTAMOS sempre compradores: Automóveis, Furgonetas e Utilitárias. Pagamento imediato. Antes de vender faça uma visita á nossa casa. Garage Boa Viagem, Ld.ª. Rua Sampaio e Pina, n.º 56/60, Lisboa. Telef. 683737.

VIAGENS A MADRID

Utilização de beliches no comboio Lusitânia-Expresso

A C P lembra a todos os que pretendem deslocar-se a Madrid, que o comboio Lusitânia-Expresso inclui na sua composição uma carruagem de beliches (correspondentes ás «couchettes» dos comboios franceses).

5 horas no Tejo

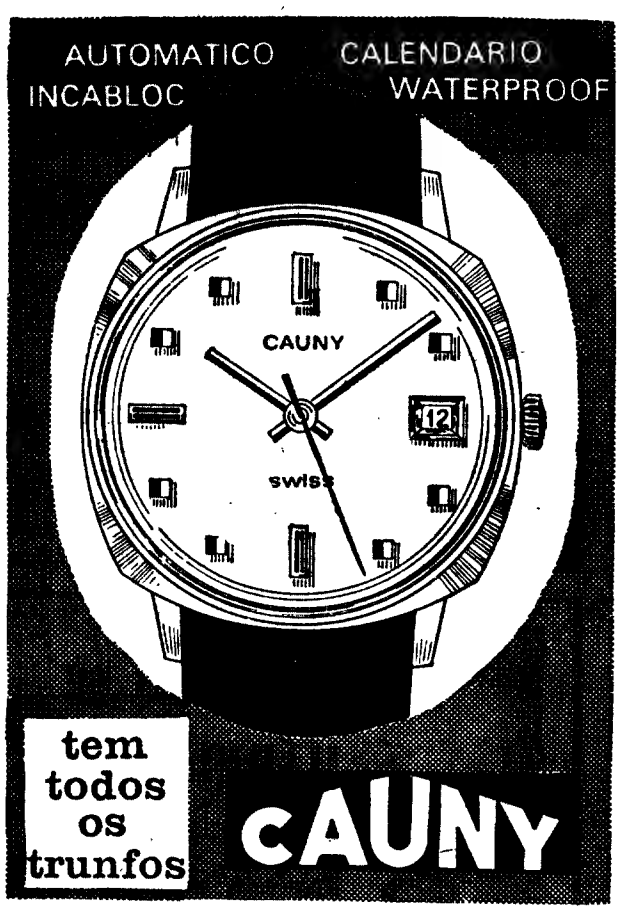
Comunica-nos a C P que os passeios no Tejo realizados aos domingos, por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, terminam no fim de Agosto, efectuando-se o ultimo passeio no domingo dia 31

DESCAPOTÁVEIS

VENDEM-SE
CITROEN DS 19
óptimo estado
CADILAC — C/ NOVO
FAC PAG E TROCA
R. de Campolide, 27-B

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

CONCURSO PÚBLICO N.º 5/69

PARA ADJUDICAÇÃO DO «FORNECIMENTO E INSTALAÇÃO DE UM SISTEMA DE ATERRAGEM SEM VISIBILIDADE, COMPOSTO POR UM «LOCALIZER» E UM «MIDDLE-MARKER», PARA O AEROPORTO DE PONTA DELGADA».

1. — Faz-se publico que, pelas 15 horas do dia 20 de Outubro de 1969, no edifício da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, na Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa, e perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso publico para arrematação do fornecimento acima referido.

2 — Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de Esc.: 75 000$00 (SETENTA E CINCO MIL ESCUDOS), na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou nas suas filiais, á ordem da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, mediante guia passada pela Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, até ás 15 horas da véspera do dia do concurso.

3. — O depósito provisório pode ser substituído por garantia bancária prestada a favor da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil e devidamente aprovada por Sua Excelência o Ministro das Finanças, através da Direcção-Geral da Fazenda Pública.

4. — O depósito definitivo será de 5% do valor da adjudicação.

5. — O processo encontra-se patente todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Repartição de Segurança Aérea, sita na Avenida Álvares Cabral, n.º 84-2.º, Esquerdo, em Lisboa (Telefone: 650995).

6. — O programa de concurso e caderno de encargos respectivos, são vendidos na Secção de Inventário e Património da Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, sita na Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa.

Direcção-Geral da Aeronáutica, em 20 de Agosto de 1969.

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

LOTES DESDE 45 C. VENDEM-SE. SESIMBRA

Em pinhal a 4 km da praia, com licença de construção A 100 metros da estrada principal. Informa: tel. 229513, Curado Ribeiro Venda Nova, Cotovia, Sesimbra

EXCURSÃO DA C. P.

DOMINGO 24 DE AGOSTO

Comunica-nos a C P de que realiza no próximo dia 24, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes uma excursão de Lisboa a Aveiro Barra Costa Nova Angeja, Estarreja Praia da Torreira São Jacinto Granja Furadouro Ovar e Espinho incluindo a viagem e o pequeno almoço no comboio automotor FIAT (1.ª classe e ar condicionado) e circuito turístico em autocarro

Preço da excursão completa ... 315$00

Só transporte em caminho-de-ferro (ida e volta) com o serviço de pequeno almoço incluído no preço:

— De Lisboa (Santa Apolónia) a...

Coimbra-B	136$50
Curia	150$50
Aveiro	167$50
Espinho	192$50

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia) nas Agências de Viagens autorizadas na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal 124) e nos Despachos Centrais do Caminho-de-Ferro em Lisboa onde são distribuídos folhetos descritivos

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios

32ª Volta a Portugal em bicicleta

DE VISEU À METALURGIA CASAL (AVEIRO)

A «VOLTA» CUROU-SE NO CARAMULO

AVEIRO, 22 — O mundo da Volta respirou aliviado. No Caramulo a prova curou-se dos seus padecimentos, e do torpor deliberado e distendeu os músculos para a grande faina Parece solucionado, de vez, o problema que tanta celeuma tem levantado. Os clubes, todos ou quase todos, pro-

REPORTAGEM DE

MÁRIO ZAMBUJAL

Enviado especial do «DIÁRIO DE LISBOA»

meteram satisfazer a tal multa de quinhentos escudos por cabeça que ainda pesava nas pernas dos ciclistas. E ontem a Volta já foi outra coisa. As vedetas passaram ao ataque, satisfeitas com a solução do «bico de obra» financeiro, apreensivas pelo rumo que as coisas haviam tomado na questão competitiva: um «camisola amarela» saído do anonimato para uma vantagem de mais de nove minutos sobre o primeiro dos favoritos.

Foi na subida para o alto do Caramulo que «rebentou a guerra». Agostinho abalou como um tiro, levando grudados a si oito corredores: os seis que haviam de chegar á meta com um avanço de oito minutos, mais Herculano de Oliveira, do Sangalhos, e muito perto Augusto Fortes, do Benfica. Atrasados estes dois, o sangalhense devido a furo inoportuno, ficou a meia duzia de selecção. Quase sempre no comando (posição aqui e além tomada por Mário Silva) Agostinho impôs um andamento estilo «tour». Impressionante a sua pedalada, num vigor ritmico, certo, as pernas funcionando como êmbolos. Fernando Mendes, muito naturalmente, só colaborou com a presença. Ele era o unico benfiquista do grupo, onde Porto e Sporting, traziam, cada um dois corredores: Luís Pacheco, além de Mário Silva, dos portuenses; Bernardino, com Agostinho, do Sporting. E ainda Joaquim Andrade, do Sangalhos, pedalando para a sua região e colhendo aplausos carinhosos.

(Nem tudo foram aplausos. Já perto de Aveiro, um senhor espectador resolveu atirar, por motivos que se desconhecem, uma valente pedrada á cabeça do Fernando Mendes. Falhou por pouco. Foi preso).

No final deu-se a costumada injustiça do ciclismo: Fernando Mendes, mais rápido e mais fresco, bateu ao *sprint* os companheiros da escapada, ganhando no saldo das bonificações cinco segundos a Joaquim Agostinho, sem duvida, o grande obreiro da estupenda média de 39,208 quilómetros.

A exigência era de trinta e sete.

★

O tavirense António Teixeira segurou apenas por um fio a camisola amarela tão espectacularmente conquistada na véspera. E no entanto não deixou de mostrar que se trata de um corredor de excelentes qualidades. Foi infeliz: dois furos, alguns quilómetros a pedalar em bicicleta alheia, por certo ainda a fadiga do dia anterior.

António Teixeira contou-me depois tudo isto lamentando ter causado o atraso do seu companheiro António Graça, o mais categorizado corredor da equipa algarvia, que ficou atrás para o auxiliar. António Graça disse-me depois com simplicidade: «Temos que ser uns para os outros e o Teixeira bem merecia que o ajudasse. Ele também já me tem ajudado a mim...»

Outros corredores considerados da primeira linha da Volta ficaram também no grupo do «camisola amarela», e as suas possibilidades sofreram um rombo de oito minutos. Foi o caso de Américo Silva, Leonel Miranda, João Roque e Joaquim Leão. Muita água há-de correr ainda no grande rio da Volta. Mas estando já nos primeiros postos Agostinho, Mendes, Mário Silva e Andrade a vida ficou muito complicada para todos os outros.

Na classificação colectiva o Sporting e o Porto treparam para os primeiros lugares, onde, na véspera habitavam o Sangalhos e o Tavira. O Benfica desceu de terceiro para quarto, mas o mais importante é que deixou de estar á frente de verdes e azuis, perdendo oito minutos para ambas estas equipas. Aliás, o Benfica parece contar apenas com o excelente Fernando Mendes para as lutas de mais alto nível. Isto, se Américo não recuperar da condição física deficiente que sugeriu na etapa de hoje. E diz-se que *sugeriu* porque ele foi também vítima de um furo naquela altura da corrida, quando os homens do dia abalaram na velocidade impressionante decretada por Agostinho.

Foi esta pode dizer-se a primeira grande etapa da Volta. Com a novidade das vedetas ao ataque. Um alívio nesta itinerante aldeiazinha da Volta onde tem reinado o nervosismo e o mau humor. Os ciclistas voltam a ser bons rapazes...

Fernando Mendes (Benfica) vence ao «sprint» na meta de Esgueira. Atrás, os outros fugitivos da etapa: Agostinho, Andrade, Mário Silva, Bernardino e Pacheco

A VOLTA «BY NIGHT» É «RISO E RITMO»

«Riso e Ritmo» anda na Volta. Na prova propriamente dita, o ritmo até Viseu foi muito baixo e o riso, francamente, foi amarelo. Mesmo assim, o «Riso e Ritmo», á noite, era diferente e lá la alterando — como vai continuar a fazer — as noites das terras onde acabam as etapas.

A popular organização dos populares Cortez e Nicholson, com o Conjunto Sem Nome, a Mariema, a Maria do Espírito Santo e a jovem Lena Branco tem primado pela regularidade, dentro de uma alta média de boa disposição.

O Francisco Nicholson que se meteu pela primeira vez nestas coisas dos pedais, anda entusiasmado: **«Fiquei freguês da Volta».** E em relação á sua própria «corrida» contou:

«É uma experiência interessantíssima, até pela influência que tem no nosso espectáculo o que se vai passando na prova. Por exemplo, se um corredor da região ganha ou faz boa figura, há uma euforia que chega até á noite, enche a sala e tudo é boa disposição. Mas também já se deu o contrário: em Vila Real estavam todos os bilhetes vendidos, mas tudo aquilo que se passou fez com que muitas pessoas se zangassem com a Volta. E como consideraram o «Riso e Ritmo» ligado á prova, foram devolver os bilhetes...»

E a seguir acentuou o Nicholson:

«Mas tudo isto é uma experiência magnífica. É girissimo...»

No alto do Caramulo, Joaquim Agostinho ganha a contagem para o «prémio da montanha», batendo Mário Silva (Porto) e Fernando Mendes (Benfica).

SURPRESA TAVIRENSE PELA ACUSAÇÃO DE «DOPING»

No teste anti-«doping», o primeiro com sinal de *positivo*, Rogério Domingos, do Ginásio de Tavira, já abandonara a corrida quando chegou o resultado da aálise. Estava drogado ?

O dirigente do clube algarvio, Brito da Mana declarou:

«A informação é muito lacónica e nem nos permite estudar o assunto. Deu positivo o *teste? Mas quais as características ? Os nossos corredores todos tomam dois medicamentos — Nicorene e Nicostenil — que nada têm de proibido, mas tomados juntos poderão dar esse resultado com que não contávamos. Já levei ao médico da prova os produtos que utilizamos, com toda a boa-fé. Mas gostávamos de saber mais alguma coisa sobre o caso, pois até pode tratar-se de qualquer alimento que tivesse ingerido. Gostávamos de saber, para nossa própria defesa».*

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

ACIDENTES A QUATRO RODAS

Paralelamente com a corrida há a grande gincana dos acompanhantes. Dos que vamos na Volta menos incòmodamente, a quatro rodas. Pois esta corridinha também tem os seus problemas, os seus riscos, as suas complicações. Até agora verificaram-se quatro acidentes, desde um carro virado (ou, mais próprìamente, «voltado») até outras colisões mais ou menos espectaculares e desastrosas. Felizmente, não houve baixas nem ferimentos. Mas já há muita chapa amolgada, muito ferro torcido. Do mal o menos.

Na pista de Sangalhos

Na segunda etapa de ontem, na pista do Sangalhos, cada corredor foi chamado a percorrer... 1250 metros. Perseguição individual. Um entretenimento que não deixou de interessar um publico numeroso. Foi como se jogasse a tostão, tudo na escala do mais segundo, menos segundo. As particularidades foram: Joaquim Agostinho e Joaquim Andrade, que correram um contra o outro, fizeram exactamente o mesmo tempo — 1 m e 41 s — ficando logo a seguir ao vencedor, Celestino de Oliveira, também do Sangalhos (1 m e 40 s).

Esse mesmo Celestino de Oliveira, também do Sangalhos (tal como o seu companheiro Lino Santos um dos animadores da etapa da véspera) chegara na etapa da manhã com o «contrôle» já fechado. Beneficiaram ambos de uma disposição regulamentar que lhes permitiu continuar na prova. E daí a nada ganhou uma etapa...

Mendes bateu-se, discretamente com António Teixeira, o «camisola amarela». Ganhou-lhe oito segundos, mas perdeu quatro em relação a Agostinho.

Emiliano e Pedro Moreira, favoritos em qualquer prova em pista, não ficaram nos três primeiros lugares.

O resto está na classificação. Tudo diferença de poucos segundos. Foi uma etapazinha... secundária.

32.ª Volta a Portugal em bicicleta

RECADOS PARA A "VOLTA,,

Um nosso leitor, devidamente identificado, enviou-nos uma carta dirigida a Mário Zambujal, que publicamos a seguir:

«Primeiro que tudo permite que te trate por «tu». Não te conheço pessoalmente, sei apenas que além de profissional honesto possuis um espírito jovem, aberto e desempoeirado.

Quero, seguidamente, felicitar-te pela coragem que revelaste ao não temeres manter-te coerente (o binómio pensamento/acção) num assunto tão melindroso (a greve dos ciclistas) que a maioria dos teus colegas observou dum ângulo completamente oposto. Quando a maior parte dentre eles preferiu a cómoda posição oficial, atacando esses trabalhadores da bicicleta pelo simples facto de estes terem reivindicado uma recompensa mais justa (e repara que eu digo sómente mais justa) **pelo esforço desenvolvido, tu, Mário, compreendeste, e não tiveste rebuço em o escrever, esses homens. E tocaste num ponto fundamental: a ausência de organismos sindicais que defendam os interesses dos profissionais do espectáculo desportivo. Alguém duvidará de que estes são vítimas da exploração por parte da entidade patronal? E quando pretendem acautelar os seus interesses que acontece? Pois, aparece imediatamente em certa imprensa uma intensa campanha demagógica invocando o desportivismo (que esses senhores não sabem sequer o que significa o amor á camisola (este argumento destina-se sobretudo aos sócios facciosos dos clubes) e a humildade. É verdade, a humildade, que esses senhores querem sinónimo de servilismo e de concordância com as suas diatribes. E então a «tal» imprensa chama a esses profissionais que nada mais fazem que reivindicar um dos mais fundamentais direitos do Homem (aspirações a um salário justo), «ídolos de pés de barro (vide «caso» Eusébio e referências a Joaquim Agostinho). Mas chama-lhes mais: «revolucionários de dúbia personalidade» e o facto de Agostinho usar um «folclórico» chapéu mexicano faz acudir ao espírito de determinado jornalista «imagens das frustradas lutas mexicanas». Ora, não compreender (por incapacidade mental) o sentido das «frustradas lutas mexicanas» é grave, mas mais grave ainda é pretender brincar e tirar delas efeitos humorísticos, ainda para mais, num diário lido por milhares de pessoas.**

Mas todos estes casos, Mário, mais não são que fruto dum determinado sistema, como o Joaquim Letria ainda há pouco tempo apontava nas páginas desse ilustre diário.

Regozijemo-nos, porém: os «escravos» acordaram, e os «grandes senhores» principiaram a tremer. Bem, Mário, esta já vai longa e tenho de acabar. Só mais uma coisa, uma exortação: nunca te arrependas de tomar as posições que te permitam manter a coerência contigo próprio e defendam os que da tua pena necessitem.»

VENCEDORES DAS ETAPAS

1.ª — Emiliano Dionísio
2.ª — António Graça
3.ª — Emiliano Dionísio
4.ª — Vítor Rocha
5.ª — Joaquim Coelho
6.ª — João Pinhal e Huber Niel
8.ª — Leonel Miranda
9.ª — Fernando Mendes.
10.ª — António Teixeira
11.ª — Fernando Mendes
12.ª — Celestino de Oliveira.

O QUE FALTA PERCORRER

C. da Rainha-Lisboa ...	119
Pista de Alvalade	9
Lisboa-Grândola	143
Grândola-Loulé	163
Circuito de Loulé	2
Loulé-Tavira	125
Pista de Tavira	8
Tavira-Évora	206
Évora-Alcains	195
Alcains-Seia	102
Seia-Avelar	157
Avelar-Abrantes	78
Abrantes-Cartaxo	86
V. F Xira-Lisboa	35

ELIMINADOS

57 — Fernando Brito (Ambar); 64 — João Lopes (Tavira); 65 — José Nunes (Tavira); 80 — António Carvalho (Porto); 81 — Francisco Machado (Coelima); 83 — Mário Miranda (Coelima); 85 — Serafim Dias (Coelima); 87 — Armindo Mendes (Coelima); 90 — António Domingos (Coelima); 22 — Fernando Vieira (Benfica) e 73 — Cosme de Oliveira (F. C. Porto); 86 — António Rodrigues (Coelima); 67 — J. Viegas (Tavira); 6 — Manuel Lote (Sangalhos) e 78 — Manuel de Sousa (F. C. Porto).

O ambarense Joaquim Coelho dessedenta-se e banha-se. O flagelo da sede e do calor fustigou duramente os corredores.

PRÉMIOS PARA OS CICLISTAS

Os ciclistas que participam na «Volta a Portugal» recebem, diàriamente, um prémio de presença no valor de 250 escudos. Por seu lado a classificação do «combinado» (dotada com os prémios «Cuf-Sanders») habilita ás seguintes quantias:

1.º	25 000$00	6.º	8 000$00
2.º	16 000$00	7.º	7 000$00
3.º	13 000$00	8.º	6 000$00
4.º	11 000$00	9.º	5 000$00
5.º	10 000$00	10.º	4 000$00
		11.º	3 500$00
		12.º	3 000$00
		13.º	2 500$00
		14.º	2 000$00
		15.º	1 500$00
		16.º	1 000$00
		17.º	1 000$00
		18.º	1 000$00
		19.º	1 000$00
		20.º	1 000$00

O engravatado espectador quer ajudar o sangalhense Celestino de Oliveira a reparar a avaria na máquina

OS CORREDORES EM PROVA

SANGALHOS

1 — Joaquim Andrade
2 — Celestino Oliveira
3 — Herculano Oliveira
4 — Norberto Duarte
5 — Lino Santos

BENFICA

11 — Fernando Mendes
12 — Pedro Moreira
13 — Manuel Costa
14 — Américo Silva
15 — Manuel Luís
16 — Daniel Vitorino
17 — Valdemiro Cardoso
18 — Augusto Fortes
19 — Eduardo Santos
20 — João Pinhal
21 — Pedro Rodrigues

SPORTING

31 — Paulino Domingos
32 — Emiliano Dionísio
33 — Firmino Bernardino
34 — João Roque
35 — Joaquim Agostinho
36 — José Vieira
38 — Norberto Timóteo
37 — Leonel Miranda
39 — Sérgio Páscoa
40 — Vítor Tenazinha
41 — Vítor Rocha

AMBAR

51 — Manuel Castro
53 — Joaquim Coelho
54 — Joaquim Freitas
55 — Sousa Vieira
56 — Wilson Sá
58 — Henrique Silva

TAVIRA

61 — António Graça
62 — António Teixeira
63 — Fernando Martins
66 — José Diogo
68 — Manuel Mestre
69 — Marcolino Santos

F C PORTO

71 — Hubert Niel
72 — Mário Silva
74 — Joaquim Leão
75 — José Azevedo
76 — Luís Pacheco
77 — Joaquim Leite

COELIMA

82 — António Pereira
84 — António Salazar
88 — Joaquim Moreira
89 — José Pereira

A LUTA COM O «DOPING»

A Federação Portuguesa de Ciclismo tornou público o seu regulamento antidrogagem. Eis o seu teor:

LISTA A — Os produtos mencionados, qualquer que seja a sua apresentação, nome comercial, associação ou forma, são totalmente interditos em qualquer dose, por qualquer via e em qualquer momento.

Estes produtos são: estupefacientes e narcóticos analgésicos (legislação internacional); as aminas simpáticoamiméticas; as anfetaminas, as piperazinas e todos os seus derivados sobre as diferentes formas e associações; os antidepressivos; as fenotiazinas; estricnina.

LISTA B — Os produtos abaixo mencionados são proibidos. Para justificar o emprego destes produtos o corredor deverá apresentar, antes do «contrôle» antidrogagem, um certificado de médico recente mencionando a terapêutica em curso.

A comissão médica reserva-se o direito de interpretar o resultado das análises feitas num dos laboratórios anexos relativamente a estes produtos e de terem em conta ou não o certificado médico apresentado.

Estes produtos são: tranquilizantes e sedativos; efedrinas, seus homólogos e derivados, sobre todas as suas formas e associações; eter; a cafeina e caina sobre formas medicamentosas; hormonas e hormonóides.

DESISTENTES

52 — Albino Alves (Ambar); 70 — Rogério Domingues (Tavira); 79 — Duarte Ribeiro (Porto); 7 — João Fonseca (Sangalhos).

CIRCUITO DE SANGALHOS

1	C Oliveira (Sang.)	1 40
2	J. Andrade (Sang.) ...	1 41
3	Joaq. Agostinho (Sp.)	m. t.
4	Emil. Dionísio (Sp.) ..	1 42
5	Leonel Miranda (Sp.)	
6	Hubert Niel (FCP) ..	m. t.
7	V. Tenazinha (Sp.) ...	1 44
8	Pedro Moreira (Bf.) ..	
9	Manuel Mestre (T.) ..	m. t.
10	Fern. Mendes (Bf.) ..	1 45
11	José Azevedo (FCP) .	m. t.
12	Fir. Bernardino (Sp.)	1 46
13	Joaq. Leão (FCP) ...	
14	Lino Santos (Sang.) ..	
15	Herc. Oliveira (San.)	m. t.
16	Joaq. Freitas (Amb.)	1 47
17	João Pinhal (Bf.) ...	m. t.
18	Manuel Luís (Bf.) ...	
19	Vítor Rocha (Sp.) ...	
20	Mário Silva (FCP) ...	
21	Luís Pacheco (FCP)	m. t.
22	Manuel Costa (Bf.) ..	1 49
23	P. Rodrigues (Bf.) ...	
24	Ed. Santos (Bf.)	
25	J. Moreira (Coel.) ...	m. t.
26	Américo Silva (Bf.)	1 50
27	Augusto Fortes (Bf.)	
28	Daniel Vitorino (Bf.)	
29	Joaq Coelho (Amb.)	
30	Ant. Salazar (Coel.)	
31	João Roque (Sp.)	1 51
32	Marc. Santos (Tav.) .	
33	José Vieira (Sp.)	m. t.
34	Sousa Vieira (Amb.)	1 52
35	Norb. Duarte (Sang.)	
36	José Pereira (Coel.)	m. t.
37	P. Domingos (Sp.) ...	1 53
38	Ant. Pereira (Coel.)	
39	Ant. Teixeira (Tav.)	m. t.
40	Joaq. Leite (FCP) ...	1 54
41	Norb. Timóteo (Sp.) ..	
42	António Graça (Tv.)	
43	Vald. Gardoso (Bf.) ..	
44	Henr. Silva (Amb.) ..	m. t.
45	Sérgio Páscoa (Sp.) ..	1 56
46	Wilson Sá (Amb.) ...	1 57
47	Man. Castro (Amb.)	m. t.
48	Fern. Martins (Tav.)	1 58
49	José Diogo (Tav.) ...	2 3

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

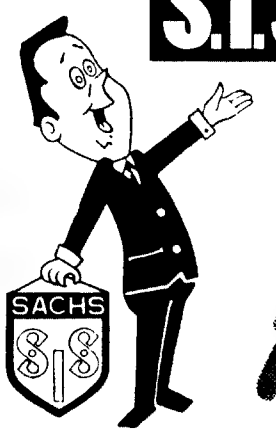
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Em AZEITÃO o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por José Augusto Sacramento & Filhos, Lda

... Para lençois, coelima

SOCIEDADE TÊXTIL ALBANO COELHO LIMA S.A.R.L. PEVIDEM GUIMARÃES

S.I.S.-SACHS



a victória da técnica!

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ONTEM, FRENTE AO CORDOVA

SPORTING: diferente e melhor

• Vitória leonina por três golos sem resposta

Sporting, melhor? Sporting, diferente? Para encontrar a resposta para estas interrogativas, muitos adeptos dos «leões» e até do próprio futebol, ter-se-ão deslocado, ontem, á noite, a Alvalade, para apreciar a equipa «verde branca», agora sob o comando de Fernando Vaz

Ainda que para alguns o desfecho do encontro e, sobretudo, o tom da actuação dos sportinguistas, se tenha revestido de uma relativa frustração (tão sedentos andam os simpatizantes do Sporting de uma actuação daquelas que se costumam apelidar de «gala») não nos repugna afirmar que a partida que opôs a equipa de Alvalade aos espanhóis do Córdova, terá respondido objectivamente e com clareza às dúvidas que pairavam nos espíritos, em relação aos méritos de recentes êxitos alcançados no Ultramar.

Com efeito o Sporting que evoluiu na relvado de Alvalade foi diferente, e também foi melhor. Diferente no entendimento, no colectivismo, na serenidade a construir os lances, na tranquilidade revelada quando se tratou de neutralizar as jogadas dos contrários. Desapareceu do «onze» «leonino» a bem patente sofreguidão denunciada nos momentos vividos perto da baliza adversária; não se deu, também, pelo censurável egoismo de alguns (nas épocas transactas), agora integrados noutro tipo de futebol, mais apoiado, linear, assente em constantes flutuações de ritmo e mutações de flanco, com homens e esférico sempre em movimento, tornando mais difícil a tarefa de marcação das defesas opositoras.

Por tudo isso, o Sporting, sendo diferente, foi, também, melhor. O nível exibicional da equipa subiu consideràvelmente. A manobra deixou de fazer-se ao acaso e surge convenientemente esquematizada. Cada qual sabe a função a cumprir no conjunto, e, a existência deste, na nova turma «leonina», fica autenticada pelas sucessivas substituições a que Fernando Vaz procedeu, sem que se notasse menos fluência na geometria das jogadas, nem quebra de intencionalidade no desenho dos lances.

*

Teremos de concluir, então, que o Sporting teve um comportamento a merecer já ser cantado nos tons estridentes das «tubas canoras» da fama?

Não é nosso propósito afirmá-lo. Nem sequer queremos fazê-lo, mesmo veladamente. Apenas nos atrevemos a estabelecer um paralelo entre o esperançoso Sporting 69 e o irregular e descrente conjunto «leonino» dos anos anteriores, fruto de constantes desilusões para os seus simpatizantes, a viver, ainda que fagueiramente, as esperanças (não confirmadas depois) de renovação.

E essa comparação é notòriamente favorável ao actual Sporting. Frente ao Córdova, uma equipa que, como todas as espanholas, é de uma aplicação invulgar, que corre e luta (luta mais do que joga) durante os noventa minutos da peleja, os jogadores «leoninos», em certos momentos, ter-se-ão deixado arrastar para esse tipo de futebol de despique físico, que durante largo tempo imperou no «onze». Mas depressa a sua capacidade e saúde moral mostraram que não era esse o caminho a seguir; que essa toada favorecia os menos dotados tècnicamente, no caso os cordoveses. E, quando os sportinguistas voltaram àquela «association» racional da mais pura cepa que Fernando Vaz impõe aos seus pupilos, logo os visitantes tiveram de utilizar todo o seu entusiasmo e rispidez para travar o melhor jogo dos lisboetas.

Foi essa, de resto, a feição da partida. Nunca esteve em causa a supremacia «leonina» fortalecida com um golo obtido logo aos três minutos. E quem esperava ver um Sporting de arreganho, viril no choque, terá ficado desapontado. O Sporting quis (e quer) impor a sua técnica, inda que para isso tenha de revelar-se fisicamente poderoso. Mas essa força será para servir os atributos de habilidade e talento colectivo e não para ditar leis em jogadas de fúria, de confusão.

Mudaram os processos de jogo dos sportinguistas. Uma metamorfose tão profunda não se aperfeiçoa em tão escassos meses. Mas que os «leões» prometem, isso é verdade... Está ali outra equipa.

O Córdova foi um adversário ideal para a turma verde-branca. Conjunto aguerrido, cujos jogadores não gostam de perder, «nem a botões», terá apenas a censurar-se-lhe o tom demasiado vigoroso que emprestaram a alguns períodos do jogo. Mas vê-se que é «team» de boa capacidade e capaz de fazer figura na II Divisão espanhola, onde é preciso lutar para vencer. E se lutam os de Córdova...

O juiz setubalense Francisco Logo acusou em excesso o início da temporada. Acompanhou mal os lances e fechou muito os olhos nas jogadas na grande-área cordovesa. Terá de abri-los mais para o próximo Campeonato. Naquelas zonas, como em todas as demais do rectângulo, as faltas ilegais têm de ser punidas.

Comentários de ENCARNAÇÃO VIEGAS

Joaquim Jorge: Acordo com o Vit. de Guimarães

TÉNIS NO PORTO

Realizou-se ontem, nos «courts» do Clube de Ténis da Foz, a segunda jornada dos campeonatos nacionais de segundas categorias, que forneceu os seguintes resultados. José Vilela venceu João Bessa por 6-1 e 6-0; Cunha Reis v. José Topa, por 3-6, 6-0 e 7-5; Nuno Alegro v. Jorge Vasco, por 6-4 e 6-2; Jorge Roquete e Jorge Marco v. Armando Sousa e Bento Azevedo, por 6-2 e 6-3; José Vilela e Cunha Reis v. Pinto Leite e Paulo Bessa, por 6-2 e 6-0; Nuno Alegro e Severiano Magalhães v. Bruce McCory e Ruy Lopes, por 6-4 e 6-3

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

Interesse portista por Botelho e Armando

Armando (Sporting de Braga) e Botelho (Atlético): dois nomes em torno dos quais gira o interesse do F. C. Porto, com vista à substituição de Américo e a colmatar a ausência de Rui (lesionado de gravidade).

Mário, que esteve ao serviço do F. C. Porto, regressou ao Sporting de Braga, que também asseguou o concurso do brasileiro Bétinho.

Rui (dianteiro do Ferroviários da Beira) é pretendido pelo F. C. Porto.

*

Berna é o novo treinador do Salgueiros.

*

Moreira, que foi «internacional junior» ao serviço do Benfica e esteve em Guimarães, transferiu-se para Famalicão.

*

António Morais (ex-auxiliar de José Pedroto, nas Antas) é o técnico contratado pelo Candal.

*

Já não se efectua o jogo F. C. Porto - Desportivo da Corunha, marcado para amanhã.

*

De Pamplona convidaram o Benfica a actuar ali, num torneio que se realizará de 23 a 31 do corrente.

PUGILISMO

DERROTA DOS PORTUGUESES CONTRA UMA SELECÇÃO ALEMÃ

• OS NOSSOS ADVERSÁRIOS, VENCENDO POR 9-0, FORAM PODEROSOS DE MAIS...

IMMERNSTADT, ALEMANHA (Especial para «Diário de Lisboa», por Patrício Alvarez) — O primeiro encontro da selecção de Portugal terminou da maneira já esperada pelos seus dirigentes, com uma derrota total, por 0-9. Na verdade, a selecção militar alemã era demasiado forte para os nossos pugilistas que, todavia, foram corajosos e pundonorosos, saindo de cabeça erguida. Dignos vencidos perante a maior técnica e preparação física dos alemães.

No entanto, Costa Rodrigues ainda conseguiu que o publico presente no Pavilhão da Feira de Immernstadt gritasse em coro o nome de Portugal e animasse o nosso pugilista. A decisão deste combate foi a unica verdadeiramente «patriótica (porquanto se justificava pelo menos o nulo, decisão possível, visto tratar-se de um encontro particular.

Eis como decorreram os combates: Freistadt (Alemanha) venceu por abandono Martinho Cunha (Portugal). O nosso pugilista teve dificuldade em aguentar-se de pé, porque na Alemanha não se usa resina. Isso perturbou-o. Quis jogar descalço mas não o deixaram. Por fim, trocou de botas. No entanto, o treinador (num gesto precipitado, pois Martinho Cunha não recebera castigo que o motivasse) lançou a toalha. Freistadt foi campeão da Europa em 1965 e faz parte da selecção das Forças Armadas Alemãs.

Kirsch (campeão do Sarre) venceu aos pontos Fernando Andrade, que fez boa exibição.

Wichert ganhou, com dificuldade, a Julio Delgadinho que, apesar de estreante, impôs respeito ao adversário, que já foi duas vezes campeão da Alemanha e fez parte da equipa que foi ás Olimpíadas do México.

Harner foi considerado vencedor de Lacueva de Carvalho por justa desqualificação deste. O seu velho defeito de correr sobre o adversário e bater com a luva aberta ocasionou-lhe a derrota. Aqui cabe a culpa aos árbitros portugueses que deveriam fazer o mesmo.

Werner Ruzicka dominou amplamente o valente Miguel Teixeira, que teve de abandonar ao terceiro «assalto». O seu adversário fez parte da equipa olímpica que esteve no México e já foi 3 vezes campeão nacional.

Meier (campeão da Europa e medalha de bronze no México) não teve dificuldade em fazer o inexperiente Fortunato Alves abandonar ao terceiro «assalto» Wilhelm Ruzicka efectuou com Costa Rodrigues o melhor combate da sessão. O português só perdeu por pontos no terceiro «assalto». Skrizek bateu, por abandono no primeiro «assalto», Jorge Chança. Roli derrotou por «K. O.», ao 1.º «assalto», José da Costa. O alemão, bom socador, acertou em cheio no queixo de Costa e derrubou-o sem remissão.

Esta esmagadora derrota foi devida, não só á maior categoria dos alemães (que constituem a selecção militar do seu país), mas também ao fraco ensinamento recebido dos nossos treinadores.

Aos 2 minutos de jogo, Lourenço fez o primeiro golo. E até aos 33 minutos, enquanto esteve no terreno, «deu água pela barba» aos defesas do Córdova

HOJE, À NOITE

A contar para o Campeonato Regional de Hóquei em Patins, efectuam-se esta noite os seguintes jogos: Salesiana-E. Física, Oeiras-Benfica, Cascais-C. Ourique, Sporting-Parede, Belenenses-P. Arcos e C. U. F.-Sintra, nos rinques dos primeiros, ás 21 e 15 (reservas) e ás 22 e 15 (honra).

BRASIL: 6-2 À COLÔMBIA

RIO DE JANEIRO, 22 — (R.) — O Brasil venceu a noite passada, por 6 a 2, a selecção de futebol da Colômbia, num desafio que se disputou no Estádio do Maracanã, nesta cidade, tendo já práticamente assegurado o seu lugar no campeonato do Mundo de futebol, que se disputa no próximo ano no México. Ao intervalo, os brasileiros ganhavam já por 2 a 1.

Os colombianos resistiram corajosamente, mas nada puderam fazer para contrariar a superior classe da selecção brasileira, comandada por Tostão e Pelé. Unicamente a grande exibição do guarda-redes colombiano Quintana evitou que o resultado do jogo fosse mais pesado.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — NASCI PARA AMAR — ROMA — QUARTO N.º 13 — EUROPA

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
HOJE, ÀS 21.45
Estreia da comédia mais original dos últimos anos!
NASCI PARA AMAR
com **Catherine Spaak**
— SCOPE-COLORIDO —
(Ar condicionado)

MUNDIAL
Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(Il Medico Della Mutua)
Às 18.30 (M. 12 anos)
QUEM ROUBOU A COROA?
AR CONDICIONADO

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 9.30 da noite
Paul Newman
no vigoroso filme, de novo em exibição
A VIDA É UM JOGO
com **George Scott** e **Jackie Gleason**

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
em Technicolor
O BASTARDO
«THE BASTARD»
c/ Rita Hayworth e Giuliano Gemma

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
ESTREIA Às 21.45
Veja anúncio especial
O HOMEM QUE MATOU LIBERTY VALANCE

Às 15.15 e 18.30 — Últimas exibições — (Adultos)
A MINHA PROFISSÃO É MATAR

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
A iniciar o ciclo do cinema francês, um filme de Alain Cavalier-Françoise Sagan
A CHAMADA
com **Catherine Deneuve** e **Michel Piccoli**

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
O GRANDE AMOR
TEMPESTADE NA JAMAICA

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
A PARTILHA
c/ **Jim Brown, Diahann Carrol**

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
ESTREIA ÀS 21.30
QUARTO N.º 13

Às 15.15 — Última exibição (Adultos)
CAÇADOR DE ESPIÕES

CONDES
Telefs. 322523 - 326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
(Adultos)
Uma grande história de amor
ÂNSIA DE AMAR
Scope — Metrocolor
(AR CONDICIONADO)

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
O CASO STRANGE
Amanhã: «matinée» infantil
GATA BORRALHEIRA
(M. 6 anos)

IMPÉRIO
(Adultos) Tel 555134
Às 15.15 e 21.30
Um filme de Michel Deville
BYE, BYE BARBARA
com Ewa Swann, Bruno Cremer, Philippe Avron e Alexandre Stewart

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polansky
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Fucueaux

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
O CASAMENTO
(Le Mariage ou Mazel Tov)
com **Claude Berri** e **Elisabeth Wiener**
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
CARNE DA MINHA CARNE
c/ **Troy Donalve** e **Connie Stevens**

LIDO
Praça D. João I - AMADORA
Às 21.30 (M. 12 anos)
O maior escrito do Conjunto Los Bravos
ELES COM ELAS

ODEON
Tel. 326283
HOJE: 15.15 e 18.15 e às 21.30
De tarde e á noite para maiores de 6 anos
O 1.º FESTIVAL DE GARGALHADA DO CINEMA PORTUGUÊS
A CANÇÃO DE LISBOA
com **Vasco Santana, Beatriz Costa e António Silva**

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
de lotações esgotadas
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade àquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

POLITEAMA
HOJE: 15.15 e 18.15 e às 21.30
(M. 17 anos)
Novamente o ídolo dos ídolos
MONTGOMERY WOOD
no seu melhor filme de sempre
UM DÓLAR FURADO
A história de uma sinistra vingança
Tecnicopio — Eastmancolor

AVIS
(M 12 anos) **Tel. 47163**
Às 21.45
UMA COMÉDIA MUSICAL DE GRANDE SENSAÇÃO
AO SOL COM O MEU AMOR
com ROMINA POWER
e os impagáveis cómicos
F. FRANCHI e C. INGRASSIA
EASTMANCOLOR

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 h.
JOGO PERVERSO
A 6.ª TESTEMUNHA

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos).
TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A moça» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e às 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «O justiceiro de Rugova» (12 anos).
PARIS—Às 21: «Espia sem nome» (17 anos)
JARDIM — Às 2 : «A filha dos delfins azuis» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «O estrangulador de Boston» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «As diabólicas» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O regresso de um Ídolo» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Tarzan e a caçadora» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Regresso ao passado» (17 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Não sou digno de ti» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Rainha do Nilo» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Diabólicamente tua» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «A jaula do amor» e «A minha filha é um problema» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Bullit» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «O caso Strange» (17 anos)
ESTORIL — CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Aquela endiabrada freirinha» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Os milionários» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Roubaram o meu coração» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O desafio das águias» (12 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Longe da multidão» (12 anos).

● Outra Banda

COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA—Às 21: «Gringo não perdoa» e «O Expresso do Inferno» (12 anos),
COVA DA PIEDADE—UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 30: «Nebrasca, o pistoleiro» e «Diabo Branco» (12 anos).

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

V. Ex.ª vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar, restaurar ou tingir as suas tapeçarias.
Consulte os serviços técnicos da
FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO
Pedidos aos escritórios: Rua Conde Redondo, 64, 2.º, Dir.
Telefone 59288
ORÇAMENTOS GRÁTIS

Refrescante! Estimulante!

Gordon e Água Tónica

O GIN que mais se vende em todo o mundo

AGENTES
J. A. DA COSTA PINA, LDA.
LISBOA
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
PORTO COIMBRA FARO

CECÍLIA CARDOSO
UM GRANDE ÊXITO NO
BICO DOURADO

No ESTORIL o «DIARIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria Paris, Av. Fausto de Figueiredo.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (638256) ✽ **Tapada, Lda.,** Calç. da Tapada, 83-A (63472').
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Antoim, Lda., Av. Almirante Reis, 88-B-C (44 73) ✽ **Magalhães,** Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALVALADE — Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (71'68') ✽ **Marbel,** Av. de Roma, 31-A (776235)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Aguas Livres, 8-D (68'515)
AREEIRO — Lusitana, Av. de Roma, 8-A (725443) ✽ **Chinde,** Rua Agostinho Lourenço, 6-B (7 033')
ARROIOS — Fonseca — R. Carvalho Araujo, 46-B-C (84 708)
AVENIDAS NOVAS — Providência, R. D.ª Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ✽ **Sá da Bandeira,** R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ✽ **Oliveira Viegas,** R. Viriato, 29-A (48966-55360)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Zira, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (3'0'72)
BAIXA — Formosinho, P. dos Restauradores, 8 (30927) ✽ **Normal,** R. da Prata, 220 (32 342-325553)
BENFICA — Benfiluz, Est. de Benfica, 444-A (782606) ✽ **Alegria,** E. de Benfica, 180-A-B (780511) ✽ **Progresso,** Est. A-do-Maio, 64-C (702226) ✽ **Macedo,** Est. do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMPO DE OURIQUE — Linalda — Rua Ferreira Borges, 30 (660955) ✽ **Findor** — Rua D. Maria Pia, 514 (687949).
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438 ✽ **Zenel,** R. A. 82, Bairro da Liberdade (65'840) ✽ **Nova,** R. de Campolide, 297-C (687475).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 7-118 (553308).
ESTEFÂNIA — Délio, Rua Açores, 32 (52388)
ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R. da Bela Vista, á Lapa, 37 (66'25')
GRAÇA — Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361)
LUMIAR — Patuleto, Herdeiros, R. do Lumiar, 22-124 (790332) ✽ **Douro,** Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (791131).
OLIVAIS — Simão — Av. de Berlim, R. D, 16-A (310581)
PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).
PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)
PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 1-A (84357') ✽ **Europa,** Av. General Roçadas, 31-A-B (Tel. 843880).
PICHELEIRA — Marluz, Calç. do Picheleira, 40-B-C (720703) e 728395)
PRINCIPE REAL — Gonçalves L.ª, R. da Rosa, 76-78 (362687)
REGO — Berne, Av. de Berna, 44-A (773568)
SANTO AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638'32)
S. BENTO — Micael, R. de S. Bento, 380-382 (662'62) ✽ **Açoreana,** Largo do Conde Barão, 2 (66 330)
ST. MARTA — Morais Sarmento, R. Santa Marta, 5-A-B (Tel. 46490)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Margem, 5-B (382470) ✽ **Cruz de Malta,** L. do Chafariz de Dentro, 36 (866'26) ✽ **Zema** Rua General Justiniano Padrel (á Calçada dos Barbadinhos, 21 (832580)
SÉ — Santa Luzia, Rua do Saudade, 2-B (86983')
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (25'1234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 213953).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Grincho — Av. da Republica, 87-A (Tel. 2471204)
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A, 15 (260'6)
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280 10-28 4 9); **Nova** — Estrada de Alvide—Fontainha, (T. 281044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P. D. João I — Lote 46 — Bairro Janeiro (932756) ✽ **Central,** Av.ª Cardoso Lopes, 25 (932210) ✽ **Igreja,** P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740) ✽ **Jardim,** Av. Conde de Oeiras, lote X-1 Reboleira (Tel. 938924).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)
QUELUZ — Gil — Av.ª Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950 7); **Simões Lopes** — Av.ª Elias Garcia, 51/51-A (Tel. 950123)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 29'00 2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832)
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 0 (Tel. 933920).
COLARES — Colares — Abreic (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel. 234 00).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª do Belo Rosa, 8 (224250).
ALMADA — Galeno, R. Capitão Leitão, 35 (2760565.
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 221-B (224 4).
BARREIRO — Higiénica, R. D. Manuel I, 78 (22730'7)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254,
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (239025.
MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques, 42 (Tel. 230370)
SESIMBRA — Leão Av.ª Salazar (229471)
SETÚBAL — Soromenho — P. Machado Santos (Telef. 22691); **Alice** — P. do Quebedo (Tel. 23743)
SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 22'8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 ✽ Companhias Reunidas, 537011 ✽ Gazcidla 538821 ✽ Gazcidla (dom. e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✽ Voluntários 538524

POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✽ Segurança Publica, 366141 ✽ Judiciária, 535380 ✽ Marítima, 326456 ✽ Internacional, 362721 ✽ Viação e Trânsito, 42205 ✽ G.N.R. (área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✽ Enfermagem permanente, 766161 ✽ Enfermagem de urgência, 43738 ✽ Hospital de Santa Maria, 775171 ✽ Hospital de S. José, 860131 ✽ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✽ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✽ Centro de intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✽ Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ✽ Caminhos-de-ferro (Estoril) 361121 ✽ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✽ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✽ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✽ Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

PROGRESSO
Restaurante ✽ Snack-Bar ✽ Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2
Telef. 40115
Aos domingos especialidade da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS À RIBATEJANA e COELHO À CAÇADOR E LANCHES DE CASAMENTO

TARANTELA
RESTAURANTE ✽ SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535208
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

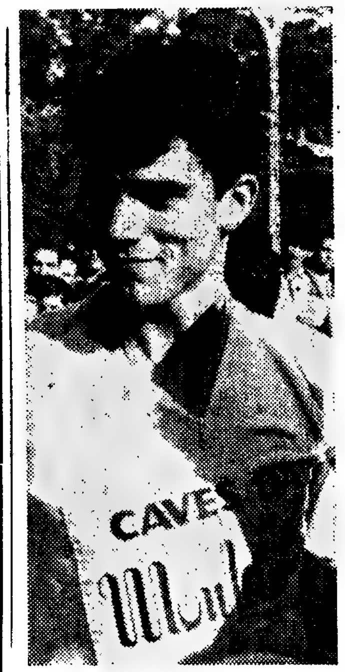
TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
PATO À MODA DO RIO FRIO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

RESTAURANTE
antónio
COZINHA TIPICAMENTE PORTUGUESA
DIARIAMENTE AÇORDA DE LAGOSTA
✽ Ar condicionado — Encerrado aos Domingos ✽
R. Tomás Ribeiro, 63 — LISBOA — Tel. 538780
(Junto da Estação do Metro das Picoas)

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

FIRMINO BERNARDINO PERDEU A ETAPA POR TER CAÍDO A 50 METROS DA META



Vencendo a etapa, Fernando Mendes arrebatou a camisola amarela

CALDAS DA RAINHA, 22 — (Pelo telefone, do nosso enviado) — Fernando Mendes, do Benfica, ganhou a 13.ª etapa da «Volta a oPrtugal em Bicicleta».

António Salazar (Coelima) «furou» em Aveiro

Logo após a partida para esta 13.ª etapa da Volta a Portugal registou-se um «furo» de António Salazar (Coelima) que em Verdemilho recuperou o contacto com o pelotão.

Em Ílhavo Joaquim Moreira (Coelima) abalou da coluna. Em grande andamento, atingiu Mira já com o avanço de 3 m 47 s, sobre todos os companheiros O pelotão era nessa altura, comandado pelo sportinguista Sérgio Páscoa e pelo benfiquista Pedro Rodrigues

Em Tocha Joaquim Moreira já tinha 4 minutos e 15 segundos de avanço sobre o pelotão de onde, entretanto, se tinham escapado Pedro Rodrigues (Benfica), Joaquim Leite (Porto), Marcolino Santos (Tavira), Vítor Rocha (Sporting) e Henrique Silva (Ambar). Os cinco ciclistas tinham, à passagem por Lomba do Poço Frio, dois minutos de avanço sobre o pelotão que continuava a perder terreno. também, para o grande fugitivo: Joaquim Moreira (do Coelima).

Na «meta volante», instalada na Figueira da Foz, passou Joaquim Moreira em primeiro lugar. Tempo gasto: 1 hora 41 minutos e 18 segundos. Mais tarde, surgiram os cinco perseguidores (comandados por Vítor Rocha e Pedro Rodrigues) que ampliavam o seu avanço sobre o pelotão e, simultaneamente reduziam para um minuto e meio a distancia (em tempo) a que se encontravam do homem da Coelima

No pelotão, Eduardo Santos (Benfica) é o comandante E, lado a lado, seguem Agostinho e Mendes em apertada e mútua vigilancia.

Em Guia, os cinco perseguidores estabeleceram contacto com Joaquim Moreira e passaram a juntar-se ao ciclista do Coelima Os seis homens, aproveitando a passividade do pelotão, continuavam em excelente marcha, muito embora o Benfica tenha passado ao ataque, no desejo de evitar que o sportinguista Vítor Rocha conquiste a camisola amarela.

Outra vez pelotão compacto

Mas o esforço dos fugitivos acabou por não resultar: á saída de Leiria, o pelotão tinha apanhado os seis ciclistas, onde apenas o sportinguista Vítor Rocha «puxava» pelos companheiros.

Américo Silva (Benfica) foi o primeiro ciclista a passar em Moinhos da Barosa. Depois dele, um pelotão com trinta unidades. Atrasados, o sportingusta João Roque e o portista Mário Silva, pedalam com certa dificuldade.

A 55 quilómetros da meta, Roque e Mário Silva tinham recolado ao pelotão. Atrasado, ia apenas o sportinguista José Vieira, com dois minutos de distancia da cauda do grupo.

Perto da Marinha Grande, o sportinguista Joaquim Agostinho e o benfiquista Fernando Mendes comandam as operações

Perto de S. Martinho do Porto, Agostinho foi apanhado pelo pelotão. E a marcha aumentou até ás Caldas, onde o sportinguista Firmino Bernardino a 50 metros da meta, deu uma grande queda. A vitória pertenceu ao benfiquista Fernando Mendes, logo seguido por Agostinho e Mário Silva.

Já dentro das Caldas da Rainha, o «camisola amarela» António Teixeira e António Salazar deram uma queda, ficando a sangrar bastante.

Cite-se, por imprópria, a inacreditável escolha do local onde foi instalada a meta.

Desistentes

Durante a etapa desta manhã, desistiram os ciclistas José Vieira, do Sporting, e Marrolino Santos, do Tavira.

Ordem de chegada ás Caldas da Rainha:

1	F Mendes (Bf)	4 43 20
2	Agostinho (Sp.)	
3	M Silva (Porto)	
4	N Duarte (Sg.) ..	
5	J. Leão (Porto) ..	
6	Bernardino (Sp.)	
7	E. Santos (Bf.) ...	
8	A Fortes (Bf.) ..	
9	José A. (Porto) ..	
10	V Rocha (Sp.) ...	
11	J Andrade (Sg.)	
12	J. Coelho (Amb.)	
13	J Pinhal (Bf.) ...	
14	W. Sá (Ambar) ..	
15	A Graça (Tav)	
16	A Silva (Bf) ...	m. t.
17	A. Salazar (Coel.)	4 43 50
18	José Diogo (Tav)	m. t.
19	A. Teixeira (Tav.)	4 44 07
20	E. Dionísio (Sp.)	4 47 12
21	Man. Luís (Bf.)	
22	H. Niel (Porto) ..	
23	Man. Costa (Bf.)	
24	L. Miranda (Sp.)	
25	M. Castro (Amb.)	
26	João Roque (Sp.)	
27	V. Cardoso (Bf.)	
28	H. Oliveira (Sg.)	
29	D. Vitorino (B.)	
30	Lino S. (Sang.)	
31	S Páscoa (Sp.) ..	
32	J. Moreira (Coel.)	
33	P. Moreira (Bf.)	
34	F. Martins (Tav.)	
35	A. Pereira (Coel.)	
36	N. Timóteo (Sp.)	
37	Domingues (Sp.)	
38	Pacheco (Porto)	m. t.
39	J. Leite (Porto)	4 48 32
40	S. Vieira (Amb.)	4 48 37
41	J. Freitas (Amb.)	4 48 52
42	H. Silva (Amb.)	4 48 59
43	J. Pereira (coel.)	4 52 29
44	C. Oliveira (San.)	4 53 37
45	M. Mestre (Coel.)	4 53 41
46	V. Tenazin. (Sp)	4 54 05
47	P. Rodurigu. (Bf)	4 56 05

A média horária foi de 39,387 km.

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL

		H.	M.	S.
1	F. Mendes (Bf.)	32	37	07
2	A. Teixeira (T.)	32	37	26
3	J Andrade (Sg.)	32	37	57
4	Agostinho (Sp.)	32	38	02
5	M. Silva (Porto)	32	38	18
6	F. Bernar. (Sp.)	32	39	39
7	L Pacheco (P.)	32	42	14
8	J. Avevedo (P.)	32	45	30
9	V Rocha (Sp.)	32	46	19
10	J. Leão (Porto)	32	46	26
11	A Silva (Bf.) ...	32	46	33
12	A. Graça (Tav.)	32	47	11
13	J. Pinhal (Bf.)	32	47	11
14	A. Fortes (Bf.)	32	47	24
15	E. Dionísio (Sp.)	32	49	24
16	H. Neil (Porto)	32	49	43
17	Ed. Santos (Bf.)	32	50	11
18	L. Miranda (Sp.)	32	50	12
19	J. Freitas (Amb.)	32	50	36
20	Man. Costa (Bf.)	32	51	13
21	D. Vitorino (Bf.)	32	51	21
22	Oliveira (Sang.)	32	51	41
23	V. Cardoso (Bf.)	32	52	13
24	Domingues (Sp.)	32	52	26
25	J. Leite (F.C.P.)	32	54	03
26	N. Duarte (San)	32	54	13
27	J. Coelho (Am)	32	54	40
28	J. Roque (Sp.)	32	54	41
29	S. Vieira (Am.)	32	54	53
30	Man. Luís (Bf.)	32	56	27
31	S. Páscoa (Sp.)	32	57	40
32	J. Pereira (Coel)	32	58	02
33	V Tenazi. (Sp.)	32	58	15
34	P Moreira (Bf.)	32	58	24
35	F Martins (T.)	32	58	40
36	Rodrigues (Bf.)	33	00	24
37	J Moreira (C.)	33	02	17
38	H. Silva (A.)...	33	02	31
39	L. Santos (Sg.)	33	04	25
40	M. Castro (A.)...	33	06	07
41	C. Oliveira (Sg.)	33	06	33
42	N. Timóteo (Sp.)	33	07	08
43	J. Diogo (Tav.)	33	07	57
44	Pereira (Coel.)	33	08	10
45	Salazar (Coel.)	33	08	38
46	W. Sá (Ambar)	33	11	10
47	M. Mestre (Tav.)	33	17	10

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado com excepção da faixa costeira ocidental, onde estava muito nublado e encoberto e havia neblina O vento era fraco a moderado de norte

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE— Máxima: Elvas, 36°; mínima: Montalegre, 8°.

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 17°; Faro, 24°; Funchal, 22°; Lisboa, 19°, Penhas Douradas, 18°; Portalegre, 16°; Porto, 15° **Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco a moderado de Noroeste. Possibilidade de ocorrência de bancos de nevoeiro durante a noite e manhã no litoral Oeste a norte do Cabo Carvoeiro.**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco a moderado de Noroeste, possibilidade de ocorrência de bancos de nevoeiro, durante a noite e a manhã no litoral Oeste a norte do cabo Carvoeiro.

Amanhã
Nascer ás 6 e 58
Ocaso ás 20 e 21

Dia 27 Dia 3 Dia 11 Dia 19

MARÉS.
PREIA-MAR: **Dia 22** — 11 e 02 (3,3 m); 23 e 50 (3,2 m) **Dia 23** — 12 e 40 (3,4 m) **Dia 24** — 1 e 22 (3,4 m); 13 e 51 (3,7 m) BAIXA-MAR: **Dia 22** — 4 e 25 (1,7 m); 17 e 21 (1,7 m) **Dia 23** — 6 e 01 (1,7 m); 18 e 50 (1,5 m), **Dia 24** — 7 e 10 (1,5 m): 19 e 55 (1,3 m)

«El Cordobès» recebeu o «brevet» de piloto

CÓRDOVA, 22 — (F.P.) — Manuel Benitez «El Cordobés», recebeu na quinta-feira o seu «bevet» de piloto, que lhe foi concedido oficialmente após ter feito os exames regulamentares.

Vestido com um elegante uniforme de aviador, de fazenda castanha e com o capacete regulamentar, cujo escudo era formado pelas suas iniciais entrelaçadas com a marca do ferro dos seus touros, o toureiro tomou imediatamente os comandos do seu avião especial, para sobrevoar as propriedades que possui nesta provincia.

Aprovado o projecto do Contrato Colectivo dos Estivadores do Porto de Lisboa

Na Casa do Conto, perante, uma assistência computada em cerca de um milhar de pessoas, realizou-se, ontem, ao fim da tarde, a Assembleia Geral do Sindicato Nacional dos Estivadores do Distrito e Porto de Lisboa.

Por ausência do presidente da Assembleia Geral, a reunião foi presidida pelo sr. José do Nascimento Alves (nomeado ad hoc), tendo como secretários os srs. Domingos Brito Lopes da Silva e José Bernardo Neves Pereira Após a exortação do presidente da mesa, á compreensão total das razões que levaram o Sindicato a elaborar o respectivo contrato do trabalho, falou o presidente sindical, sr. José Maria Fernandes, que indicou, por sua vez, as premissas que orientaram a elaboração do texto contratual.

Presente, também o sr. dr. Eugénio Augusto Afonso, assistente corporativo do Sindicato dos Estivadores, perante as entidades oficiais.

Antes do encerramento da reunião o assistente corporativo do sindicato, dr. Eugénio Augusto Afonso, animou os estivadores no sentido de «aceitarem» o contrato, não deixando, no entanto, de promover o seu futuro aperfeiçoamento. Indicou a relutancia da entidade patronal em aceitar o contrato, se bem que seja possivel — disse — após a ratificação da classe estivadora, atingir um plano de entendimento.

Falaram ainda os sócios Alexandre Daniel Pires e Carlos Cruz que rebateu a validade de um aumento aparente que não acompanha, nem de longe nem de perto, o acréscimo geral do nivel de vida.

O presidente da mesa indicou a posição actual de uma reivindicação que já constitui uma conquista assinalável no seio da classe que não impede sequer a organização imediata de uma comissão técnica de revisão futura deste contrato.

Finalmente, o projecto do contrato foi aprovado por aclamação.

Estêvão, Saporiti, Rodrigues, Quinito, o dr. Silva Rocha e Assis: elementos da comitiva belenense que esta manhã regressou de Angola onde efectuou oito jogos que terminaram em outras tantas vitórias do clube do Restelo

UM OASIS DE FRESCURA NESTA HORRÍVEL VAGA DE CALOR:

O RESTAURANTE «O GUIZO»

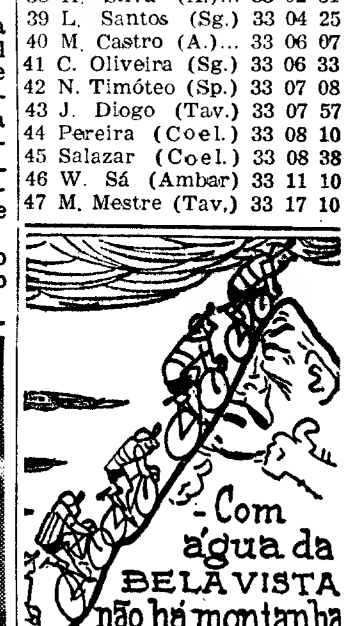
NA PRAÇA DE TOIROS DE CASCAIS

Devido ao seu ar condicionado a temperatura ambiente é sempre agradabilíssima mesmo nos dias de intenso calor. Além de vários pratos com especial relevo para os grelhados sobre carvão de sôbro e os mariscos maravilhosos de frescura, apresenta sábado e domingo ao almoço e ao jantar, as suas especialidades: Gaspacho à Guizo (uma verdadeira delícia gelada!); **Sopa Rica de Peixe com Camarão e Lagosta** (uma das mais saborosas Sopas Portuguesas); **Torta de Viana recheada de Camarão com Molho de Tomate e Esparregado** (um sucesso); **Salada de Camarão e Lagosta à Moda de Cascais** (Receita de Olleboma); **Pato com Arroz à Portuguesa** (também Receita da Olleboma); **Escalopes de Vitela Panados com Molho de Tomate; Peixinhos da Horta e Grão de Tomatada e ainda outras especialidades só do GUIZO. Tem também para os gulosos doces de tarar feitos por processos conventuais.**

Fuja do calor e venha almoçar ou jantar com todo o conforto no Restaurante «O GUIZO» na Praça de Toiros, em Cascais. O Restaurante das Especialidades Portuguesas Invulgares e saborosíssimas a preços sem exageros para a categoria da comida. Estacionamento de carros sem problema.

Telefone 28 34 34

O SATÉ que vai ser apresentado brevemente em Cascais conquista toda a gente com o seu encanto oriental!



À VENDA EM TODO O PAIS
EM LISBOA:
LISAGUA DISTRIBUI
Pedidos — Telefs. [illegible]

MESA REDONDA

Dai ao Ulster o que é do Ulster

A. VILLAVERDE CABRAL

Quando o primeiro-ministro James Chichester-Clark foi eleito por uma escassa maioria dos deputados do seu partido para suceder ao capitão Terence O'Neil, alguns observadores apressaram-se a dizer que o novo «leader» era a personalidade mais aceitável pela oposição católica entre todas as possíveis. Se esses observadores tinham razão, então temos de concluir que devem ser muito poucas as personalidades possíveis ou que nenhuma é aceitável pela oposição.

E, na verdade, assim tinha de ser. A população católica começou a expiar os seus pecados quando os seus chefes celtas abandonaram o território que hoje é o Ulster, fugindo às hostes de Jaime primeiro da Inglaterra e quarto da Escócia. A conquista definitiva por parte dos ingleses e escoceses levou a uma emigração em massa de súbditos desses dois países para a parte norte da Irlanda na segunda metade do século XVII.

Como é de calcular, entraram como conquistadores. Cedo dominaram a economia do país e as rédeas do poder.

Assim começou a divisão da Irlanda. No sul, o lorde inglês limitava-se possuir a terra e, de uma maneira geral, a arrendá-la ao indígena. O indígena, claro, ou morria estoicamente de fome ou emigrava heròicamente para a América. Mas no Norte o conquistador estabeleceu-se. Trabalhou, colocou o natural à margem do desenvolvimento económico. O natural, ao contrário do índio dos Estados Unidos, não foi liquidado fisicamente. Não, ele foi aproveitado como mão-de-obra.

Hoje, no Ulster, a situação de certo modo mantém-se. Nem todos os operários são católicos, mas quase todos os proprietários são protestantes.

Como será fácil de compreender os protestantes, sobretudo os proprietários, não estão interessados em perder os privilégios que àrduamente conquistaram durante quase quatro séculos.

(Continua na pág. 4)

A MORTE DE VAN DER ROHE

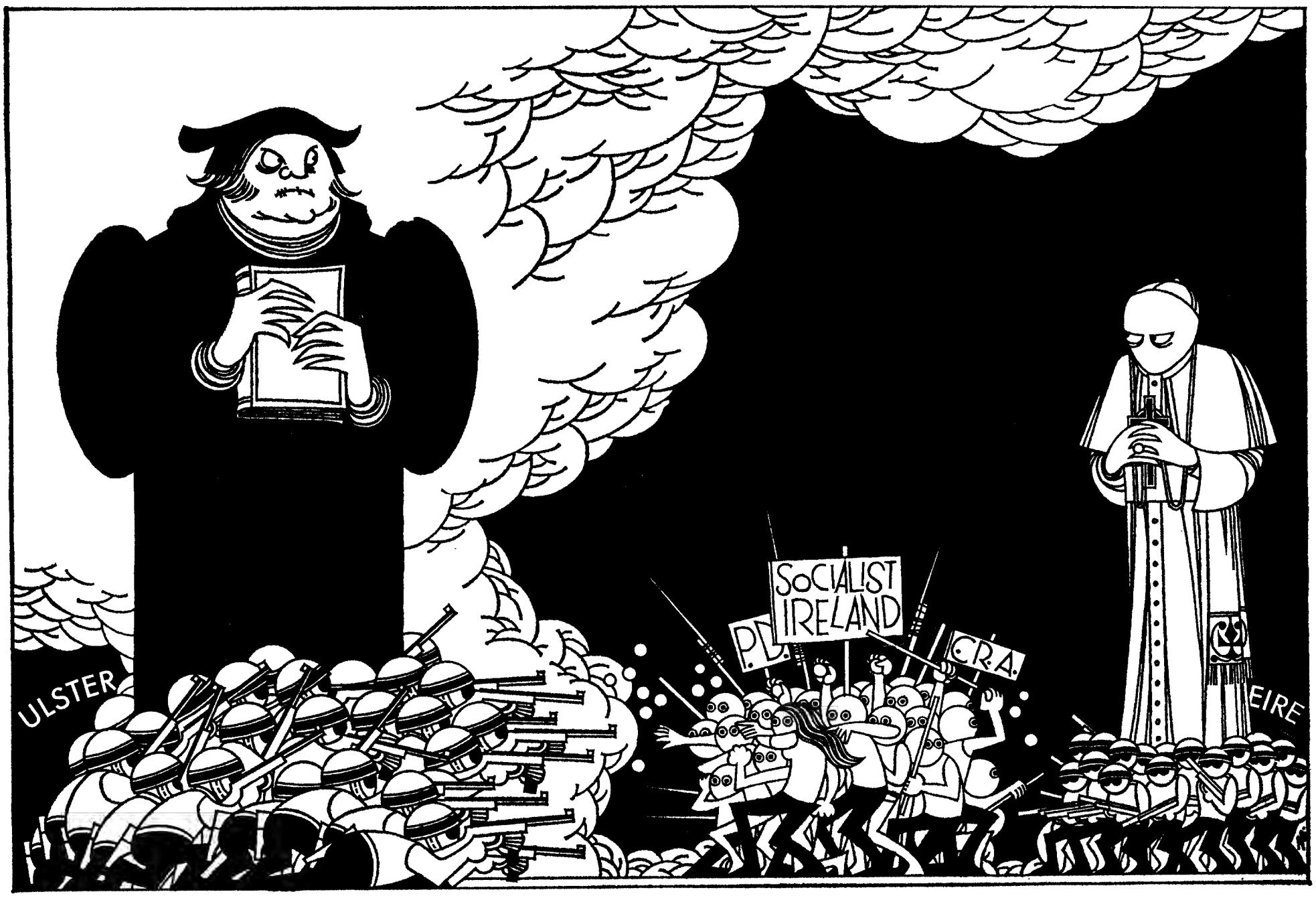
Os pioneiros e os outros

MANUEL TAINHA

No escasso tempo que me dão para escrever sobre Mies van der Rohe que mais posso fazer do que alinhar umas notas ao acaso, eu que nem sequer o escolhi como herói quando foi caso disso?

(Continua na pág. 4)

Irlanda — Agosto 69



P.: **O que vai acontecer?**
R.: **Vamos ter uma guerra civil tripartida — os beatos protestantes, os beatos papistas e nós no meio...** (Duma entrevista, em Maio, com Bernardette Devlin).

(DESENHO DE JOÃO ABEL)

ASSIM VAI O MUNDO

Médicos

Segundo estatísticas fornecidas pela Organização Mundial de Saúde, apesar do crescimento acentuado da assistência sanitária verificada no mundo, o aumento do número de médicos não acompanhou o ritmo da explosão demográfica.

As estatísticas em questão referem-se ao período de 1955 a 1965. Entre os casos referidos e como situações que se colocam em polos opostos citam-se o caso da Etiópia com um médico para 62 mil habitantes e o de Israel com um médico para 410 pessoas. A Espanha dispunha, em 1955, de um médico para 920 habitantes (em 1965 o número de habitantes era de 800).

De acordo com os números da Organização Mundial de Saúde, dos 145 países sobre os quais incidiu o referido estudo verificou-se em 115 nações, entre 1955 e 1965, uma baixa da relação entre médico e população. Relativamente a alguns países considera-se que o desnível entre o crescimento demográfico e o número de médicos é devido ao êxodo destes para outros países e à percentagem de licenciados em Medicina que não exercem a profissão.

Universidades

O Governo francês decidiu criar seis novas universidades — três na cidade de Strasbourg e três em Lyon (a segunda cidade universitária de França, com cerca de quarenta mil estudantes).

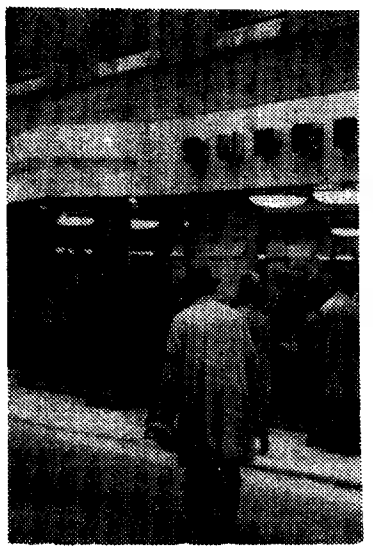
Citamos, a título de exemplo, algumas das disciplinas ministradas nas novas universidades de Strasbourg: Ciências Humanas, História e Orientalismo, Teologia Protestante e Católica, Direito e Ciências Políticas, e Jornalismo. Destas Universidades farão ainda parte o Instituto Regional de Educação Física, o Instituto do Trabalho, o Instituto de Estudos Políticos, o Instituto de Ensino Superior Comercial e o Instituto Universitário de Tecnologia.

Das disciplinas a ensinar em Lyon destacamos: Psicopedagogia, Física Nuclear, Línguas Vivas e Ciências da Língua, Ciências da Antiguidade, Gestão e Ciências Psicológicas, Sociológicas, Etnológicas e Pedagógicas.

Jornal

Um grupo de personalidades belgas estuda, actualmente, a possibilidade de criar em Bruxelas, com o título de «Notre Temps», um diário de informação que se propõe consagrar largo espaço aos comentários de política estrangeira e aos problemas económicos.

Os responsáveis por esta iniciativa esperam resolver os problemas do financiamento fazendo dos próprios leitores os proprietários do jornal. Experiência cooperativa, ou talvez não...



Qualidade

Na Roménia foi instaurado um sistema de «contrôle» á qualidade dos bens de consumo e do material de equipamento, no intuito de defender o interesse e os direitos do público e de salvaguardar a actividade das empresas, de cuja actividade depende o progresso e desenvolvimento do país.

Desse sistema consta o fornecimento de listas a preencher pelas empresas e, nomeadamente, pelos supermercados, relativas aos produtos de má qualidde. Estes dados, confirmados depois por estudos dos Serviços de Controle da Qualidade permite elaborar o rol de produtos de cujo valor o consumidor ou o empresário deve desconfiar.

Estrada

O Governo brasileiro propõe-se construir uma grande rodovia transamazónica, de três mil quilómetros de extensão. A estrada ligará os Estados de Paraíba e Pernambuco, cruzará o Piauí e o Maranhão e cortará o Pará e o Amazonas, interligando o Acre e atingindo a Bolívia e o Peru.

As obras de construção serão iniciadas ainda no actual oGverno.

Aventura

Numa entrevista ao «Monde» afirmou o escritor «aventureiro» Pierre Mac Orlan: «A aventura não existe. É a cenoura à frente do burro. Quando supomos que a vamos apanhar, ela recua um metro. Por outro lado, as pessoas que viveram acontecimentos extraordinários não extraiem, em geral nada deles. Conheci um tipo que se tinha batido na Rússia sob ordens do general Wrangel. Só tinha ficado com uma recordação: a de 200 pianos abandonados no cais de Moukden. Quando quis escrever um livro sobre os «joyeux» (soldados dos batalhões de África), um veterano dos batalhões disciplinares descreveu-me Foum-Tataonine nestes termos: «Não é difícil. Lá não acontece nada, absolutamente nada». A verdadeira aventura não é uma experiência, mas uma criação da inteligência».

Sindicatos

«EFTA-TUC» é a comissão sindical da Zona Europeia de Comércio Livre. Foi criada em Fevereiro de 1968 Em Abril de 1969 tomou parte, como observador, na reunião do comité consultivo da EFTA (Associação). O número dos seus membros é de cerca de 14 milhões, repartidos por 5 países da EFTA e organizados nas federações nacionais de sindicatos.

Os centros nacionais de «EFTA-TUC» consideram, para a defesa dos interesses que representaram, não poder aguardar, tranquilamente, decisões políticas quanto á integração europeia mais ampla. O seu secretariado instalou-se em Bruxelas, trabalhando em estreita ligação com a «confederação europeia dos sindicatos livres na Comunidade» (C. E. E. — Mercado Comum). Segundo M. I. Graham, secretário da «EFTA-TUC», esta «é uma importante condição prévia para a realização concreta da integração europeia futura».

ASSIM VAMOS NÓS

Equívoco

Deram o nome de José Barão a uma rua de Vila Real de Santo António, terra da sua naturalidade. Se o falecido jornalista fosse vivo, não davam. Não davam, que ele não deixava. Amigos que fomos de nosso operoso camarada, bem sabemos do que foram as suas convicções para sabermos como ele se comportaria ante o propósito de substituir, como agora fizeram, o nome de Miguel Bombarda pelo nome de outra pessoa, embora merecedora da homenagem, como ele evidentemente o era. Tal decisão, parece-nos, não é uma homenagem, mas um agravo á própria memória de José Barão.

José Barão

Afirmações

«As forças de segurança, neutralizando os perturbadores, dominando o tumulto, dissolvendo a reunião agitadora, só verdadeiramente restabelecem a ordem quando os responsáveis que se agregarem ou dissolverem retomarem a sua autoridade, essa autoridade que, por definição, há-de ser reconhecida, acatada, respeitada, ocupando o lugar que lhe pertence.

«A desobediência colectiva é a mais grave perturbação da ordem e prepara-se pela sistemática contestação dos responsáveis e pelo irresponsável aliciamento das massas que não têm regras, nem leis, nem disciplina, nem quadros.»

(Discurso do ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, perante funcionários do seu Ministério, comandantes-gerais da P. S P., G. N. R. e L. P. e director da P. I. D. E., durante a sessão de cumprimentos pelo 1.º aniversráio da sua entrada para o Governo.)

☆

«A juventude é naturalmente boa, corajosa e verdadeira. O seu lugar é do lado da verdade. E todos estamos obrigados a colaborar com ela na descoberta da verdade, dominando a impaciência que nos possam causar as agitações episódicas, os manejos em altura, as atitudes dogmáticas que, muitas vezes, servem, aliás, mais para encobrir dúvidas do que para traduzir convicções profundas.»

(Discurso do ministro da Educação, dr. José Hermano Saraiva, na inauguração de uma residência universitária.)

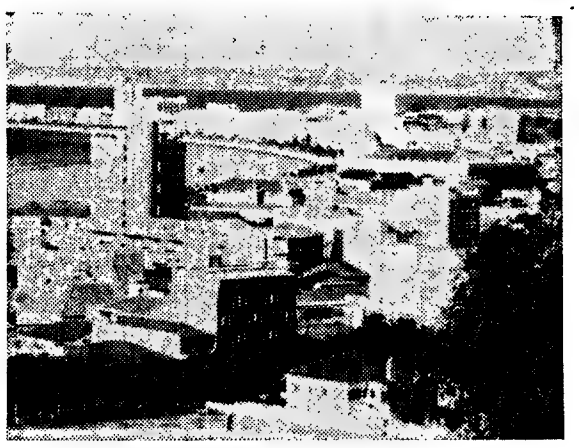
☆

«Antes de terminar quero lembrar a figura veneranda do Chefe do Estado, que todos temos nos nossos corações e no pensamento e que às pescas sempre dedicou, desde a sua passagem pelo Ministério da Marinha, o melhor da sua inteligência e atenção.»

(Discurso do almirante Henrique Tenreiro no acto de posse do cargo de presidente da Junta Nacional de Fomento das Pescas.)

Sete anos

Veio de Penalva do Castelo do nosso correspondente (dia 16) a notícia de se ter dado conta do que certamente tem sido uma distracção: Utilizar como armazém de retém uma das moradias ditas de renda económica situadas perto da Misericórdia local. É um pequeno bairro, apenas doze vivendas, rendas de 100 e 120 escudos. São apenas doze vivendas para pobres. Pois durou sete anos aquilo a que chamamos distracção: a casa construída para pobres alugada a uma firma comercial para servir de armazém. Perfeitamente inconcebível: nem respeito pelos pobres nem respeito pela lei.



Edifícios

Foram construídos em Angola, de Janeiro a Março deste ano, 291 edifícios, dos quais 214 se destinam a habitação.

Em igual período do ano passado foram construídos 239 edifícios. Por ordem decrescente, a construção nas principais cidades angolanas foi como segue: 96 em Luanda, 39 em Nova Lisboa, 27 no Lobito, 22 em Cabinda, 20 em Sá da Bandeira, 15 em Benguela e 11 em Carmona e Salazar.

inquérito

Qual o principal problema da sociedade portuguesa?

Com as respostas dos drs. Melo e Castro e Mário Soares iniciámos, no passado número, a publicação do segundo inquérito levado a efeito por «Mesa-Redonda». À pergunta base — «Qual o principal problema da sociedade portuguesa?» — dirigida aos inquiridos, acrescentámos as seguintes considerações: «Sabe-se — e os próprios membros do Governo o tem frequentemente afirmado — que as guerras no Ultramar condicionam toda a vida portuguesa actual. Mas, para além da paz, por todos ansiosamente desejada, qual lhe parece ser, hoje, o principal problema da sociedade portuguesa?

Na sequência do inquérito publicamos hoje as respostas da médica pediatra dra. Maria de Lourdes Pires Neves, e do advogado dr. António Macedo.

Maria de Lourdes Neves

Só a partir da educação cívica se pode falar de consciência política

Com a ressalva, contida no questionário, quanto ás «guerras no Ultramar que condicionam, na actualidade, toda a vida portuguesa», a mim parece-me que, «para além da paz, por todos ansiosamente desejada», o nosso principal problema — que situo na prevalência da esfera política, fonte das demais — decorre da falta de *educação e formação cívicas*, de cujas causas e efeitos não me ocuparei, óbviamente, neste «inquérito sintético»...

E isto porque só a partir da *educação e formação cívicas* será legítimo falar-se de uma consciência política, genuína e nacional, susceptível de proporcionar a compreensão, o exame e o debate dos problemas que interessam á grei portuguesa, nos diversos aspectos por que se reparte e conjuga a governação publica, dirigida a soluções pertinentes, no quadro dos anseios generalizados e de real autenticidade.

Como é evidente, não importará afrontar problemas, definir perspectivas e estabelecer metas e opções, de costas voltadas ou obliquas para a «sociedade portuguesa», pelo que esta deve estar preparada e adestrada a intervir, a formular juizos, a dizer a sua palavra e a oferecer contributos válidos, para o progresso e o bem-estar comuns.

Sem projecção ou eco no seio dos próprios interessados, civicamente esclarecidos e receptivos aos exactos entendimento, significado e alcance dos problemas que mais preocupam ou afligem a «sociedade portuguesa», bem poderá acontecer que todos os problemas sejam tidos por *principais*... — no embaraço e perplexidade de um critério selectivo ou prioritário!

António Macedo

O sentimento de impotência só pode servir de escudo a falsas «élites»

A integração da grande massa de portugueses na vida politica nacional parece-me ser actualmente o problema principal em causa na nossa sociedade.

A escassez de informação e o hábito se se «assistir à História» criaram sentimentos de frustração e de desinteresse que conduzem a um tipo de irresponsabilização cívica que urge corrigir e superar. E como compensação dessa situação de desfavor é que se recorre frequentemente ao passadismo.

Um pouco em todos os sectores — creio eu — existe um sentimento de impotência que só pode servir de escudo a falsas elites mas que impossibilita a realização pessoal e a auto-afirmação. Os casos que por vezes se registam de afirmação colectiva nem sempre encontram o necessário eco nas elites a que estão ou deviam estar, vinculados.

Aqui, na formação e na escolha das elites, a questão põe-se sobretudo em fazer participar as grandes massas dos portugueses responsabilizando-os pela vida nacional. Entre os sectores de base e a cúpula das organizações deverá promover-se uma interdependência que estruture e vitalize a unidade nacional, coisa que se me afigura válida e indispensável a todos os niveis da realidade portuguesa.

Por outro lado, uma observação objectivamente critica da nossa actualidade demonstra-nos constantemente que a confrontação com o homem do nosso século, que por vezes nos parece tão distante, não nos é tão desfavorável no plano individual quanto se nos afirma no plano colectivo. O problema não está numa carência de valores potenciais mas, sim, na promoção desses valores.

A REVISÃO DA LEI DO CONTRATO INDIVIDUAL DE TRABALHO — 1

Haverá sanções abusivas?

FRANCISCO MARCELO CURTO

A regulamentação jurídica do contrato individual de trabalho sofreu uma revisão importante, através do Decreto-Lei n.º 47 032, de 27 de Maio de 1966. Antes desta lei, as relações entre patrões e trabalhadores fora dos contratos colectivos regulavam-se pela Lei n.º 1952, que já muito antes de 1966 precisava de ser substituída. No entanto, o Decreto-Lei n.º 47 032 representou mais um compromisso com o passado do que uma lei profundamente nova.

Já tivemos oportunidade de referir que, para além da boa técnica empregada no texto legal e do acesso dos assalariados a certos direitos essenciais (despedimento e férias), da inovação cautelosa em certas matérias (demasiado cautelosa, ariscando-se a lançar disposições sem aplicação prática), o Decreto-Lei n.º 47 032 deixou de fora aspectos cruciais das relações trabalhador-patrão. Para não nos alongarmos, citaremos duas: o problema do despedimento com aviso prévio, e a limitação rigorosa do período diário de trabalho sem possibilidade para a entidade patronal de *estender* esse período diário.

Ora, o Decreto-Lei n.º 47 032 está a ser sujeito á revisão da Câmara Corporativa, que aprecia um texto elaborado pelo Ministério das Corporações, o qual introduz algumas modificações ao texto primitivo do citado decreto.

O parecer da Câmara Corporativa será, a seu tempo, divulgado. Pretendemos simplesmente analisar, com o possivel espírito crítico, alguns aspectos do texto proposto para apreciação á Câmara Corporativa, prestando especial atenção aos assuntos do primitivo texto do Decreto-Lei n.º 47 032, que o Ministério das Corporações *considerou que não necessitavam de qualquer alteração.*

Um dos aspectos que se mantém inalterável é o das sanções abusivas.

O que são as sanções abusivas? São as punições disciplinares que a entidade patronal aplica ao trabalhador depois de este ter recusado cumprir ordens a que não deve obediência, ter reclamado contra as condições de trabalho, exercer, ter exercido, pretender exercer ou invocar os direitos e garantias que assistem a esse trabalhador.

EXEMPLOS

A situação é simples e parece á primeira vista que a sua aplicação não levantaria problemas.

Exemplifiquemos em concreto: o trabalhador tem certos direitos e *garantias*, e estas últimas bem definidas em artigo da lei, destacado, que constituiu até uma novidade em relação á Lei n.º 1952. Tem, por exemplo, a garantia de não lhe ser diminuida a retribuição. Supunhamos, porém, que em certa semana o trabalhador verifica que em vez de receber 600$00 recebe só 500$00. Reclama, *não há direito, tenho mulher e filhos, etc., etc.*», e a entidade patronal responde: «*não posso pagar-te o que estava a pagar. Se não queres aceitar, vai-te embora, etc., etc.*». Dir-se-á: eis aqui um despedimento abusivo. Parece não haver dúvidas. No entanto, o que a entidade

(Continua na pág. 10)

Os pioneiros e os outros

(Cont. da pág. 1)

Corbusier, Frank Lloyd Wrigt, Mies van der Roe, Gropius, Aalto: galeria dos notáveis. Génios maiores e outros mais pequenos. Nomes, bandeiras. Batalhas dos gigantes de lacinho.

Quando nós brincávamos aos soldadinhos, batendo-nos por um deles, já as nossas batalhas eram outras, necessáriamente. Mas nós não sabíamos. Outras batalhas para as quais as novas gerações não estavam preparadas, como o não estão ainda. Por isso, perpetuando o culto dos heróis, substituem-se no velho e sempre o mesmo pedestal as antigas figuras por outras: L. Kahn, K. Tange, J. Stirling. O grande arquitecto: a mais convencional e desastrosa ideia associada ao movimento da moderna arquitectura. A contradição gerada em torno dos mestres venerandos do período pioneiro consistiu no seguinte: nascendo de movimentos que propunham maior liberdade, transformaram-se, mesmo quando o não queriam, no seu contrário. Mies van der Rohe, era um deles, de todo o direito.

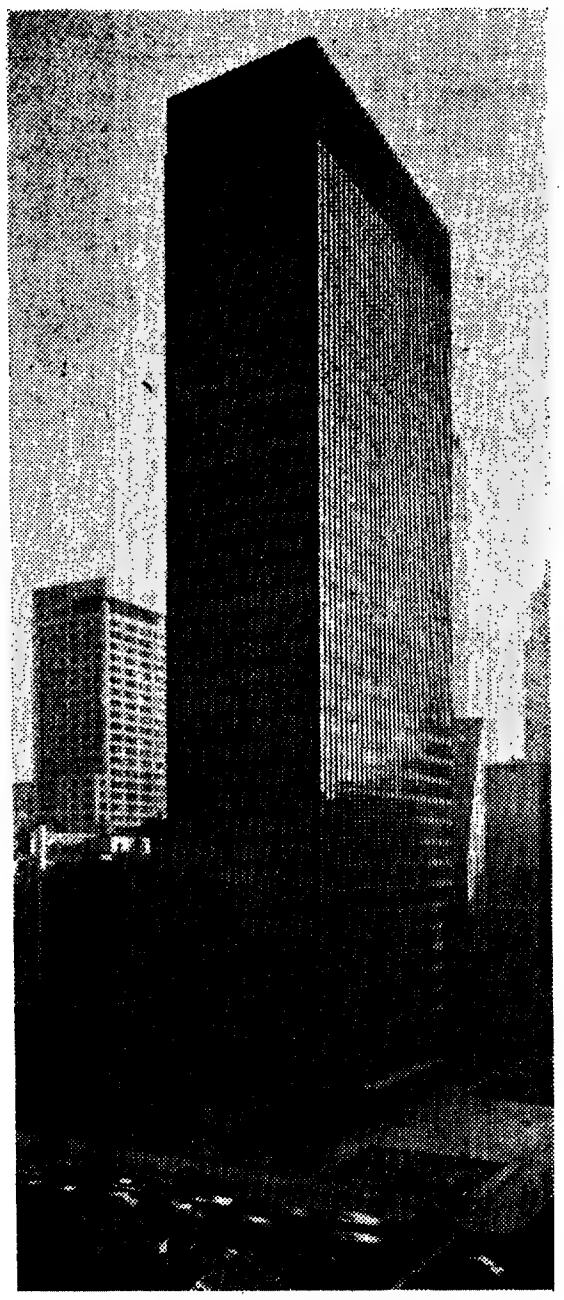
Muitas monografias se escreveram sobre os grandes mestres. Muito pouco se faz para divulgar os movimentos que lhes deram origem: Futurismo, Construtivismo, Expressionismo, Dadaísmo, os grandes esquecidos. Movimentos colectivos, acções de grupo, momentos da consciência que urge rectificar, recuperar para dar significado ao presente. Estaremos nós hoje desembaraçados definitivamente dessa herança? Julgo que sim. Passou a época do terror, para dar o lugar á admiração e á recusa.

Retomamos o ritmo e o passo interrompido dos movimentos para os continuar, derrubar e substituir.

Mas quem era Mies van der Rohe?

Para muitos foi ninguém, que coisa nenhuma é também para muitos a arquitectura. Para poucos foi bandeira. Um dos três grandes arquitectos do século, está escrito. Morre com 83 anos o mais casto dos grandes.

Entrando na arquitectura pela porta da oficina, da prática de atelier — não consta que tenha feito estudos oficiais — o artífice Ludwig Mias manterá dessa aprendizagem o gosto-obsessão pelos dados a um tempo secretos e positivos dos materiais, á maneira do mestre medieval. Esse gosto pela posse reservada e irracional da «chave» exprime-o ele bem no seu axioma «Less is more». Extrair arquitectura do «almost nothing» seja este o modesto tijolo ou o perfil de aço (em I, H ou L) é coisa que só pode ser entendida pelo profissional batido, de casta e têmpera, ou pelas donas de casa. Ninguém mais pode compreender que com tal ponto de partida «teórico» se possam conceber os elegantes e soberbos cristais de aço e vidro de Lake Shore (Chicago) ou o Seagram Building (Nova York), o Crown Hall do Instituto Tecnológico de Illinois ou o Convention Hall de Chicago, verdadeiros ornamentos urbanos na linha de concepção urbana renascentista, apesar do aço e do vidro, e da fluida espacialidade dos seus interiores.



O Seagram Building, em Nova York (1958). Ludwig Mies van der Rohe autor dos elegantes cristais de aço e vidro

Nascido em Aachen (Aix-la-Chapelle), toda a sua formação se processa (desde a oficina do pai, que era canteiro) através dos ateliers e oficinas profissionais, ciclo que termina no atelier de P. Behrens, ao tempo o mais classificado arquitecto alemão e por onde passam também W. Gropius e Le Corbusier.

Colabora no movimento expressionista Novembergruppe saído da Revolução Republicana, que reúne a vanguarda alemã do tempo, adesão que justaposta ás suas predilecções schinkelianas pelo neo-classicismo vai constituir de algum modo o estracto substancial das suas propostas mais significativas: utilização dos materiais (antigos e novos) em toda a sua castidade tecnológica e expressiva, dissolução do espaço interior estático e sua definição a partir das tensões entre os «écrans» - paredes definitivamente libertados das suas funções tradicionais de suporte, etc.

Chamado em 1930 á direcção da Banhaus, Dessan, por recomendação expressa do seu fundador W. Gropius, então já afastado da Casa, e sucedendo assim ao breve e agitado directorado de Hannes Meyer, Mies limita-se nessa função a consagrar, por dentro, a definitiva deterioração da Casa sob a pressão dos ataques crescentes do nazismo. Transferida para Berlim, a Banhaus cai de fechada em 1933 das mãos impotentes e, ao que parece, algo incompetentes de Mies. Os valores «eternos» do artesanato repostos por Mies na didáctica da Casa fazem-na regressar perigosamente á fase pioneira de Weimar, de que Gropius se afastara no sentido do reconhecimento dos valores éticos e estéticos irrecusáveis da indústria, numa Alemanha que na indústria de qualidade punha as suas maiores esperanças.

Passa-se então para os Estados Unidos onde se radica e se torna em 1944 seu cidadão.

Tal como aconteceu a Gropius, Kiesler, Brener, Neutra, Kahn e outros emigrados, também Mies van der Rohe encontra nos E. U. A. o ambiente favorável, estimulante e inteligente que favorece o seu reconhecimento internacional. Enquanto que a sua obra europeia é pouco conhecida, embora contenha o essencial «revolucionário», é em contrapartida a obra «americana» que o faz subir á galeria dos notáveis.

Do período europeu: monumento a Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht (1926), Casa Wolf, Guben (1926), Pavilhão da Alemanha na Exposição de Barcelona (1929), Casa Tugendhat, Brno (1930). Do período americano: os já citados.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDA A:	DESTINOS
«MOÇAMBIQUE» CRUZEIRO AO MEDITERRÂNEO	de 25 Outubro a 1 Novembro	Barcelona, Palma de Maiorca, Gibraltar, Lisboa. Preços especiais a partir de Esc. 1.900$00.
«MOÇÂMEDES»	22 Agosto	Leixões Luanda e Lobito.
«MOÇAMBIQUE» *	31 Agosto	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia
«ROVUMA»	5 Setembro	Leixões, Príncipe, S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçâmedes e, se necessário, Porto Alexandre, Cuio e Dande.
«NACALA» *	7 Setembro	Directo a: Luanda, Lourenço Marques, Beira e Nacala.
«P. PERFEITO»	9 Setembro	Funchal, Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
«NAVIO A DESIGNAR» *	18 Setembro	S. Tomé, Luanda, Lobito e Moçâmedes.

* — Com escala prévia por Leixões.

LISBOA: Rua do Comércio, 85 Tel.: 323021
Reserva de passagens: 34764 - 369172

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 63 — Tel. 22436

Dai ao Ulster o que é do Ulster

(Continuação da pág. 1)

O sistema eleitoral no Ulster permitia até há pouco tempo à maioria protestante garantir, mesmo nos locais onde há mais católicos, uma supremacia numérica dos seus representantes. Londonderry é disso um exemplo flagrante. Sendo uma cidade de maioria católica tem, na Câmara Municipal, mais representantes protestantes que da maioria. O último acto importante do antigo primeiro-ministro O'Neil foi exactamente o de fazer votar pelos representantes no Stormont (Parlamento) o princípio de «um homem um voto». James Chichester-Clark apressou-se na altura a demitir-se do Governo, manifestando a sua discordância em relação a essa medida «subversiva».

Uma figura interessante no xadrez do Ulster é o pastor protestante Ian Paisley. Este reverendo, «leader» da facção mais dura dos Orangistas — os partidários da eterna união com a Grã-Bretanha — é, muito provàvelmente, um dos principais responsáveis pelo histerismo que, de tempos a tempos, se apodera de uma parte dos protestantes das cidades dos seis condados irlandeses que compõem o Ulster. Recentemente, quando das cerimónias religiosas que antecederam o enterro de um protestante morto durante as desordens, Paisley afirmou que os protestantes se encontravam aterrorizados pelas atrocidades dos católicos. Se o reverendo tinha razão, teremos de nos interrogar acerca de como estarão os católicos. Porque, enquanto só morreu aquele protestante, os católicos tiveram cinco vítimas.

Entretanto, o Governo do Ulster e o do Reino Unido já reconheceram que a Polícia irlandesa e os seus voluntários ao melhor estilo S.S. não conseguem manter a ordem. Assim, a limitada soberania do Ulster vai desaparecer por completo. Os ingleses vão manter a santa ordem do reverendo Paisley. Porque a ordem e o respeito pelo Senhor são coisas muito necessárias. No fim do século passado dizia-se aos irlandeses revoltados que Deus tinha mandado dar a César o que é de César. Mas conta-nos Eça de Queiroz que um chefe irlandês respondia em 1880:

«Dizem-nos a cada momento: sede justos, pagai ao lorde, pagai ao senhorio! E citam-nos a palavra divina daquele que disse: DAI A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR! Houve só um homem, Brutus, que deu a César o que a César era devido: um punhal através do coração!»

O CASAMENTO E A CONCORDATA

Separação total dos actos religioso e civil

—pede-se num documento enviado ao Papa em 1966

Causou o maior interesse entre os nossos leitores a mesa-redonda que, em três números deste suplemento, dedicámos aos problemas levantados pelos termos da actual Concordata. A questão do casamento canónico e da impossibilidade do divórcio (abordada nas duas últimas partes publicadas) suscitou, como é natural, particular atenção, pelas implicações que tem com um numeroso contingente de portugueses.

A propósito deste assunto recebemos do nosso leitor António João de Carvalho Pombinho uma carta na qual se debruça sobre alguns aspectos mais salientes do problema. Depois de manifestar o seu desagrado pelo facto de não ter participado nos debates «qualquer cidadão na situação de, pelo menos, de facto separado de pessoa e bens, à face da Lei Civil» (na realidade estava presente uma pessoa nestas circunstâncias), o nosso correspondente informa-nos de que fez parte, «com o eng.º Armando Albino de Oliveira Soares», de uma campanha, iniciada em Abril de 1965, na qual se pretendeu e pretende chamar a atenção das entidades competentes para se conseguir pôr fim aos problemas provenientes da actual concordata.

«Somos muitos — afirma — e de tal forma que em pequenos anúncios publicados na Imprensa diária obtivemos, em pouco tempo, perto de 5000 respostas, algumas delas apelos dramáticos, muitos do Ultramar».

Juntamente, envia-nos o sr. Carvalho Pombinho cópia de uma carta enviada ao Papa Paulo VI e a outras altas entidades portuguesas, acerca da momentosa questão. Apesar de o documento não ser recente, julgamos ainda oportuna a sua publicação.

«UMA LEI QUE NÃO CUMPRIU A SUA MISSÃO»

É o seguinte o teor da carta:

«A Sua Santidade Paulo VI, Sumo Pontífice.

É dever do legislador, após determinado tempo de uma lei entrar em vigor, verificar as vantagens e as desvantagens, os prós e os contras dessa mesma lei, para que a mesma seja revista e modificada nos pontos que podem trazer prejuízo social e nacional.

Com base no art. 5.º e no n.º 18 do art. 8.º da Constituição Política da República Portuguesa, apresenta-se a seguinte exposição, na qual se pretende patentear os malefícios ocasionados pela lei chamada «da Concordata», que, após 26 anos de prática, deu tempo suficiente para se apreciarem os seus resultados.

Se pesarmos os pontos diametralmente opostos, verificamos que, embora, talvez, a ideia que presidiu à sua elaboração houvesse sido boa, os anos que passaram demonstraram que tal não aconteceu, por não ter trazido benefícios, mas sòmente levantar problemas e dificuldades, tal como as ideias de Platão, que, quando aplicadas na prática, constituíram um autêntico malogro.

Se houve em vista obter uma maior solidez no casamento e obstar à sua dissolução fácil, ela não cumpriu a sua missão, por uma lei não poder modificar as tendências naturais dos indivíduos, a sua maneira de ser, e não poder, taxativamente, evitar situações que se criam todos os dias. Sob este ponto de vista, julga-se que o número de separações, quer através dos tribunais, quer por comum acordo — ou não — dos esposos, fora dos ditos tribunais, não decresceu de modo sensível ou espectacular, a justificar a persistência do disposto nessa lei.

Mas, pelo contrário, se entrarmos no campo dos prejuízos verificamos que eles são inúmeros, não só atentórios dos direitos do indivíduo isolado ou em sociedade, mas também prejudiciais à Nação e à própria Igreja Católica, a colocar, em primeiro lugar, grande número de cidadãos fora do citado art. 5.º da Constituição acima referida, por deixar de haver, para eles, igualdade perante as leis, como se passa a demonstrar:

1.º — Os casados apenas civilmente gozam da regalia do divórcio, interdita aos casados canònicamente.

2.º — Os benefícios concedidos pelo Imposto Complementar não são extensivos aqueles que, forçadamente, constituíram família ilegal, como se os encargos monetários não fossem os mesmos.

3.º — O direito à concessão de casas económicas não existe, igualmente, para os que se encontram na situação apontada.

4.º — Em certas Caixas de Previdência, nomeadamente na dos médicos portugueses, é obrigatório o pagamento para o subsídio de morte, mesmo para os que, de antemão, pela dita situação, sabem que ninguém o receberá, e, em caso de nega, é ele descontado, coercivamente, no vencimento das funções que o hipotético beneficiário desempenha.

Não se pense que são estes os prejuízos mínimos, por os até agora apontados corresponderem apenas a factores predominantemente económicos, visto haver ainda, principalmente, os de ordem moral e os de ordem nacional.

Vejamos. Casos de angústia, de depressão moral e de psiconeurose, que podem levar ao suicídio os indivíduos fracos de espírito, incapazes de reagir perante determinadas situações, e até ao desejo que cada um dos cônjuges tem, de que o outro morra, por só assim poder ficar liberto da pesada amarra; questões familiares, levantadas por parentes ainda agarrados a anacrónicas convenções sociais, difíceis de vencer, porque embora a sociedade, hoje, por força das circunstâncias, se veja forçada a admitir as situações ilegais, não deixam, no entanto, de ser ilegais, etc.

O PROBLEMA DAS CRIANÇAS

O mais grave, assim nos parece, é o reflexo na educação intelectual da criança, filha de pais acorrentados à «Concordata», a criar-lhe complexos de inferioridade perante os seus colegas de escola ou de liceu e, com o desenvolvimento da razão, a manifestar-se-lhe um ódio à Igreja Católica e à própria pátria, que o prescreveu, patenteado na fuga clandestina para o estrangeiro, quando próxima a idade militar.

Na persistência da dita lei, ao fim de muitos anos, os milhares de indivíduos — que nessa altura alcançarão ou ultrapassarão o milhão — forçados a permanecer numa situação que não criaram, nem para a qual contribuíram, mas que lhes foi imposta, constituirão uma enorme força antinacionalista, alheia ou até inimiga dos interesses da pátria, nos quais não comungaram.

Ficaram apontados dois grandes perigos, que devem ser bem ponderados: o ódio — mais do que indiferença — ao catolicismo e a desnacionalização moral de grande número de indivíduos.

Se bem que não seja fácil obter o número exacto de casais que vivem em mancebia forçada, já o mesmo não acontece com o número de perfilhações secretas, para o que bastaria pedir, no fim de cada ano, para cada Conservatória do Registo Civil, a nota dos registos efectuados nessas condições; no entanto, ele não figura nos mapas estatísticos.

Ao mergulharmos na nossa história, mesmo sem a profundar, por não haver em vista um trabalho histórico, encontramos casos de filhos ilegítimos e naturais, posteriormente legitimados ou a usaraem o patronímico e o apelido paternos, o que hoje, apesar da evolução da sociedade, se torna impossível. Citem-se alguns, ao acaso: D. Afonso, filho natural de D. João I, o 8.º conde de Barcelos e o 1.º duque de Bragança, foi legitimado por carta de 8 de Novembro de 1401; os filhos de D. Álvaro Pereira, que fizera voto de castidade, entre eles o valoroso Condestável D. Nuno Álvares Pereira, tinham direito ao apelido e patronímico paternos; os «meninos de Palhavã», filhos naturais de D. João V, considerado «Fidelíssimo» pelo Papa, foram reconhecidos por seu pai, em documento público exarado nas Caldas da Rainha, em 6 de Agosto de 1742, reconhecimento comprovado por D. José I, deles irmão, que lhes concedeu as honrarias a que tinham direito. Convém acentuar que, nestas épocas, o único casamento era o católico e os filhos nascidos eram resultantes de adultério, crime mais grave do que ter filhos quando separado oficial-

(Continua na pág. 10)

Turismo

No segundo ano consecutivo, o turismo internacional no seu conjunto evoluiu menos favorávelmente nos países europeus membros da O.C.D.E. do que nos outros países membros.

O total das receitas turísticas em divisas dos países membros da O.C.D.E. elevou-se a 10,9 milhares de milhões de dólares em 1968 contra 10,8 em 1967; o total das receitas dos países membros europeus foi de 8,1 milhares de milhões de dólares contra 7,9 em 1967. O total das entradas de turistas registadas nos países membros em 1968 foi da ordem dos 114 milhões contra 113 milhões em 1967; nos países membros europeus e na Jugoslávia foi da ordem dos 88 milhões contra 86,5 em 1967. Para todos estes números o aumento em 1968 foi da ordem de 1 - 3 % enquanto que em 1967 tinha sido da ordem dos 3 - 7 % e em 1966 dos 9 - 12 %.

Em 1967 a pausa sofrida pelo turismo internacional na maior parte dos países membros europeus devia-se, principalmente, á diminuição da actividade económica nos países membros, principalmente na Alemanha, Inglaterra e França, países que fornecem importantes contingentes de turistas aos outros países membros e, também, dentro de certa medida, ás restrições monetárias ao turismo impostas na Inglaterra a partir de Julho de 1966.

Os acontecimentos sociais de Maio e Junho de 1968, em França, tiveram, por sua vez, repercussões desfavoráveis sobre o turismo estrangeiro que, além disso, foi travado pelas restrições á saída de divisas pelos turistas, impostas desde fins de Maio a princípios de Setembro e depois de Novembro de 1968.

O turismo internacional tem vindo a tornar-se uma indústria de exportação que desempenha um papel particularmente importante na economia de alguns países europeus. É assim que as receitas turísticas em divisas representavam, em 1967, mais de 6 % do produto nacional bruto na Irlanda, cerca de 6 % na Áustria e em Portugal, mais de 4 % na Espanha e cerca de 4 % na Suíça.

tem a palavra o leitor

A revisão é urgente

Venho dar o meu inteiro apoio à iniciativa tomada pelo vosso jornal de debater o problema da Concordata

Torna-se muito importante frisar, como o fez o Padre Luís Moita e o dr. Sousa Tavares, que a Igreja, ao assinar a Concordata, não tomou em consideração a possibilidade de um dos cônjuges, católico na altura do casamento, vir a deixar de o ser um dia mais tarde. Eu vou mais longe, e afirmo que a Concordata está teològicamente errada neste ponto, pois a Igreja Católica declara que Deus cria o homem livre, livre de optar pela fé ou de a deixar, em qualquer altura da sua vida

E vejamos o seguinte caso, que é tão corrente no nosso País: um homem ou uma mulher não praticante ou não católico, casa com uma católica ou católico praticante, que, como praticante, exige que o casamento se celebre na Igreja. Mais tarde o casal separa-se. O cônjuge católico praticante sabe que para permanecer na Igreja, não mais poderá casar. Mas o artigo XXIV da Concordata de 1940 torna-se injusto e abusivo para o cônjuge não praticante ou não católico, pois impede-o civilmente de se voltar a casar. A Igreja não tem o direito de impor os seus princípios ao cônjuge não católico, visto este não pertencer à Igreja.

Nesta era pós-conciliar é triste verificar que a Igreja se liga a leis civis que obrigam os cidadãos de um país, mesmo aqueles que não fazem parte dessa mesma Igreja, a seguir os seus princípios, em vez de pedir aos seus fiéis que os sigam livremente, como é da essência da sua doutrina.

Termino, dizendo: é urgentíssimo rever a Concordata

Ana Lowndes Marques

*

Lei injusta

Ao ler no «Diário de Lisboa» o comentário de um leitor à Mesa-redonda «Casamento e Concordata», não pude deixar de juntar aos daquele senhor os meus aplausos de apoio e reconhecimento. Principalmente quero manifestar a minha satisfação por uma presença feminina, a presença digna de Glória Marreiros.

Espero também, ansiosamente, o alargamento daquele debate e que dele resulte o fim de uma situação que obriga centenas de portugueses à rectificação de um erro com outro erro, a enfrentar — e de que coragem precisam! — a ilegalidade, com todas as suas dramáticas consequências, num País onde uma lei injusta encoraja sentimentos medievais.

Reafirmo os meus agradecimentos.

Maria Rosa Gomes

A situação do teatro profissi

Participaram nesta mesa-redonda: Carlos Porto, Costa Ferreira, José Viana, Mário Jacques, Varela Silva, Vasco Morgado e Joaquim Benite (moderador)

MODERADOR — Os problemas do teatro português actual, da sua função, da sua estrutura e das suas relações com a realidade portuguesa não cabem, certamente, no espaço de um jornal. Tal limitação não deve, contudo, impedir-nos de nos debruçarmos sobre a situação teatral, quanto mais não seja com o objectivo de estimular um debate que reconhecemos urgente e no qual devem participar todos os que estão interessados numa verdadeira modificação do teatro português no sentido da autenticidade e da força que lhe têm faltado. Peço ao dr. Costa Ferreira, que aqui representa os autores teatrais portugueses, mas que é também actor e encenador, que inicie esta mesa-redonda, fazendo uma súmula dos principais problemas que envolvem o teatro em Portugal.

COSTA FERREIRA — Os problemas do teatro português são normalmente mal colocados, porque o são isoladamente do contexto social e histórico em que se realiza o fenómeno teatral. Desde que separemos o teatro da vida, nunca mais nos entendemos. Os empresários dão então as suas razões, os autores dão as suas razões, os actores também, mas não se resolve nada. Será preciso compreender os motivos por que o teatro está na situação em que se encontra e, para isso, fazer autocrítica: reconhecer os nossos próprios erros, que é a maneira mais certa de defender os nossos direitos.

Suponho que a situação do teatro português englobada na situação geral do teatro europeu tem problemas específicos que não podemos comparar com os de nenhum outro país, pelo menos dos que eu conheêm de trás. Não é preciso remontar a Gil Vicente nem sequer ao século XVIII, mas precisamos de falar um bocadinho no século XIX. Com o progresso liberal que no século passado se verificou houve um surto importante do teatro português, que foi o teatro romântico. Lisboa, nesse tempo, comparativamente com outras capitais da Europa tinha um teatro europeu normal. Esse teatro foi servido por grandes autores e grandes actores. se esses autores e esses actores tiveram êxito é porque estavam certos na sua época. O que me parece é terem ficado esses espectros como coisas sagradas que não se podiam mover. Depois do romantismo há um movimento ainda sério para um teatro naturalista — e depois, parou-se. Isto não quer dizer que não se tenham aperfeiçoado as técnicas. Não quer dizer que não tenha havido grandes artistas a trabalharem muito bem nesse género de teatro. Não se trata aqui de apreciar os valores pessoais. Trata-se de reconhecer que se ignorou completamente a evolução do teatro em todo o mundo a partir desses dados naturalistas. O próprio realismo interior que veio fazer frente, na evolução do teatro, a essa sensação de verdade escaldante que o cinema deu ao espectador não foi observada em Portugal. Eu lembro-me ainda dos meus tempos de liceu e da Univ. Esses problemas já versidade, de ser um bicho raro dentro da minha geração porque eu ia ao teatro, ver aquelas chatices, que eram umas coisas muito falsas, passadas numas salas pelas quais os rapazes não tinham nenhuma simpatia. Basta dizer isto: Tchekov, que é o mestre do teatro moderno, o homem que dá na realidade essa verdade interior do realismo, começa a aparecer em Portugal, e pela mão de amadores, de teatros experimentais, nos anos quarenta. É preciso ver que Pirandello ainda hoje é um autor difícil.

Costa Ferreira

De tudo isto resultou, evidentemente, que as camadas novas se tenham divorciado do teatro. Ficaram apenas umas pessoas saudosistas que comparavam os artistas do seu tempo com os artistas que tinham ouvido dizer que eram melhores. Quando esse público foi diminuindo naturalmente, até porque as pessoas iam morrendo, e os novos não os iam substituindo, criou-se, então, um pânico. E começa-se de repente a querer fazer teatro de vanguarda. Passa-se assim de um reportório normalmente baseado em Bernstein, em Jacques Duval, em coisas dessas, para autores de vanguarda que ainda estão em fase experimental em países muito mais desenvolvidos. Claro que é totalmente impossíve esperar-se que o público possa acompanhar uma coisa destas. Tanto mais que devemos ter em conta que não é o teatro que pode modificar toda a cultura de um povo. O teatro tem de ser integrado em coordenadas gerais e todos nós sabemos que o povo português é, dos povos europeus, dos de mais baixo nível cultural. Mesmo dentro dos vinte anos em que sou actor, sente-se a decadência do público normal, do público burguês, pela dificuldade que tem em seguir um espectáculo. Eu sinto sso nas cadeiras dos cinemas, quando vou ver filmes sérios. A ponto de ir muitas vezes ao cinema à sessão das seis e meia, para não ouvir comentários que me incomodam. Ainda há poucos dias descia a Avenida e vi uma família que a descia, vinda do Teatro Variedades. E ouvi o pai dizer para a filha: «Não digas uma coisa dessas, o Henrique Santana é muito homem. Ele estava a fazer aquilo para brincar com a gente.»

Ora com este espírito parece-me muito difícil que o teatro possa vencer esta crise, contando apenas com empresas particulares. Não se pode pedir a empresas industriais, em regime capitalista, que percam dinheiro: não é essa a sua função. É certo que, de há uns anos para cá o Estado resolveu intervir dando subsídios. Não quero discutir se esses subsídios podiam ter sido melhor aproveitados. O que digo é que eles são insuficientes. Os subsídios não podem ser dados para suprir a falta de público. As companhias melhores subsidiadas que eu conheço na Europa têm as suas casas normalmente esgotadas. O subsídio não serve para substituir o público. Os espectáculos da Comedie Française, do T. N. P., do Odeon Theatre de France, do Old Vic, da Royal Shakespeare Company, não podem ser cobertos pela bilheteira, porque se trata de companhias que oscilam entre setenta e oitenta actores, que põem de pé, normalmente, dez peças com grandes vantagens. Por consequência, se o subsídio surge diante do público como uma esmola para permitir viver uma classe de párias, é vexatório, é antinacional, é prejudicial. O subsídio deve servir para prestigiar o teatro, para que os espectáculos dados sejam, realmente, de natureza cultural.

Dir-se-á: neste momento em que nós deixamos passar o autêntico realismo sem o tornarmos habitual ao nosso público, em que nos vemos impossibilitados de representar o teatro alemão de pós-guerra (só vivemos desta evolução um pouco do teatro francês do pós-guerra, que foi trazido a Portugal por Francisco Ribeiro), quando deixamos passar também o teatro que está na linha oposta do teatro didáctico, todo o que vem do psicologismo ao teatro da crueldade, como poderemos fazer o teatro de superação das duas tendências opostas, que se experimenta na Europa se não fizermos nem um nem outro?

Quase tudo o que os actores portugueses fazem é por autodidactismo: não temos uma escola de arte de representar digna desse nome. Uma escola que ignorou Stanislawsky e tudo o que se passou depois não pode ser hoje uma escola válida. Temos de pensar que nessa escola são admitidas pessoas com o exame da instrução primária e que hoje o ensino de teatro em todo o mundo tem nível universitário. Podemos pensar até, na prática, que é absolutamente absurdo que uma pessoa com a instrução primária receba lições de estética, ou de história de literatura. Por consequência, tudo aquilo que os actores portugueses fazem, sem nenhuma preparação, representa, humanamente, um grande esforço. Com isto não quero de forma nenhuma limitar os direitos de uma crítica a ser severa Quero apenas defender a grande maioria dos actores, que quase adivinha o que tem de fazer, quando se sai, evidentemente do teatro de nível de «boulevard», que recebem também por tradição.

Creio, pois, que para se defender o teatro português há necessidade de se começar por uma reforma escolar, que creio que foi estudada várias vezes mas nunca aplicada; reunir os actores válidos que nós temos (e temos dezenas) que queiram, com dedicação e com uma coisa que alguns gostam de chamar humildade mas que eu prefiro designar por dignidade profissional, trabalhar, estudar, aprender. Isso só se pode fazer, como aliás já foi exposto num abaixo-assinado com largas dezenas de profissionais ao senhor Presidente do Conselho, criando, portanto, uma grande companhia nacional de teatro ou um serviço nacional de teatro, que pela sua orgânica abrangeria o País todo, em que o Estado teria de investir largos capitais e que funcionaria com a gestão directa do Estado e artística de artistas nomeados. Há, evidentemente, como condição fundamental para que o teatro progrida, é necessário liberdade para ir ao encontro dos problemas e dos anseios do público e provocar a atenção, com o escândalo que está na base do espectáculo teatral. Sendo assim, esse teatro a que eu não quero chamar popular, mas teatro de puro divertimento, que serve não o povo, mas as classes bem instaladas na vida, que procuram um serão em que substituam a canasta ou o «bridge», esse teatro pode existir, desde que o público o possa procurar livremente.

Há uma ressalva que quero fazer: noto com bastante tristeza que na minha terra se chama teatro intelectual ao teatro dos autores que são representados nos restantes países da Europa para operários e estudantes E por consequência, como português e como actor, ofende-me que se diga uma coisa dessas. Não se trata de teatro intelectual, trata-se de teatro honesto e para bem do povo, teatro para esclarecimento

MODERADOR — O dr. Costa Ferreira colocou alguns problemas que afectam o teatro português. Quer o Carlos Porto iniciar a análise dos aspectos focados pela exposição do dr. Costa Ferreira?

CARLOS PORTO — Estou aqui numa posição de certo modo ambígua; sou crítico amador, faço crítica nas horas vagas; vou falar sobre teatro profissional. Há aqui uma contradição que eu não posso resolver. Quero apenas que aceitem a minha posição, colocado o problema neste campo.

Em relação à intervenção do Costa Ferreira, que me pareceu pertinente, queria para já falar de um ponto: o que se refere ao subsídio. Na minha opinião, o actor profissional não deve sentir-se humilhado por receber subsídio, por esta razão: em Portugal, estamos todos de acordo nisto, não há um público de teatro; é preciso criar esse público. A criação desse público tem de nascer a partir de um teatro que o interesse. Estamos, portanto, num círculo vicioso: para o romper, o actor e o artista de teatro em geral, deve aceitar o subsídio como a participação do Estado, ou portanto, a nossa participação, para a criação desse público, ou do teatro, que não existe sem ele. Neste momento era só o que eu queria dizer.

Carlos Porto

COSTA FERREIRA — O que eu quis dizer é que o subsídio é humilhante na medida em que é insuficiente em que não permite à companhia a elevação do nível cultural do espectáculo Portanto, o que eu queria dizer é que acho que os subsídios deviam ser muito maiores.

JOSÉ VIANA — Tenho uma opinião diferente. Para mim o subsídio é um erro: não nos devemos esquecer de que apesar de profissionais somos artistas e, portanto, nós temos de ser capazes, através dos nossos próprios meios, de interessar o público. Um público que não seja o público burguês, mas principalmente um público popular. E esse já sabemos que tem escassos meios para poder assistir aos nossos espectáculos. Quando o Costa Ferreira fez alusão ao teatro do século XIX referiu-se naturalmente a um período do teatro burguês, porque o povo continuava alheio ao teatro e a todos os movimentos teatrais da época. O afastamento é ainda maior hoje, porque o poder de compra do nosso público com o tempo diminuiu. E assim, meia dúzia de actores com talento e meia dúzia de autores interessados poderiam talvez procurar bases de um novo teatro se lhes fosse permitido começar esse trabalho. É que os condicionalismos que rodeiam o teatro são de tal ordem que não é possível aos actores e aos autores ver surgir nas tábuas de um palco aquilo que têm para dizer.

José Viana

Este é, pois, o principal problema. Por mim sou contra os subsídios na medida em que penso não resolverem eles a situação. É claro que estou de acordo em que o Estado deva subsidiar companhias com um programa teatral sério, sem possibilidades financeiras de o executarem. Mas não aceito já que os subsídios sejam dados a empresas particulares.

COSTA FERREIRA — De acordo em que o teatro de puro divertimento deva viver exclusivamente do público. Simplesmente, quando eu falava de subsídios, referia-me ao teatro didáctico, ao teatro cultural que, mesmo nos países onde o público vai ao teatro, são indispensáveis para a mon-

...onal

tagem de espectáculos muitas vezes dispendiosos. Estou de acordo em que o teatro deve viver dos seus próprios meios, excepto quando desempenha uma função cultural e educativa

JOSÉ VIANA — Então estamos de acordo

MODERADOR — Parece-me que não podemos abandonar a questão deste ponto, «subsídios», sem ouvir a opinião de duas pessoas que estão presentes: Varela Silva, que trabalha numa companhia subsidiada pelo Estado e Vasco Morgado, que é empresário de teatro.

VASCO MORGADO — Acho que estas reuniões são muito interessantes e que deviam continuar a tê-las as pessoas que são responsáveis pelo teatro em Portugal.

Quanto aos subsídios, eu acho que eles são necessários ao teatro. Será bem empregue esse dinheiro? Julgo que as provas dadas não têm sido boas e eu também sou culpado de algumas dessas más provas. No entanto, há um dinheiro que tem sido muito bem empregado pelo Estado: o que tem sido concedido ao teatro amador, especialmente ao que se apresenta na província. Como empresário mando muitas vezes companhias à província. E posso dizer que nalgumas terras consigo já dar quatro espectáculos. Isto só é possível porque, na realidade, o interesse do público aumentou nessas terras. E o teatro amador representa um papel importante nesse aumento.

O teatro é um espectáculo vivo, é caro. O nosso poder de compra é pequeno; portanto, os subsídios deviam ser não importâncias comedidas às empresas mas, por exemplo, possibilidade de redução dos preços dos bilhetes. Chegaram a tentar proibir-me, numa reunião do Grémio, que eu fizesse reduções de 50 por cento nos preços dos bilhetes, há campanhas na Rádio e nos jornais por eu distribuir bilhetes como costumo distribuir, mas a verdade é que me prezo de ter tido espectáculos que têm estado em cena seis meses. São espectáculos populares, mas dignos. Uma realização minha teve uma assistência total de 600 000 pessoas. Quando fui empresário no Brasil, durante três anos, tinha dificuldade em que os brasileiros acreditassem nas verbas que se fazem no teatro português: achavam impossível. Já um espectáculo com 70 000 pessoas é muito importante, mesmo nas principais cidades.

VARELA SILVA — Eu não estou aqui senão como actor. A circunstância de estar a trabalhar numa empresa subsidiada, a empresa do Teatro Nacional, não adianta nada à minha situação nesta mesa-redonda. É bom que se esclareça porque me parece indispensável.

Em linhas gerais, aquilo que o Costa Ferreira disse, é o que nós pessoas de teatro dizemos. Também me parece muito interessante o que disse Vasco Morgado acerca da necessidade de mesas-redondas como esta, fruto da brilhante ideia deste nosso jornal. Claro que devíamos ter mesas-redondas. Mas para isso precisávamos de um local. E acontece que não

Varela Silva

temos. E acontece que penso que o devíamos ter, que esta simples existência de um sítio para discutir e estudar resolveria alguns dos nossos problemas. Precisávamos de um Sindicato funcional. Não sei como é o que temos presentemente, porque eu e a maior parte dos meus colegas desconhecêmo-lo. Pagamos as nossas quotas, evidentemente, mas a nossa participação na vida sindical resume-se a isso.

Em relação à questão debatida entre o Costa Ferreira e o José Viana: parece-me que são precisos muitos tipos de subsídios. Aqui há uns anos, um autor que todos admirámos muito, interrogado sobre se o teatro poderia resolver os seus problemas através dos subsídios, respondeu que não, que só com outra espécie de subsídios: «Queria janelas abertas» — disse ele.

Esta imagem traduz o que eu penso sobre o assunto. Não é só o subsídio económico que faz falta: o teatro precisa de apoios vários. Um bom conservatório, uma boa escola de actores, será um bom subsídio para o teatro; a possibilidade de acesso a um bom reportório seria outro grande subsídio.

VASCO MORGADO — Se me dão licença, só um esclarecimento: está nos planos do Governo, através do Ministério das Corporações, a ideia da construção de um Palácio do Espectáculo, para cuja concretização o Ministério encarregou já o Grémio de procurar um terreno. Neste palácio se concentrariam instalações dignas para o Grémio dos Espectáculos e para o Sindicato dos Actores, um teatro, um cinema, e tudo, enfim, que esteja ligado com o sector do espectáculo. Simplesmente, ainda não foi possível encontrar um terreno. Pensou-se no Teatro Avenida, mas a ideia não pôde concretizar-se. Estou para falar com o sr. ministro e com o sr. presidente da Câmara, a ver se conseguimos, com a sua intervenção, resolver este assunto.

COSTA FERREIRA — Fico muito satisfeito por saber que se pretende construir esse palácio de espectáculos. Mas isso não impede que se preparem as condições para que nesse palácio se dêem espectáculos dignos. Eu acho bem que haja casas de teatro, mas é preciso fundamentalmente, porém, criar-se uma estrutura que permita a sua utilização. Repito: é preciso um conservatório, reportórios actuais, companhias bem organizadas e liberdade para os escritores portugueses tratarem de temas portugueses.

JOSÉ VIANA — Exactamente. Era o que eu queria dizer. Não se trata de procurar que os actores andem contentes, com dinheiro na algibeira e as rendas de casa pagas. Trata-se de fazer teatro, mas teatro que dignifique público e actores. Nós podemos nadar todos em dinheiro, termos condecorações, sermos todos riquíssimos, trabalhar em teatros magníficentes — e continuar a não haver teatro!

MODERADOR — Creio que Mário Jacques também quer dizer alguma coisa acerca deste assunto.

MÁRIO JACQUES — Fui ultrapassado pelas últimas intervenções, que vieram ao encontro daquilo que eu queria dizer. De qualquer forma, gostava de falar muito simplesmente e muito linearmente. Evidentemente que o problema do teatro é muito complexo e não são três ou quatro páginas de um jornal diário que podem servir para nós resolvermos e debatermos com a suficiente largueza os problemas do teatro.

O que é que se passa com o teatro, aquilo que eu vejo que é o teatro? O teatro, para dar uma definição simples, é assim como uma espécie de sistema de recovagem. Há umas peças, há um indivíduo que pega nessas peças para as dar a outros. E esse indivíduo é o actor, o encenador, o empresário, que as dá a um público. Vou pegar nesse triunvirato pelo meio, até para justificar um bocadinho o actor, que nesta história está um pouco como o mexilhão... O que é que acontece? Quando um homem de teatro pega numa peça tem de a seleccionar de uma quantidade muito pequena, que constitui já uma primeira selecção da

Mário Jacques

censura. Essa peça destina-se a um público que, de uma forma geral, está adormecido, por razões de vária ordem, desde despolitização até ao índice cultural e económico que o afasta para aqueles divertimentos que sabe, pelo menos, não lhe criarem problemas. Vai ao futebol — e é perfeitamente legítimo que o faça. O Vasco Morgado falou, é certo, de êxitos de empresa, o que pode levar-nos a pensar que não existem problemas com o teatro. No entanto, parece que há

No caso fundamentalmente português, que é aquilo que nós estamos a discutir (exactamente por isso não me interessa muito o exemplo das companhias francesas ou inglesas; o problema é outro) há dois pontos fundamentais: a questão da censura, que não permite, de uma forma geral, um teatro que seja capaz de «acordar» o tal público adormecido; e a baixa formação cultural e baixo índice económico do público. Tudo o que dissermos para além disto, parece-me que é consequência destes dois dados fundamentais

Os subsídios não resolvem o problema, desde que o reportório do teatro não interesse a ninguém. Em qualquer situação social, parece-me a mim, haverá sempre um teatro que vive da bilheteira e outro teatro que, por estar mais avançado, por contar, portanto com um público mais pequeno (mas que é fundamental existir, para o desenvolvimento cultural das sociedades) terá necessidade de ser subsidiado.

COSTA FERREIRA — Ao referir-me aos teatros estrangeiros, que estão incluídos na nossa civilização, quer nós queiramos, quer não, pretendi chamar a atenção para uma coisa: mesmo esse teatro de progresso, esse teatro de avanço, tem que ter público: teatro é espectáculo. E nós não podemos fazer espectáculo sem espectadores. O nosso erro é pretendermos fazer um teatro de elites onde é preciso haver um teatro popular. Autores que nós cá chamamos intelectuais — como Sartre, como Camus, como Bertolt Brecht ou Durremnatt — são autores representados em teatros populares que esgotam.

Nós, como autores portugueses, temos obrigação de procurar e de encontrar (e aqui faço a minha autocrítica, porque não encontrei) o teatro popular português culto, evoluído, actual. Nesse aspecto, os autores portugueses, como os de toda a Europa, esbarram com outro problema e esse não é só nosso: com a tecnicização progressiva a que a nossa civilização tem sido levada, as pessoas apuram tanto as suas faculdades intelectuais num sector tão reduzido do saber humano que se desumanizam, quer dizer perdem a vista geral da sociedade. É preciso, pois, desenvolver no sentido da solidariedade humana, da alegria de viver concreta. Isso é que nos faz interessar pelos outros e, portanto, pelos problemas que se possam levantar no palco ou no livro.

Devo mesmo dizer que estou por princípio, em oposição aos prémios; são uma forma de competição e a competição é a forma mais escandalosa de alienação humana que eu conheço. Se o teatro tem de ser uma obra colectiva, tudo quanto seja fazer descriminações, parece-me que é antiteatral. Mas isso já é uma concepção que não é geral, evidentemente, mas que está pouco popularizada numa época de tanto desportivismo. Neste ponto eu não sou absoluto, até porque também eu já aceitei prémios.

Mas não me parece que seja esse o caminho. O caminho tem de ser de evolução cultural e de educação que só os dinheiros públicos podem satisfazer — mas mesmo aí procurando o público. Esses dinheiros afluiriam na medida em que o público afluísse.

Os subsídios podiam ter também a função de fomentar a apresentação do teatro português.

JOSÉ VIANA — Há pouco falei em prémios. Não os .preconizei, admiti-os. Porque de antemão eu sei que estilo de peças ganharia os prémios desde que se fizesse uma competição entre elas.

VASCO MORGADO — Temos falado aqui na censura. Não é que esteja aqui a defendê-la, mas devo esclarecer também este assunto: eu tenho várias peças aprovadas cuja representação esteve proibida. Tenho encontrado, depois dessas peças serem autorizadas, dificuldades em pôr essas pe-

(Cont. na pág. seguinte)

A situação do teatro profissional

(Cont. da pág. anterior)

ças novamente em cena. Há autores a quem já não interessa, por vezes, que essas peças sejam representadas. Não pensam, em parte, que nós devemos representar originais portugueses, até porque os originais estrangeiros comportam necessàriamente saída de divisas. Seria muito melhor que esse dinheiro que vai para o estrangeiro ficasse cá, para escritores que temos, válidos, escritores a quem eu tenho pedido algumas vezes: «Escreve uma peça. Escreve uma peça para a Laura. Olha que tu podes ganhar pelo menos quinhentos contos. Se escreveres um livro não tens essa sorte...» Respondem-me: «Oh, e tal, depois a Censura»... Às vezes também esta desculpa do papão da Censura é para mascarar o facto de serem um bocadinhos mandriões. Há uma série de peças libertadas e eu não tenho conseguido reunir actores á altura dos autores para levar á cena os respectivos espectáculos.

MODERADOR — Vasco Morgado: falou de um problema que me parece revestir-se de extrema importância Sabemos que a censura prévia é o principal condicionalismo que se põe, pelo menos superficialmente, ao teatro — e digo superficialmente porque ela própria, Censura, é já uma decorrência de uma mais profunda realidade sociopolítica que todos conhecemos. O Morgado disse que alguns originais portugueses tinham sido autorizados e que, não obstante, não podia levá-los á cena. Por um lado por não ter conseguido a anuência dos autores; por outro por não poder contar com a colaboração de alguns artistas. Peço-lhe que dê exemplos concretos, porque isso não pode deixar de interessar vivamente os dramaturgos portugueses

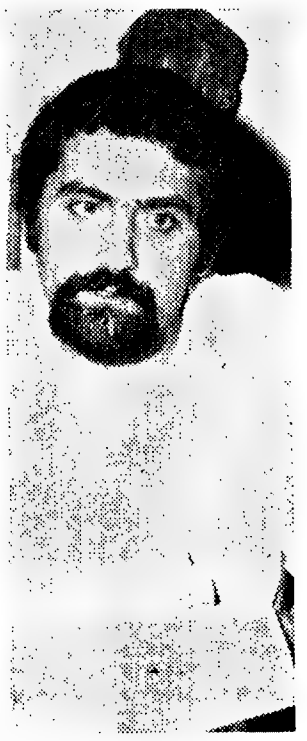
VASCO MORGADO — Um dos autores cuja peça esteve proibida e que foi autorizada recentemente, não a quis deixar representar porque talvez não estivesse de acordo com a encenação que a peça iria

Vasco Morgado

ter. Depois, não foi possível reunir a dignidade artística que o autor tinha idealizado para o espectáculo. Não é uma questão ideológica, ou de princípios: é uma questão artística. Mas já que nós tanto lutámos para que essas peças fossem autorizadas, acho que os autores deviam transigir um pouco com a qualidade artística da encenação, deixando representar essas peças .. Eu pedi a alguns autores que tentassem a autorização de algumas das suas obras. Uns concordaram; outros não, porque isso implica ainda a necessidade de arriscar algum dinheiro. Mas eu não me importo de insistir. Prefiro representar originais portugueses a estrangeiros. Centenas de contos vão para o estrangeiro devido á falta de autores portugueses. Muitas vezes dizem que eu transfiro dinheiro, que sou rico no estrangeiro. Não! Transferem esse dinheiro em meu nome, porque é dinheiro dos autores, vai para a América, Inglaterra, França, Itália Bem sei que muitas peças dessas beneficiam do êxito que já obtiveram noutros países (o caso da «Flor de Cacto», por exemplo). Um original português é uma melancia muito grande. No entanto, nós temos dramaturgos como o Alves Redol (de que agora vou levar a «Forja», no Laura Alves), temos um teatro de elite, como diz aqui o dr. Costa Ferreira...

COSTA FERREIRA — Perdão! Teatro popular culto e progressivo foi o que eu disse. Não de elites! As elites não têm nada que ver com o Teatro!

VASCO MORGADO — Esse teatro devia ir em salas pequenas. No Villaret, no Laura Alves, aí é que o Governo devia subsidiar companhias que se dedicassem a esse tipo de teatro.



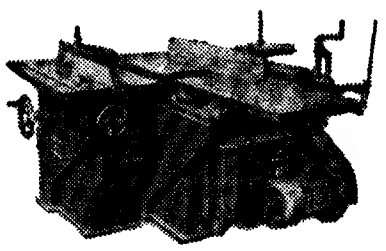
Joaquim Benite

MODERADOR — Vasco Morgado agradecia que nos indicasse quais os autores que, tendo tido peças proibidas, não permitem a sua representação, apesar de esta ser agora autorizada.

VASCO MORGADO — Bom, dos autores nessas condições posso anunciar já que o Redol autorizou que eu levasse a sua peça «A Forja». Que o Bernardo Santareno autorizou que eu apresentasse «O Pecado de João Agonia» e «O Duelo». Tive apenas problemas com outro autor, mas estou convencido de que esta época a peça em questão irá á cena.

MODERADOR — A razão por que lhe fiz a pergunta é que me pareceu — vejo que com motivo — que se estava a partir de um caso único para uma generalização que não creio corresponder á disposição em que se encontram os autores portugueses. Parece-me que a maioria dos autores portugueses estaria desejosa de ver as suas peças representadas. E parece-me também que esses autores estariam com certeza dispostos a transigir em relação à qualidade artística, a partir da altura em que as suas peças pudessem realizar o principal objectivo do escritor de teatro, que é comunicar com o público. Nesse caso de que fala as razões do autor não são de ordem ideológica — depreendo —, mas de ordem exclusivamente artística e não se pode, portanto, partir dele para uma generalização que é perigosa, porque podia vir a dar uma imagem incorrecta do que pensam os autores portugueses em relação a este problema.

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

* SERRAÇÃO
* CARPINTARIA
* MARCENARIA

MAQUINA UNIVERSAL
Mod. GDFT

Fábrica: — TROFA (Tel. 94123/4/5)

Filial em Lisboa:

Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

FRIGORÍFICOS
FIDES

· Interior em esmalte
· Congelador a toda a largura

FRIGORÍFICOS DE QUALIDADE EXTRA NAS MELHORES CONDIÇÕES DE AQUISIÇÃO EM:

ELECTRODOMÉSTICOS
LUSALVA

R. Andrade Corvo, 4-A · Tel. 58884

VISITE-NOS: FICARÁ CLIENTE E AMIGO.

Uma carta do prof. Pinto Barriga

O prof. A. Pinto Barriga manifesta o seu interesses pela «Mesa-Redonda» e pelas respostas dadas pelos drs. Melo e Castro e Mário Soares, no nosso último número, ao inquérito por nós lançado.

Aquele antigo deputado e procurador à Câmara Corporativa, catedrático do Instituto de Económicas e Financeiras, em carta que nos foi dirigida comenta as respostas em termos que nos apraz arquivar nas nossas colunas e comunicar a todos os nossos leitores:

«Como me é habitual, de velho leitor do vosso periódico, desdobrei o número de sexta-feira passada e imediatamente procurei com curiosidade a vossa anunciada «mesa-redonda»: ao que parece, na vossa Redacção, só há uma mesa com esse formato, e que já tinha ido parar à conversa coloquial do futebol, e a que deveria ser destinada à política ficou apenas como um confronto de monólogos díspares, paginando o da direita na esquerda e o da esquerda na direita. E assim li os inquéritos dos srs. drs. Melo e Castro e Mário Soares.

Quanto ao primeiro, esperava ver esboçada uma programação já bem estruturada para o período eleitoral, mas ficamos com a promessa dela estar a informar-se sobre uma sondagem, a decorrer, debruçada sobre diferentes sectores da opinião pública. E, como todas as indagações por amostragem, tudo fica realmente a depender da validade dos sectores escolhidos, e da qualidade e expressividade dos interrogatórios.

Quanto à convivência política, num meio agora inteiramente desabituado dela, há que provocá-la paciente e hábilmente, sobretudo na sociedade portuguesa constitucional e orgânicamente antipluralista; com um pluralismo muito de férias eleitorais e muito despartidarizado.

A programação da União Nacional está ainda por determinar (como já vimos); a da Oposição, representada por um dos seus conceituados dirigentes, foca apenas o problema da Liberdade.

Política e sociològicamente, a Liberdade não se pode contentar com esse singular: só interessa no seu plural — as liberdades, com o seu conteúdo e eficacidade de realização bem definidos. Falar só em Liberdade e não falar nas liberdades, é desviar-se duma solução eficiente do problema.

No mundo ocidental hodierno, há que pôr em equação política que liberdades devem ser concedidas e como devem ser gozadas.

Só cegos ou sectários podem pretender desconhecer que o capítulo das liberdades se modificou inteiramente. Uma análise atenta mostra que, por toda a parte, as liberdades têm sido ostensivamente maltratadas com uma técnica hábil de tosquinação, de «grignotage», ficando-lhes, por ventura, só o nome, mas quase vazio de conteúdo e eficiência.

Em Portugal o problema das liberdades, em 1969, não pode ser encarado segundo a óptica de 1910 ou 1926, tem de fixar-se na era que corre na vida política, centrado sobre uma democracia social em que se processa uma espécie de compensação reconfortante, pelo abandono ou esquecimento das velhas prerrogativas do individualismo clássico tocado pelo aumento do bem-estar.

A diferença entre os direitos novos e do antigo estilo marca-se, quanto àqueles, pelo acrescido direito de obter a melhoria de bem-estar.

Evidentemente que a Democracia está ligada, indissolùvelmente, à ideia da Liberdade, mas concretizável num pluralismo de liberdade exigíveis e não prerrogativas estéreis. A Liberdade não é uma faculdade pre-existente, mas resultante de uma conquista, duma liberação.

Era bem preciso que os futebolistas tivessem emprestado a mesa a esses seus dois inquiridos porque seria altamente interessante o diálogo entre dois homens públicos, do mais alto relevo intelectual e cultural, e muito útil à Nação e à paz política.

Todos os problemas de uma sociedade em mutação para uma sociedade aberta, de participação e de criação, ficaram alheios, inteiramente alheios, à programação desse confronto entre a União Nacional e a Oposição.

Com estima e admiração

ANTÓNIO P. BARRIGA

Nada precisávamos de acrescentar à carta do prof. Pinto Barriga. Queremos todavia dizer que os drs. Melo e Castro e Mário Soares respondiam a um inquérito preciso: qual o principal problema *da sociedade portuguesa?*

Nas tradições desta Casa, as páginas do «Diário de Lisboa», sempre abertas a todas as opiniões válidas e responsáveis, muito se honrarão de sentar à mesa-redonda que foi dos «futebolistas», aqueles dois homens públicos e outros que queiram participar no diálogo que ao País interessa.

Há outros problemas para ser debatidos, além do futebol. Este é um problema, mas só um. Outros como os da Concordata e Casamento já os expusemos. Mais outros continuaremos a expor nesta mesa-redonda. Da nossa parte, ela é inteiramente livre.

Vender «o quê»?

BANDEIRA DE LIMA

Na nossa «senda» dos automóveis tivemos recentemente de procurar um certo numero de aparelhos de medida que nos permitissem um ensaio rigoroso de certas condições de funcionamento de vários motores de automóvel diferentes em tipo e em construção. Tratava-se de determinar a variação de temperaturas de funcionamento de motores a gasolina sob certas condições especiais de carga, de regime e de velocidade do automóvel.

Aparentemente, nada mais fácil: ter os motores que nos interessavam á disposição, o que já estava resolvido, submetê-los ás tais condições de funcionamento, aliás perfeitamente definidas. e medir, nos diversos pontos a considerar, as respectivas temperaturas por meio de termómetros adequados. Estes formariam, no conjunto necessário para a experiência um pequeno banco de ensaio que teria de ser construido.

Duas diferenças muito grandes separam o aparelho de bordo do instrumento necessário a um enaio O aparelho de bordo pouco mais mostra, na rápida olhadela possivel em andamento, do que a posição do ponteiro, que é a «habitual» ou «outra» com que será preciso tomar cuidado.

Mas a um aparelho que se destina a um ensaio tem que ser possivel mais do que aquela simples indicação: da realidade dos valores que indica depende a verdade do ensaio — La Palisse diria o mesmo, apesar de completamente fora dos problemas dos automóveis — e, portanto, a unica solução é conseguir leituras correctas de valores verdadeiros medidos pelos aparelhos em causa—um (ou mais) termómetros no assunto de que vimos a falar.

A escolha dos vários termómetros necessários estava condicionada por três factores diferentes: a facilidade de uma adaptação correcta dos aparelhos aos diversos motores diferentes, o rigor das respectivas indicações e a manutenção deste rigor ao longo de todo o ensaio.

Para o automobilista comum não e importante, na generalidade, conhecer variações menores que cerca de 10°C.

Dentro de uma tal tolerancia, que *quase* qualquer aparelho é capaz de fornecer, as indicações servem perfeitamente o fim em vista. Mas para o ensaio que tinhamos em mente, metade daquele valor era já um erro apreciável.

Havia então que escolher tanto quanto possivel, instrumentos de escala tanto quanto possivel comprida, de divisões claras e relativamente próximas, e de rigor de indicações conhecido.

Depois disto tudo cremos não espantar já os

(Cont. na pág. seguinte)

Um novo modelo da British Leyland

A B. L. M. C. acaba de apresentar a ultima criação da linha das suas tracções dianteiras do motor atravessado, o Wolseley 18/45. No novo automóvel, que é o mais requintado dos modelos 1800 cc, a mecânica não sofreu alterações Mas o interior foi completamente revisto' quanto ao pormenor O Wolseley 1800 apresenta-se agora em cinco novas cores e equipado com bancos dianteiros e envolventes providos de encosto para os braços. Tablier revisto e equipado de interruptores de segurança, forros novos e esplêndidos tapetes constituem as principais inovações do novo modelo da British Leyland, que exteriormente se distingue do anterior pela designação Mk II na carroçaria.

EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS
Ducellier
para viaturas francesas
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-77
LISBOA

Escolheu BMW porque tem uma personalidade muito de acordo com a sua. É firme, rápido, seguro! Pronto no arranque, faz caminho com a segurança veloz que lhe exige a vida moderna. Atento à evolução dos detalhes importantes do actual conforto, o BMW alia a potência técnica às linhas da moderna elegância. Obediente à mão firme que o sabe conduzir, o seu BMW responde com rapidissimo arranque e segurança que o satisfazem. E depois, o motor BMW é fora-de-série e o chassis é um verdadeiro seguro de vida expresso em termos de engenharia.

a classe do seu carro é a sua classe

NO BMW TODOS OS DETALHES SÃO IMPORTANTES PARA QUEM SABE ESCOLHER

Pelo prazer de conduzir — B M W

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO: SOCIEDADE COMERCIAL E INDUSTRIAL DE AUTOMÓVEIS FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, S.A.R.L. AGENTES EM TODO O PAIS

BMW 1600 — Velocidade máxima de cruzeiro 160 Km/h.

O Contrato Individual de Trabalho

(Continuação da pág 3)
patronal *já vai fazendo* é outra coisa: «*se não queres aceitar, dou-te o aviso prévio, etc.*», ou, melhor ainda, paga os 600$00 e semanas mais tarde despede o trabalhador com o aviso prévio legal.

Outro exemplo: o patrão informa o trabalhador, que sempre trabalhou em certo local, de que «*a partir do mês que vem vais fazer a província*». O trabalhador diz que não, que não tem automóvel, que não está para modificar a sua vida, ao que o patrão responde: «*então não me convens. Tens aqui a indemnização legal, etc. etc.*».

Vejamos a lei: «Até prova em contrário, *presume-se abusivo* o despedimento *mesmo com pré-aviso*... quando levado a efeito até seis meses após qualquer dos factos mencionados nas alíneas *a*), *b*) e *d*)...» (art.º 32.º, n.º 2 do Decreto-Lei n.º 47 032). E o artigo 33.º declara que a indemnização a pagar ao trabalhador *pela entidade patronal que despede abusivamente* nunca será inferior ao dobro da normal (meio mês para cada ano completo de antiguidade até 15 anos, e um mês depois dos 15 anos).

A relutância dos nossos juízes do trabalho em aplicar estas disposições é tal, que, pura e simplesmente, não as aplicam! Porquê? Por várias razões, das quais a principal consiste em considerarem que o patrão (como nas hipóteses descritas) *ofereceu o aviso prévio ou a indemnização* no uso de direitos que a lei lhe confere, quais sejam os de despedir com aviso prévio ou sem aviso prévio, mas com indemnização, esquecendo que a lei presume abusivo o despedimento mesmo com pré-aviso até seis meses depois da recusa ou da invocação de direitos por parte do trabalhador; esquecendo que, em casos como estes, a sanção disciplinar volta-se (como o feitiço contra o feiticeiro), contra a entidade patronal em justa causa do trabalhador!

Na verdade, tudo se passa como se o trabalhador, antecipando-se à entidade patronal, pensasse assim: «*não posso ser transferido para a província porque isso causa-me um prejuízo sério; logo, se me dão ordem de transferência, essa ordem viola uma garantia minha; assim, vou despedir-me invocando como justa causa essa transferência ilegal*». Não se esqueça, também, que, quem se despede com justa causa, pode pedir uma indemnização susceptível de atingir o triplo da normal (meio mês ou um mês por cada ano completo de antiguidade).

DANO MORAL

Voltamos, pois às observações iniciais. O texto do Decreto-Lei n.º tido á apreciação da Câmara Corporativa, mantém, «ipsis verbis», a redacção anterior dos artigos 32.º, 33.º e 34.º, que se referem ao conceito de sanções abusivas e ás suas consequências quanto a indemnizações aos trabalhadores e multas. Por algumas razões, o legislador de 1969 achou que não era de alterar o texto de 1966. O argumento invocado para não se aplicar o artigo 32.º de que, neste caso, é necessário interpretar a lei no seu sentido restrito, não nos parece ter consistência, pois é o próprio artigo 32.º que, ao estabelecer uma presunção a favor do trabalhador, indica a necessidade de se considerar abusiva a sanção que se seguir à reclamação, recusa ou invocação legítima de direitos pelo trabalhador, até que a entidade patronal prove que a punição aplicada até seis meses depois, foi punição de outra falta diferente daqueles factos legítimos que o trabalhador praticou.

Em que ficamos, pois? Continuaremos a considerar legítima a conduta de quem pode pagar indemnizações, lesando moralmente aqueles a quem paga, ou vamos, pelo menos, tentar compensar o trabalhador com uma indemnização *nunca inferior ao dobro* do tal meio mês por cada ano, que lhe restitua o dano causado na sua personalidade pela força de um património? Porque, na realidade, é um dano moral na personalidade do trabalhador, que a lei pretende ressarcir no caso das sanções abusivas.

Vender «o quê»?

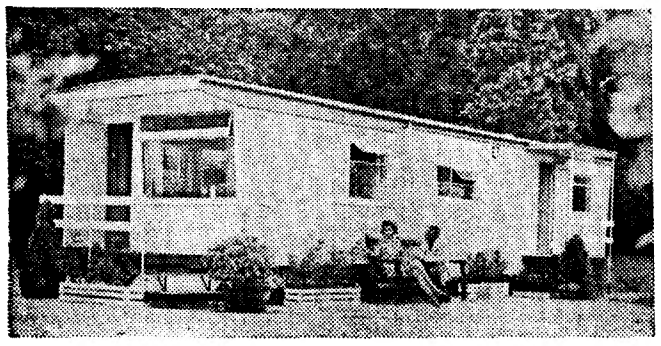
(Cont. da pág. anterior)
nossos leitores se dissermos que da dezena de casas que exaustivamente consultámos a respeito do assunto, nem uma fosse capaz de nos dizer alguma coisa a respeito do rigor de medições a esperar dos respectivos aparelhos. Nem uma só pessoa, em cada um dos dez balcões foi capaz de nos fornecer tais indicações.

Num caso ainda nos retorquiram timidamente «talvez» os «serviços técnicos» nos pudessem informar...

Só não entendemos como se pode «vender» seja o que for no fim de contas sem saber exactamente o quê.

Calços para travões
Discos para Embraiagem

CARAVANS INTERNATIONAL
O maior e mais experiente fabricante de caravanas do mundo
Bluebird
A MAIOR FÁBRICA DE CARAVANAS RESIDÊNCIAIS DA EUROPA



EM BREVE, SENSACIONAL EXPOSIÇÃO DE CARAVANAS RESIDÊNCIAIS.
A SOLUÇÃO PARA O PROBLEMA DA SUA CASA DE CAMPO OU PRAIA.

*

Modelos estáticos:
CONQUEROR•CONSUL•CALYPSO
CONTESSA•ENVOY 10•ENVOY 12
VULCAN•VANGUARD•GUARDIAN
SUPERHOME•VALIANT•SWISS COTTAGE

Modelo rebocável:
EUROPEAN

FACILIDADES ESPECIAIS DE PAGAMENTO
PARA MAIS INFORMAÇOES CONSULTE:
Marcampo - Artigos de Campismo, Lda.
Av. Almirante Gago Coutinho, 56 - D - LISBOA
- IMPORTADOR EXCLUSIVO -

Documento enviado ao Papa acerca do matrimónio

(Continuação da pág 5)
mente do cônjuge legítimo.

Acresce que, pela lei de abono de família, o que nela está nitidamente expresso, os filhos registados secretamente não têm direito a abono, a qual deixa, no entanto, uma possibilidade, quando diz que os tutelados podem recebê-lo, pelo que o individuo esperto requer o direito de tutela sobre os seus próprios filhos, oficialmente de pai incógnito, para obter o que noutro artigo da mesma lei lhe estava interdito, o que constitui um critério dualista de moral duvidosa.

«O CASAMENTO CANÓNICO DEVE ABSTRAIR-SE DO CIVIL»

Não é objectivo desta exposição o discutir ou pôr em causa o problema da dissolubilidade ou indissolubilidade do casamento canónico, mas sim apresentar a opinião de que ele se deve abstrair do civil, sem interdependência recíproca, sob o ponto de vista de que qualquer religião não deve interferir nos direitos civis dos cidadãos.

Na própria Itália, país católico por excelência, presa ao acordo de Latrão de 1929 e à respectiva Concordata, já se esboça uma campanha a favor do divórcio, que progride, como se pode tomar conhecimento por diversos periódicos estrangeiros, se bem que a Imprensa portuguesa a tal não se tenha referido.

A possibilidade de dissolução de um casamento erróneamente efectuado é muito mais moralizadora do que a sua proibição, porque evita que dois indivíduos, com razões admissíveis que a impedem, continuem a vida em comum, ao mesmo tempo que permite a cada um refazê-la a seu modo, porque o facto de ter havido um erro, não significa que ele se repita numa outra união futura, o que é comprovado na existência de inumeras ligações ilegítimas, em que um, ou os dois elementos dessa ligação, alcancem uma felicidade ou uma tranquilidade de espírito, não obtida com o matrimónio legítimo.

Para finalizar pede-se a revisão da Concordata, com separação total do acto religioso e do civil, a permitir a legalização das mancebias forçadas e a obstar ao acréscimo progressivo dos filhos de pai incógnito, perigo moral, social e nacional conforme se apontou, a lembrar que, se para qualquer crime, mesmo dos mais graves, inclusive o de assassínio premeditado e com requintes de malvadez, a lei estabelece um limite de pena, não é justo que para o simples crime de desentendimento ou de impossibilidade de permanência em comum, de dois indivíduos, essa pena seja perpétua.

Acrescente-se que a dita lei serve para encobrir actos condenáveis de indivíduos sem escrupulos, que se servem da sua irresponsabilidade legal para satisfazer os seus desejos, libertos de qualquer culpa, isentos de obrigações ou encargos, numa imunidade legal, inadmissível perante os bem formados.

Igual exposição foi, também, enviada ás seguintes entidades portuguesas:

Presidente da Republica, Presidente do Conselho de Ministros, ministro da Justiça, Patriarcado de Lisboa e Assembleia Nacional.

adopt CANAL 1

para o estudante

desenhar, pintar,
safar, escrever
e colar

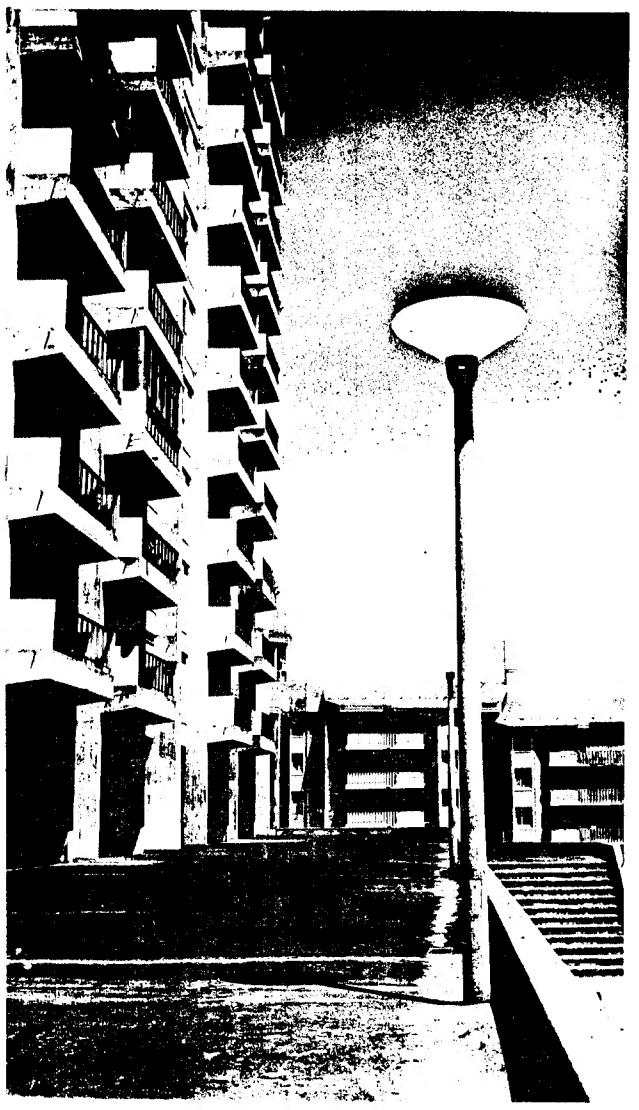
o professor aprova

Pelikan

Günther Wagner Pelikan-Werke Hannover

A HABITAÇÃO EM LISBOA

Inquérito ao Bairro dos Olivais



Há poucos anos, Olivais era terra de hortas onde despontava a couve galega e a abóbora, que seguiam para os mercados de Lisboa; campos de trigo para o pãozinho caseiro e olivais a que chegavam as senhoras e os senhores, na caleche da Companhia, tão cansados como se de viagem á Beira se tratasse. Velo-lhe o nome destes últimos e ainda lá têm logradouro as velhas carcassas, que rodeavam e compunham o ambiente rural em que Eça de Queirós situou a «Toca» e que a tradição coloca, ali bem perto, na quinta do Contador-Mor. Costuma dizer-se que o português é como o árabe: tem horror ás árvores; abate-as com cenho e raiva santos!... Felizmente, aqui houve todo o cuidado de respeitar estas características e procurar integrar o conjunto urbanístico na paisagem; mas a vegetação já não serve fins de exploração agrícola; subtraiu-se, asservilou-se a uma ideia decorativa assegurando a valorização dos parques e amenizando as vistas de quem vive com casas de cal e cimento para a frente e mais casas de cal e cimento para as costas.

Mas, parece que já não houve o mesmo cuidado em integrar pessoas na paisagem, nas casas, na cidade. Trata-se de gente e um bairro não é só aquilo que ele era; uma zona rural não se transforma de repente em bairro citadino: a gente que o vai habitar não se identifica, assim imediatamente, com as novas moradias para onde foi emigrar outra vez; há problemas de assimilação, de aclimatização, de convivência, dos novos moradores com o seu bairro e com a sua nova vizinhança. E não julgamos que, além das deficiências sérias no equipamento comercial, nos centros de convívio e nas instalações escolares, quase inexistentes, tivesse surgido o esforço educativo, o conveniente amparo na recuperação social, na promoção qualitativa da higiene e salubridade familiares das grandes massas: antigos rurais emigrados que na barraca viveram em condições tantas vezes mais precárias do que as que conheceram na província.

BANHEIRAS--CANTEIRO

E para estas se deveria deslocar toda a atenção, ensinando-lhes a serventia das coisas mais simples como os sanitários, a banheira, os utensílios de cozinha: pois são elas que compõem a maior percentagem da população, percentagem, aliás, que a lei impõe: 70% sobre as casas de renda económica. Isto é 70% sobre o resto da população de outras proveniências e de maiores recursos que objectivamente são ultrapassados mercê da existência de proles muito mais numerosas.

E dá-se, então, o caso, que tem aspectos trágicos de fábula ou de conto de José Luís Borges, que — palavra — custa a aceitar e nos põe de boca aberta (não vimos, mas confirmam-nos a veracidade): que há em Olivais Sul, nos fogos habitados por gente mais pobre, quem desconhecendo a utilidade da banheira a encheu de terra e dela fez canteiro de hortaliças e flores!..

Porque Olivais Norte e Sul é isto: cerca de 46 500 habitantes; 10 531 fogos atribuídos aos vários organismos da Previdência Social e a realojados; 1124 por iniciar; 2125 em construção; 394 construídos, mas não habitados e 6564 habitados.

O MAIOR CONJUNTO URBANO

Os números dizem respeito ao primeiro semestre de 1967 e pela informação colhida junto de técnicos responsáveis pelo plano dos Olivais não se devem encontrar suficientemente alterados quanto á sua expressão quantitativa. Se a Olivais juntarmos Chelas, que lhe é complementar no plano de urbanização da zona, verifica-se que em parte da área actualmente ocupada pelas freguesias de S. Maria dos Olivais e Marvila se implantará o maior conjunto urbano da cidade, com características e estruturas equivalentes. Com os seus futuros 120 000 habitantes ou mais e com o total de habitações em cerca de 30 000 as três malhas de Olivais e Chelas serão o terceiro concelho do País; uma população superior á de todos os concelhos, se exceptuarmos o Porto e Vila Nova de Gaia; superior á de Coimbra que somava 116 000 segundo o censo de 1960!

A propósito deste empreendimento de cuja extensão os próprios números falam, ouviu-se muita coisa, projectaram-se muitos números, há bem poucos meses aquando da visita do Presidente do Conselho. Por certo que a opinião pública esboçou para si um retrato, extasiou-se perante tal grandeza, mas terá ficado a pensar, um tanto como todos nós, que os Olivais ficavam fora de portas, lá «para Marrocos» e que as populações se integravam na cidade exclusivamente quando desciam até cá abaixo a trabalhar ou fazer compras.

Quem não ouviu murmurar que no bairro as pessoas não viviam felizes, se sentiam num deserto, abandonadas, com escassos transportes e caros e que os táxis se recusavam amiúde a efectuarem viagens para lá e lá circularem?

A primeira impressão que sente quem vai de fora é de solidão: andam-se metros sem ver vivalma, sem ouvir nas fachadas dos prédios um barulho, um riso humano; sobretudo para o interior da malha de Olivais Sul tem-se a sensação de estar calcando terreno virgem; parques, árvores e relva saíram nesse mesmo instante do mundo de Alice no País das Maravilhas e fica-se inquieto com o encontro de um grupo de crianças. As características dominantes da zona residencial originam certo clima disfusivo, a acomodação e a familiarização com as zonas limítrofes da casa torna-se difícil ainda para muitos habitantes. Os espaços verdes sem uma quebra de linha, sem uma montra, uma curiosidade, uma renovação acidental, a que se seguem outros espaços verdes tendem a criar um espírito obsessivo nos indivíduos e a dar uma impressão de instabilidade. E tanto mais natural que isto aconteça nos Olivais porque até agora as pessoas habituavam-se a ver os seus espaços de convívio e de habitação repartidos pela mão do geómetro. Linhas de xadrez, braços de esquadro e compasso, horizontais e paralelos. Uma casa definiria outra e o conjunto destas a rua.

Por isso era natural ouvirmos na vintena de pessoas que interrogámos a queixa de se sentirem mal fora de casa, que lhe faltavam ruas e, afora os miúdos, saíam poucas vezes Mas este é problema que analisaremos mais adiante

À falta de estruturas que assegurem o bom funcionamento do conjunto (em que não entra só a habitação como elemento único). Terão os moradores de continuar a sofrer privações até que a solução apareça e se ponham de pé os centros cívicos-comerciais. Mas estes não serão um dom gratuito, efectivamente são o segundo acto do compromisso que a Câmara assinou com cada um dos moradores

70 % DOS FOGOS PARA A POPULAÇÃO DE MENORES RECURSOS

Como esclarece a nota de abertura do Boletim n.º 1 do Gabinete Técnico da Habitação a urbanização dos Olivais foi imposta pelo Decreto-Lei 42 454 de 18 de Agosto de 1959 e que visa a resolução em Lisboa do problema da habitação económica. A migração rural dos ano cinquenta agravava dia a dia a crise habitacional na cidade e as velhas estruturas urbanas não comportavam a explosão demográfica deteriorando o equilíbrio instável entre a existência e a procura de casas. Daí a elevada especulação em volta dos terrenos, a subida vertiginosa das rendas de casa, o fulgurante crescimento dos núcleos suburbanos e o expediente da sublocação e em casos extremos o caminho do bairro da lata.

Com vista a pôr cobro a semelhante estado de coisas foi a Câmara autorizada a contrair um empréstimo de 200 000 contos na Caixa Geral de Depósitos e iniciou-se o estudo dos planos de urbanização.

Os lotes depois de edificados são directamente alienados a diversas instituições de assistência, abrangendo 70% dos fogos previstos. Até ao 1.º semestre de 1967 a atribuição de fogos por cada uma das entidades visadas era o seguinte: Federação das Caixas de Previdência — 3500; Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência — 1101; Fundação Cardeal Cerejeira — 322; Caixa de Previdência do Min. da Educação Nacional — 278; Cofre de Previdência do Min. das Finanças — 226; Serviços Sociais das Forças Armadas — 199; Serviços Sociais da P. S. P. — 158; Cofre Geral dos Tribunais do Min. da Justiça — 73; Serviços Sociais da G. N. R. — 48; Montepio da P. S. P. — 32. O Município que tem direito a um número de habitações (dentro destes acordos com as instituições de previdência) destinadas ao realojamento de famílias atingidas por obras de urbanização que pode ir até aos 30% (2197 fogos atribuídos).

Seguindo o mesmo n.º 1 do Boletim, «o remanescente será reservado para alienação por hasta pública, em conformidade com a legislação vigente, ás cooperativas de habitação e á indústria de construção civil, que assim se pretende ver associadas ao esforço a intentar e para o realojamento dos que habitam em bairros de lata».

As habitações são distribuídas em quatro categorias: 40% para aluguer entre 200 a 300 escudos; 30% para aluguer de 400 a 600 escudos; 20% para aluguer entre 700 e 900 escudos e, finalmente, 10% para alugueres até 1500 escudos.

As condições de atribuição de casas aos sócios dos vários cofres ou aos chefes de família beneficiários das Caixas são as impostas pela lei, diferindo, apenas, no pormenor da aplicação das normas que fixam duas constantes que podemos considerar universalmente válidas; agregados com o menor rendimento «per capita» ou não menor que três vezes e meia o valor da renda a pagar ou não maior que seis vezes e com o maior número de filhos ou pessoas a seu cargo.

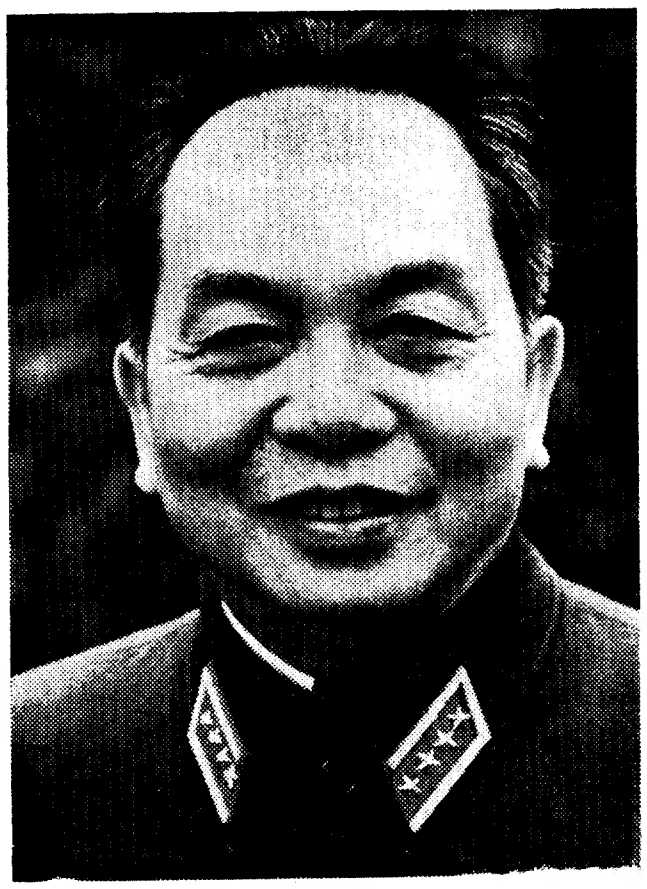
O número total de divisões para as quatro categorias de fogos varia de 6 a 15 e o número de quartos de cama de 2 a 7.

Nestes bairros dá-se portanto uma concentração de grupos sociais de nível económico muito baixo. Por outro lado estima-se em valores próximos de 80% a população de Lisboa equivalente ás categorias mais baixas, onde ainda entra uma outra, até agora aqui não mencionada especificamente, a categoria O. Destina-se esta a realojados de bairros de lata e das zonas expropriadas pelas obras da ponte sobre o Tejo e atinge as cifras de 2079 fogos atribuídos e 1918 habitados, estando as rendas fixadas em valores abaixo de 200 escudos. Também para estas populações que vivem em barracas o inquérito «aos bairros da lata» feito pelo Serviço de Investigação do Gabinete Técnico da Habitação nos dá percentagens elucidativas do potencial económico aferido sobre 12 022 famílias: verificou-se que 20% tinha rendimentos mensais inferiores a 600 escudos; 15% de 600 a 800 escudos; 14% de 800 a 1000 escudos; 29% de 1000 a 1500 escudos; 12% de 1500 a 2000 escudos e 9% superiores a 2000 escudos.

1% não respondeu ou deu valores negativos.

Isto é, 91% das famílias declararam ter proventos mensais inferiores a 2000 escudos!

Alfredo Santos Marques



A nova táctica de Giap surpreende os E. U. A.

O Vietnam do Norte está a pedir às forças de guerrilha do Sul que assumam papel mais importante na guerra.

Giap, ministro da Defesa de Hanói, reclamou pela Rádio, um reforço das «forças regionais, de guerrilha e da milícia».

Segundo certos sectores americanos esta nova estratégia podia presagiar um considerável prolongamento das «tréguas» concedidas há oito semanas, entrecortadas apenas por breves combates e esporádicos actos de terrorismo. O que os americanos ignoram é se estas «tréguas» prolongadas serão o prelúdio de um solução diplomática da guerra, ou, pelo contrário, o prelúdio de um reacender das operações, segundo nova óptica estratégica.

A Casa Branca anunciou que os norte-americanos aguardam os acontecimentos e, logo que virem uma nítida diminuição de infiltrações norte-vietnamianas, tencionam proceder a uma retirada mais acelerada: no entanto, a primeira retirada, iniciada a 8 de Junho, não está ainda completa.

Hanói, que abandonou totalmente a ficção da não intervenção no Sul, está agora apostada na táctica das «pequenas unidades». Segundo declarações de Giap, as forças locais desempenhar-se-iam das operações, reservando para as tropas regulares as acções de grande ofensiva.

Giap nunca explicou a necessidade da mudança de táctica agora operada. Mas, por outras indicações provenientes de Hanói, soube-se que os quadros comunistas do Sul têm sofrido perdas severas. No entanto, apesar disso, o apelo feito por Giap requer uma participação ainda mais activa dessas forças. Porquê?

Duas hipóteses, para já, são de admitir:

— ou as tropas regulares do Vietnam do Norte se encontram muito desfalcadas;

— ou Hanói procura preservar as suas tropas para ulterior utilização.

Esta última hipótese parece ser a mais aceitável a acreditarmos nas palavras de Giap, que declarou: «O nosso Exército principal, particularmente no domínio das armas modernas e em secções como a defesa antiaérea e as forças armadas, desenvolveu-se notàvelmente em muito pouco tempo».

No sector americano, as opiniões dividem-se, quanto ao significado destas declarações de Giap. Ainda muito recentemente, o primeiro-ministro Phan Van Dong teria dito que em 1970 o povo vietnamiano iria iniciar a fase mais selvagem das operações militares de toda a guerra.

Uns entendem, pois, que a guerrilha ficará agora incumbida do «andamento» da guerra, a fim de que o Exército regular norte-vietnamiano agora mais aperfeiçoado, possa preparar-se devidamente para a tal «fase mais selvagem de toda a guerra».

Outros crêem, no entanto, que esta declaração seja uma autêntica «guerra psicológica».

Por agora, Hanói conserva as suas opções. O que mais intriga os técnicos americanos é saber, no entanto, quanto tempo poderá ainda o Vietnam do Norte manter a actual guerra de desgaste das suas forças, no Sul.

(Exclusivo «The Washington-Post» «Diário de Lisboa»)

A criação do bacharelato e o recrutamento de professores

AFONSO PRAÇA

Passado quase um ano sobre a criação do bacharelato nas nossas Faculdades de Letras (acompanhada de pequena arrumação de disciplinas a que muitos chamaram logo «reforma») parece oportuno perguntar em que medida aquele grau académico começou já a cumprir a sua função ou, seja, a facilitar o recrutamento de diplomados para as várias (e poucas são, como se sabe) actividades, principalmente o ensino

Salientou-se, na altura, que o novo plano de estudos viria resolver o problema dos licenciandos que, logo após a conclusão do curso, ou mesmo antes, começaram a trabalhar como professores em escolas do ensino secundário. Afastada a obrigatoriedade de apresentar a dissertação de licenciatura para frequentar o estágio, ficou, assim, legalizada a situação de milhares de pessoas que passaram a ter direito ao diploma de bacharel em Letras e consequentes regalias

É evidente que estas medidas não resolveram o problema da crise de professores do ensino secundário, até porque os frutos da pequena «reforma» do ano passado só poderão ser encarados a longo prazo Além disso, recorda-se que, se há falta de professores, não há falta de pessoas com as habilitações necessárias para o desempenho legal dessa função. O problema reside, essencialmente (e isto não é novidade para ninguém) na exiguidade de vencimentos, numa certa instabilidade social e económica que se acentua, num desalento que leva muitos dos jovens licenciandos e licenciados em Letras a procurarem outras actividades para as quais lhes não é exigido qualquer «canudo».

Por outro lado, é também evidente que a arrumação de disciplinas e a criação do bacharelato não dispensam a grande reforma que as Faculdades de Letras aguardam, integrada numa verdadeira reforma de todo o ensino superior, para que tal aconteça, porém, parece ser ainda muito cedo.

À PROCURA DA REFORMA

Pouco depois de anunciado o novo esquema de estudos que passou a vigorar nas Faculdades de Letras, o Conselho de Ministros, em face da necessidade de uma reforma do ensino superior, deliberou que «a sua elaboração seja precedida de um amplo inquérito a realizar pelo Ministério da Educação Nacional, dentro e fora dos meios universitários, de modo a esclarecer devidamente os problemas a resolver e as necessidades a satisfazer».

Perante tão acertada decisão, o País ficou à espera, tanto do inquérito como da reforma que virá a seguir. Com efeito, no último Conselho de Ministros, realizado a 5 deste mês, o ministro da Educação Nacional deu conta, segundo relataram os jornais, «do que ocorreu com o inquérito ao ensino superior ordenado no começo do ano lectivo e cujo questionário só lhe veio a ser presente pela comissão dele encarregada em 1 de Maio, altura em que não era já praticável a sequência das operações. Informou sobre as diligências feitas para apurar as necessidades, aspirações e tendências desse ramo de ensino e dos trabalhos em curso para ocorrer às mais prementes urgências dele, de modo a procurar-se o funcionamento normal dos estabelecimentos existentes. Deu notícia das reformas que estão em estudo e que espera concretizar dentro dos próximos meses».

Em resumo, e apesar de o noticiário então publicado não permitir uma informação mais concreta, conclui-se, pois, que houve «diligências para apurar as necessidades, aspirações e tendências desse ramo de ensino» e que estão em estudo reformas cuja concretização se espera dentro dos próximos meses.

Deste modo, não é exagero afirmar que, num futuro breve (Outubro, Novembro ou mesmo antes) teremos novidades no ensino superior. Será já a tão falada reforma?

DESVIO NA FUNÇÃO

Mas voltemos às Faculdades de Letras, com seus bacharéis, licenciandos e licenciados, sem esquecer os que, não tendo chegado a nenhum destes «degraus», ficaram pelo caminho.

Dos primeiros não reza ainda a história, tão curta é, mas sem dúvida que o bacharelato contém aspectos muito louváveis. Os segundos terão de apresentar a dissertação de licenciatura ou, então, pedir o diploma de bacharel que, neste caso (os cursos têm cinco anos) ficará muito mais caro. Quanto aos últimos, os que ficaram pelo caminho, quem sabe deles? Cada um foi para onde pôde e alguns tiveram de esquecer muita inutilidade bizantina antes de se agarrarem a trabalho com que nunca haviam sonhado. Evidentemente que a outros foi pedido que recordassem e ampliassem conhecimentos adquiridos, como é o caso (muito frequente em Filologia Germânica) dos que enveredaram pelo caminho da tradução, quer seja comercial, técnica ou literária.

Não se conclua, porém, que as Faculdades de Letras existem para formar tradutores, secretárias de empresa com conhecimentos de línguas ou intérpretes. Em muitos casos, é apenas isso que acontece, mas trata-se de mais um aspecto do desvio que aquelas Faculdades sofreram na sua função.

Mas o produto mais acabado das Faculdades de Letras é, sem dúvida, o licenciado, o tradicional «dr.» neste País tão rico de tradições. O destino mais certo que o espera é, sem dúvida, o magistério secundário e ocorre perguntar se ele estará preparado para tal. O que todos sabemos é que o jovem licenciado que entra para o ensino terá de esquecer muitas coisas e aprender outras, até conseguir o equilíbrio e a clareza que lhe permitam ser um bom professor.

Na sua obra «Para a História da Cultura em Portugal», escrevia António José Saraiva em 1961: «*A Faculdade de Letras é o exemplo típico da escola cujo ensino não teria sequência, nem continuidade, nem aplicação, nas funções do organismo português. É como um viveiro de peixes cujo destino fosse a morte ao ar livre. Mais ou menos voluntàriamente, esta escola tem-se transformado numa escola de preparação do magistério secundário. Mas quem poderá afirmar que, tanto pela matéria das suas aulas, como pelo programa das disciplinas, como pela organização interna, como pela preparação exigida aos seus professores, ela satisfaça as condições mínimas de uma escola deste tipo.*»

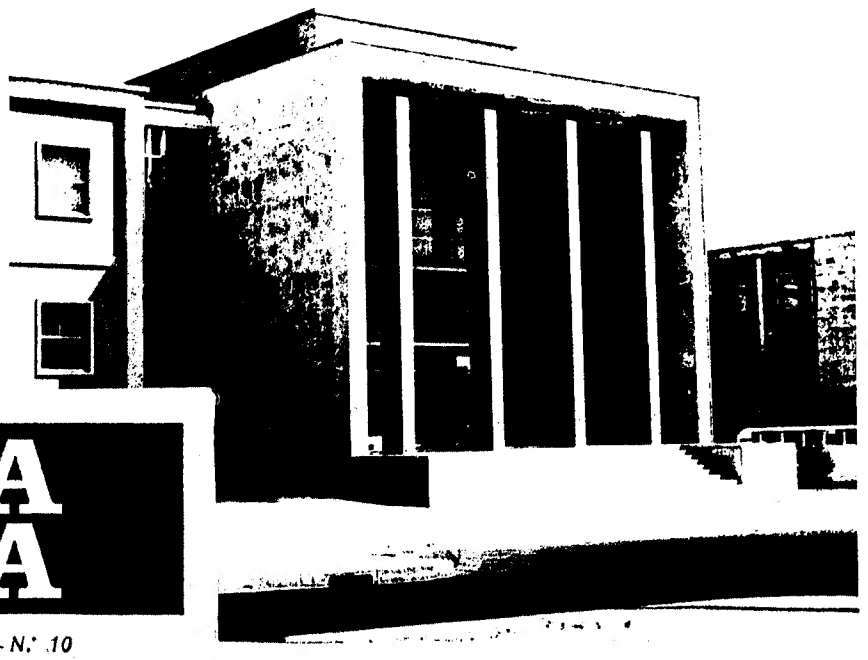
Outro caminho que se abre aos licenciados em Letras é, teòricamente, a investigação. Mas pergunta-se: a quantos são facultadas as condições que a investigação exige?

O EXEMPLO DE LISBOA

Seja como for, a população estudantil das Faculdades de Letras aumenta de ano para ano, principalmente em cursos (Filologia Germânica, na Faculdade de Letras de Lisboa, v. g.) onde é mais evidente o desvio que aquelas escolas sofreram na sua função, a ponto de as instalações serem já insuficientes.

E também aqui o caso de Lisboa serve de exemplo. Inaugurado em 14 de Outubro de 1958, o novo edifício da Cidade Universitária foi saudado pelo então director interino da Faculdade, prof. dr. Délio dos Santos que se congratulou com o facto de, enfim, a Faculdade possuir «*instalações condignas, com amplos recursos didácticos e de investigação, propícias a um grande número de estudos diversificados e especializados*», tendo-se ainda referido às «*instalações apropriadas a uma digna realização dos altos fins da nossa actividade docente.*»

Onze anos depois, que actualidade têm estas palavras? Quem acompanhou, nos últimos anos, a vida da Faculdade, poderá responder. Acrescenta-se, entretanto, que o número de alunos para que foi projectada subiu para quase o dobro, as salas construídas na cave não passam de um remédio e o quadro docente, muito reduzido, não tem já condições para uma «digna realização dos altos fins da sua actividade».



DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 22 DE AGOSTO DE 1969 — N.º 10